A Ornamentação das Núpcias Espirituais

João de Ruysbroeck

João de Ruysbroeck

A Ornamentação das Núpcias Espirituais.

Tradução: Souza Campos, E. L. de

VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2023

Créditos

Título original: *L'ornement des noces spirituelles*

Autor : Jan van Ruysbroeck

Tradutor: Souza Campos, E. L. de

Da tradução do flamengo para o francês feita pelos beneditinos de Saint Paul de Wisques, Oosterhout, Holanda.

© 2023 Valdemar Teodoro Editor : Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são permitidas, desde que citada a fonte.

A Ornamentação das Núpcias Espirituais

João de Ruysbroeck

LIVRO I

A vida ativa

PRÓLOGO

Vejam que vem o Noivo. Saiam ao seu encontro.

Vejam que vem o noivo! Saiam ao seu encontro![1]

Estas palavras relatadas pelo Evangelista São Mateus foram pronunciadas por Cristo aos seus discípulos, assim como a todos, na parábola das virgens.

Cristo é o Noivo e a natureza humana é a Noiva, criada por Deus à sua imagem e semelhança e colocada por ele, desde a origem, no lugar mais digno, o mais belo, o

---

[1] Mateus 25: 6. *Ecce sponsus venit. Exite obviam ei*.

mais rico e o mais fértil da terra, que é chamado de Paraíso.

Deus submeteu, a essa natureza humana, todas as criaturas, a ornamentou com graças, lhe deu um preceito que, observado, deveria lhe assegurar a união para sempre, estável e fielmente com seu Noivo, bem como a libertação de toda dor, de todo sofrimento e de toda falta.

Então veio um enganador, o inimigo infernal que, cheio de inveja, assumiu a forma de uma serpente maligna e enganou a mulher e ambos enganaram o homem, em quem estava toda a natureza humana.

Assim, o inimigo, com seus falsos conselhos, arrebatou essa natureza, a Noiva de Deus e ela foi exilada para uma terra estrangeira, onde se tornou pobre e miserável, cativa e oprimida sob o jugo dos seus inimigos, como se ela não devesse retornar jamais para sua pátria e nem receber o perdão.

Mas, quando Deus viu que havia chegado o tempo e os sofrimentos de sua bem-amada o encheram de piedade, ele enviou seu Filho único à terra, para um rico palácio e um templo glorioso: o ventre da Virgem Maria.

Lá, o Filho desposou sua noiva __ a nossa natureza __ e a uniu à sua pessoa, do sangue puríssimo da nobre Virgem[2].

O sacerdote que presidiu estas núpcias foi o Espírito Santo. O anjo Gabriel fez as proclamas destas bodas e a gloriosa Virgem deu seu consentimento a ela.

Assim, Cristo, nosso fiel Noivo, se uniu à nossa natureza. Ele nos visitou na terra de exílio, ele nos ensinou de uma maneira celeste e com uma fidelidade perfeita.

Ele trabalhou e combateu, como um valoroso campeão, contra nosso inimigo. Ele destruiu a prisão e, ao obter a vitória, destruiu, com sua morte, nossa própria morte. Seu sangue nos resgatou e a água do batismo nos libertou. Com seus sacramentos e seus dons, ele nos concedeu uma riqueza, para que, ornamentados com todas as virtudes, possamos sair, como ele disse, ao seu encontro no palácio da sua glória, para nele desfrutarmos dele para sempre, por toda a eternidade[3].

---

[2] Cf. São Tomás de Aquino. Suma teológica, IIIa, quaest. XXX, art. I : *Foi apropriado que se anunciasse à Beatíssima Virgem que ela conceberia Cristo... para mostrar que existe uma espécie de casamento espiritual entre o Filho de Deus e a natureza humana e, portanto, através do anúncio, o consentimento da Virgem foi esperado em vez de toda a natureza humana*.

[3] Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*. Cap. II.

Eis então que Cristo, o mestre de toda verdade, nos diz: *Vejam que vem o Noivo! Saiam ao seu encontro!*

Com estas palavras, Cristo, que nos ama, nos ensina quatro coisas. Primeiro, ele nos dá um preceito, ao dizer: *Vejam!* Aqueles que permanecem cegos e negligenciam este preceito estão todos condenados.

Com a segunda parte da frase: *o Noivo*, ele nos mostra o que devemos ver, ou seja, a vinda do Noivo.

Em terceiro lugar, ele nos ensina e nos prescreve o que temos que fazer, quando ele diz: *Saiam!*

Em quarto lugar, ao acrescentar: *ao seu encontro,* ele nos mostra que benefício e que utilidade deve nos propiciar todo o trabalho de nossas vidas, se a direcionarmos para o encontro amoroso com o Noivo.

Estas palavras, vamos explicar e desenvolvê-las de três maneiras. Primeiramente, segundo o modo comum à vida dos iniciantes, que é chamada de vida ativa e que é necessária a todos aqueles que querem ser salvos. Depois, ao aplicá-las a uma vida interior, elevada e afetiva, à qual, muitos chegam através das virtudes e da graça de Deus. Em terceiro lugar, por fim, poderemos entendê-las como uma vida superessencial e de contemplação divina, que

poucas pessoas atingem e podem desfrutar, por causa da altura e nobreza desta vida.

CAPÍTULO 01

Três coisas necessárias para que se possa ver na vida ativa[4].

Desde o princípio, Cristo, Sabedoria do Pai, fez ouvir umas palavras que ele repete a cada um no íntimo da alma e estas palavras são: “Veja, pois é necessário ver”.

Ora, observe bem que, para ver, seja com o corpo seja com o espírito, três coisas são requeridas.

Primeiramente, para ver corporalmente, é preciso que a luz do céu ou qualquer outra luz material ilumine o ar, o meio onde acontece a visão[5]. Depois, que a vontade livre permita aos olhos apreenderem as imagens do que está presente à visão. Por fim, os olhos devem ser saudáveis e sem máculas, para que os objetos materiais possam neles se refletir de uma maneira sutil.

---

[4] Este é o título na tradução latina de Jordaons e ele traduz melhor o conteúdo deste capítulo do que o David.

[5] Isto está em relação com a teoria de Aristóteles sobre a natureza da luz. Cf. F. HEDDE, *La Lumière d'après les anciens*. Rev. Thom., 1912, p. 224-229.

Se falta à pessoa uma destas três coisas, ela não é capaz de ver corporalmente.

Não diremos mais nada e passaremos às condições necessárias para ver espiritualmente e de uma maneira sobrenatural, que é o que consiste toda nossa beatitude.

Essas condições requeridas são em número de três. Primeiramente, a luz da graça. Depois, a ação da vontade livre que se volta para Deus. Por fim, uma consciência que se purifica de todo pecado mortal[6].

Ora, é preciso saber que Deus é um Bem comum a todos e que seu amor imenso se espalha universalmente[7]. Assim, ele dá sua graça de duas maneiras: a graça preveniente e a graça que faz merecer a vida eterna.

A primeira é dada comumente a todas as pessoas: pagãos e judeus, bons e maus. Em razão do seu amor universal, Deus quis que seu nome e a salvação dada por ele ao gênero humano fossem pregados e manifestados até os

---

[6] A tradução de Jordaens acrescenta esta explicação: *Para a visão sobrenatural, pela qual o ímpio é justificado e a partir da qual começa a vida ativa, são necessárias três coisas: a infusão da luz da graça, a livre conversão da vontade a Deus, que também é chamada de movimento do livre arbítrio em direção a Deus e a limpeza da consciência, que também é chamada de movimento do livre arbítrio em pecado*. Esta é a doutrina tradicional da Escola sobre a justificação. Cf. São Tomás de Aquino. Suma teológica, Ia IIae, q. 113. É preciso observar, no entanto, que o objetivo do nosso autor é expor, não a justificação em geral, mas a justificação do pecador após o Batismo, através do sacramentoda Penitência.

[7] Cf. São Tomás de Aquino. Suma teológica, III, q. 46, a. 2, ad 3 : *Deus é o bem supremo e comum de todo o universo*.

confins da terra. Quem quiser se voltar para ele pode se converter.

Todos os sacramentos __ o batismo e os outros __ estão à disposição de todas as pessoas que querem recebê-los, cada um segundo suas necessidades, pois Deus quer salvar a todas, sem perder nenhuma.

É por isto que no dia do julgamento ninguém poderá se queixar que não se fez o suficiente por ele, se ele queria realmente se converter.

Desta forma então, Deus é uma claridade e uma luz que se dirige a todos e que iluminam cada um no céu e na terra, segundo suas necessidades e sua dignidade.

Mesmo que Deus seja para todos e que o sol dê sua luz comumente a todas as árvores, muitas destas permanecem estéreis e outras dão frutos selvagens que são de pouca utilidade para as pessoas. É por isto que estas árvores são cortadas e nelas enxertadas ramos férteis, para que eles produzam frutos bons e saborosos.

O ramo fértil retirado do paraíso vivo do reino eterno é a luz da graça divina. Nenhuma obra pode ser saborosa ou útil à pessoa, se ela não proceder dele.

Ora, a graça que torna a pessoa agradável a Deus e a faz merecer a vida eterna é oferecida a todos, mas ela não

é implantada em todos, pois há aqueles que se recusam a cortar seus ramos selvagens, ou seja, sua infidelidade ou sua vontade perversa, contrária aos mandamentos.

Para que o ramo da graça divina seja enxertado em nossa alma, três coisas são necessárias: a graça preveniente de Deus, uma vontade que se inclina livremente, uma consciência que se purifica.

A graça preveniente é para todas as pessoas, pois é um dom de Deus, mas nem todos apresentam uma vontade dócil e nem uma consciência que se purifica e por isto são privados da graça que os faria merecer a vida eterna.

A graça preveniente faz sua moção ser sentida no exterior e no interior. Ela se apresenta exteriormente sob a forma da doença, da perda dos bens temporais, do abandono dos amigos e dos próximos, das afrontas públicas. Ou então esta moção se faz sentir por ocasião das pregações, dos bons exemplos dados pelos santos e pelas pessoas de bem, de palavras e ações que nos são relatadas sobre eles, de sorte que a pessoa é assim levada ao conhecimento dela mesma. Esta é a moção exterior de Deus.

Às vezes também a pessoa é tocada interiormente pela meditação sobre as dores e os sofrimentos de Nosso

Senhor, bem como sobre os dons de Deus com relação a ele e com relação a todas as pessoas. A visão de seus próprios pecados, da brevidade da vida; o temor à morte, ao inferno e às dores eternas; o pensamento sobre as alegrias celestes, a paciência com a qual Deus a poupou, apesar dos seus pecados e a demora na conversão; a contemplação, enfim, das maravilhas espalhadas no céu, na terra e em todos os seres; tudo isto são obras da graça preveniente de Deus, que tocam a pessoa no exterior e no interior, de mil maneiras.

Além disto, há nela uma inclinação natural profunda para Deus que vem da centelha da alma[8] e da razão superior e que sempre deseja o bem e odeia o mal.

Sob estas diversas formas, Deus move cada um segundo suas necessidades e segundo lhe é necessário e assim, a pessoa é às vezes atingida tão vivamente que se torna atenta, se mantém no temor e faz considerações sobre ela mesma. Tudo isto é também graça preveniente e não graça do mérito.

A graça preveniente cria então uma disposição para receber a outra graça que faz merecer a vida eterna, desde

[8] Sobre a centelha da alma, lembrar-se do que foi dito no *Livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 25. Pedro Lombardo também atribui a esta centelha da alma a tendência natural ao bem (Cf. *II Sentent*. D. XXXIX, c. 3).

que a alma esteja livre da má vontade e de obras perversas e que, advertida e tomada pelo medo, ela se pergunte o que deve fazer, ao mesmo tempo em que volta seus olhares para ela mesma, para Deus e para suas próprias más ações. Daí nasce uma dor natural pelo pecado e uma boa vontade natural. Isto é o ápice da graça preveniente.

Quando a pessoa faz o que pode, mas sua própria fraqueza a impede de ir adiante, cabe à infinita misericórdia de Deus completar a obra[9]. Então aparece uma luz superior de graça divina, semelhante a um raio de sol que entra na alma, sem mérito de sua parte e sem que ela possa desejar nada de tão elevado, pois nessa luz, é Deus que se dá, com uma bondade e liberalidade totalmente gratuitas e que nenhuma criatura pode merecer antes de possuir. E isto é na alma uma operação instantânea, uma operação misteriosa de Deus que a move inteiramente, bem como todas as suas forças.

Aqui, não se trata mais da graça preveniente, mas da outra graça que é uma luz sobrenatural.

Esta luz é o primeiro elemento requerido para que se possa ver sobrenaturalmente e daí nasce o segundo elemento, que vem da alma. É, em um instante, o livre

[9] Cf. *Royaume des Amants de Dieu*. Cap. XIII.

retorno da vontade, que então dá nascimento à caridade, o laço de amor entre Deus e a alma.

Estes dois elementos estão tão ligados um ao outro que não podem ser completados separadamente. Quando Deus e a alma se unem na unidade do amor, há Deus que, acima do tempo, espalha sua luz e a alma, que, em um curto momento, sob o impulso da graça, dá seu livre retorno e, no mesmo ato, nessa alma nasce a caridade, ao mesmo tempo de Deus e da própria alma, pois a caridade é um laço do amor entre Deus e a alma amorosa.

Destes dois elementos __ a graça e o livre retorno da vontade iluminada pela graça __ procede a caridade, o amor divino. Por fim, deste amor nasce o terceiro elemento: a purificação da consciência.

Estas três coisas se unem tão bem que uma não pode permanecer muito tempo sem a outra, pois aquele que possui o amor de Deus tem, por isto mesmo, um arrependimento absoluto por seus pecados.

Podemos então compreender em que relações estão Deus e a criatura. Enquanto Deus dá sua luz, a pessoa, sob a influência desta luz, faz um retorno voluntário e completo e assim nasce o perfeito amor de Deus.

Depois, do amor procedem a contrição perfeita e a purificação da consciência, pois é porque ela ama Deus que a pessoa, percebendo seus pecados e as máculas da sua alma, experimenta um desprezo por si mesma e pelas suas própria ações.

É assim que se faz então a conversão. A caridade faz nascer a contrição, que é uma dor perfeita pelo mal que já foi cometido, assim como uma vontade ardente de não pecar no futuro e de sempre servir Deus em uma humilde obediência. Depois vem a confissão sincera, sem reticências, sem duplicidade e sem fingimento e a satisfação inteira, segundo o conselho de um sacerdote esclarecido. Por fim, vem a dedicação à prática da virtude e das boas obras.

Estas diversas condições, como se acaba de enumerar, são necessárias para enxergar divinamente. Se você as possui, Cristo o faz ouvir esta palavra: “Veja!” E você se torna realmente um vidente.

Esta é a primeira das quatro palavras principais ditas por Cristo Nosso Senhor: “Veja!”

CAPÍTULO 02

Como podemos saber as três maneiras segundo as quais Cristo vem.

Cristo nos mostra em seguida o que devemos ver, ao nos dizer: *vem o Noivo*.

A palavra latina *venit*, que é empregada aqui e que se refere comumente aos tempos passado e presente, também se aplica, nesta circunstância, ao tempo futuro.

Devemos saber, de fato, que há três vindas de Jesus Cristo, nosso Noivo. Na primeira, ele se fez humano para o bem de todos e por amor. A segunda, que é cotidiana, se renova frequentemente e de mil maneiras em cada coração amoroso, tomando a forma de graças e de dons novos, segundo a capacidade cada um. A terceira se realizará no julgamento final ou no julgamento particular, na hora da morte.

Ora, nestas diversas vindas, é preciso considerar três coisas: a causa e o porquê, o modo interior e a obra exterior[10].

[10] Ruysbroeck parece se inspirar aqui na seguinte passagem de São Bernardo: *Portanto, irmãos, é apropriado olhar com paixão três coisas: o trabalho, o método e a causa. Pois, de fato, a paciência é recomendada no trabalho, a humildade nas maneiras e a caridade na causa. Sermo in fer*. IV Hebd. Sanctae. Nos três capítulos seguintes, nosso autor só fará desenvolver as três virtudes indicadas aqui por São Bernardo.

O porquê da criação dos anjos e dos seres humanos está na bondade infinita de Deus e em sua munificência, que o levaram a revelar às criaturas racionais sua própria beatitude e soberana riqueza, para que elas possam saboreá-lo no tempo e desfrutar dele na eternidade.

Em seguida, se ele se fez humano, foi em razão do seu inconcebível amor e da infelicidade do gênero humano, em que tudo era perversão desde a queda original e sem esperança de melhorar.

Mas há vários motivos que levaram Cristo, segundo sua divindade e sua humanidade, a realizar tantas obras na terra. Primeiramente, seu amor divino sem medida. Depois, o amor criado ou caridade, que ele possuía em sua alma, em virtude de sua união com o Verbo Eterno e os dons perfeitos que seu Pai lhe havia concedido. Em seguida, a grande infelicidade da natureza humana. Por fim, a glória do Pai celeste. Estas são as razões da vinda de Cristo, nosso Noivo e das obras que ele realizou tanto no exterior quanto no interior.

É preciso em seguida considerar o mundo segundo o qual Cristo se conduziu interiormente e realizou suas obras exteriormente, para que possamos imitar, segundo nosso poder, suas virtudes e suas ações virtuosas.

Se olharmos sua divindade, o modo dela é inacessível e incompreensível. Sem cessar, o Verbo nasce do Pai e é nele e por ele que o Pai conhece e cria, ordena e rege todas as coisas no céu e na terra.

Ele é, de fato, a Sabedoria do Pai e ambos produzem um só Espírito, um só Amor que é seu laço mútuo e o de todos os santos e de todas as pessoas justas, no céu e na terra.

Deste modo, não falaremos mais, para nos determos naquele que Cristo possuía em sua humanidade criada, por causa dos dons divinos. Ora, este modo é múltiplo e havia em Cristo tantos modos interiores quanto ele possuía de virtudes, com cada uma tendo o seu próprio.

Em sua alma santa, virtudes e modos ultrapassam tudo o que uma criatura pode conceber ou compreender. Examinaremos, no entanto, três destas virtudes: a humildade, a caridade e a paciência nas dores, sejam interiores, sejam exteriores. Estas são, aliás, três raízes principais às quais ligam todas as virtudes e toda perfeição.

CAPÍTULO 03

Os dois tipos de humildade em Cristo[11].

Havia em Cristo, visto como Deus, uma dupla humildade.

Da primeira, ele deu prova ao se fazer humano e ao tomar pessoalmente a natureza humana, para se unir a ela, apesar dela ter sido banida e engolida até o fundo do inferno, de sorte que toda pessoa boa ou má pôde dizer: "Cristo, Filho de Deus, é meu irmão".

O segundo tipo de humildade em Cristo foi ele tomar como sua Mãe, não a filha de um rei, mas uma pobre virgem que se tornou assim a Mãe de Deus e Daquele que é o Senhor do céu, da terra e de toda criatura.

Podemos acrescentar que todas as obras de humildade realizadas por Cristo foram feitas pelo próprio Deus.

Considerando em seguida a humildade que reinou em Cristo segundo sua humanidade, sob a influência da graça e dos dons divinos, vemos que sua alma, com todas as suas forças, se inclinou com respeito e veneração pe-

[11] Jordaens começa este capítulo com esta frase: *Em Cristo, de acordo com a natureza gêmea, encontra-se a humildade, ou seja, a humildade mais digna da divindade e a humildade mais perfeita da humanidade*.

rante o alto poder do seu Pai e um coração que se inclina assim é um coração humilde.

Assim, Cristo realizou todas as suas obras em honra e em louvor ao seu Pai, não buscando em nada sua própria glória humana.

Ele obedeceu humildemente à antiga Lei e suas prescrições, às vezes mesmo a simples costumes, quando isto era útil. Ele foi circuncidado, apresentado ao Templo, resgatado segundo o costume e pagou os impostos a César, como os outros judeus.

Ele se submeteu com toda humildade à sua Mãe e a São José, os servindo com uma sincera deferência em todas às suas necessidades.

Ele escolheu, como companheiros de suas andanças apostólicas, pobres e desprezados, para converter o mundo e fez deles, seus Apóstolos. No meio deles, ele manteve sua atitude de humilde rebaixamento para com todas as pessoas. Assim, ele estava pronto para socorrer todo aquele que estivesse na infelicidade interior ou exterior, se mostrando servidor de todos.

É isto então o que nos aparece logo de início em Cristo, nosso Noivo.

CAPÍTULO 04

A caridade em Cristo.

A segunda virtude a considerar em Cristo é a caridade, princípio e fonte de todas as outras. Ela manteve as forças superiores de sua alma em um tranquilo silêncio e as fez desfrutarem da própria beatitude que ele desfruta agora.

Sob a ação desta caridade, Cristo se elevava incessantemente para seu Pai, com toda reverência e louvor, com amor e ardente intercessão pelas necessidades de todas as pessoas e ele ofereceu todas as suas obras à honra do seu Pai.

Esta mesma caridade o inclinou também, com uma amorosa fidelidade e uma grande bondade, para toda necessidade humana, física ou espiritual. Assim, ele deu a todos, em sua própria vida, o exemplo que eles tinham que seguir.

A todas as pessoas bem dispostas ele dispensou o alimento espiritual da doutrina da verdade que se dirige à alma e, ao mesmo tempo, ele deu aos seus próprios sentidos, externamente, o espetáculo dos seus milagres e dos seus prodígios.

Às vezes, ele lhes propiciou o alimento material, que eles não poderiam encontrar nos desertos onde eles o seguiram. Ele fez os surdos ouvirem e os coxos caminharem. Ele devolveu a visão aos cegos e a palavra aos mudos. Ele expulsou demônios dos corpos de possuídos e ressuscitou os mortos, o que deve ser entendido tanto quanto aos corpos quanto aos espíritos.

Com uma fidelidade absoluta, ele carregou por nós o peso dos nossos trabalhos em todos os sentidos.

Quem poderia ir até o fundo da sua caridade? Ela jorrava da fonte insondável do Espírito Santo, mais abundantemente do que em qualquer criatura, pois ele era Deus e humano em uma só pessoa.

Esta é a consideração relativa à caridade.

CAPÍTULO 05

A paciência em Cristo.

A terceira virtude memorável em Cristo foi sua paciência nos sofrimentos. Consideremo-na com cuidado, pois ela foi o ornamento do nosso Noivo durante toda sua vida.

O sofrimento veio cedo, pois, ao nascer, ele já teve que suportar a nudez e o frio. Na circuncisão, ele derramou seu sangue; ele teve que fugir para uma terra de exílio e foi o servidor de sua Mãe e de São José; ele sofreu a fome e a sede, as injúrias e o desprezo, as palavras e os tratamentos indignos dos judeus. Ele praticou o jejum, as vigílias e quis até mesmo ser tentado pelo demônio. Submisso a todos, ele foi de região em região, de cidade em cidade, pregando o Evangelho com um grande empenho e zelo ardente.

No fim, ele foi aprisionado pelos judeus, que eram seus inimigos, enquanto ele se mostrava seu amigo. Traído, esbofeteado, injuriado, flagelado e golpeado, condenado com falsos testemunhos, ele carregou sua cruz com grande sofrimento ao lugar mais elevado do mundo.

A vergonha, os tormentos, o frio suportados por todos, nada lhe foi poupado. Ele foi pregado na madeira da cruz com pregos grosseiros e esticaram seus membros até dilacerá-los. Depois, a cruz levantada foi jogada violentamente por terra, de sorte que todas as suas feridas reabriram.

Sua cabeça foi coroada com espinhos e seus ouvidos ouviram os gritos ferozes dos seus inimigos: “Crucifiquem-no! Crucifiquem-no!” e mil outras injúrias.

Com seus olhos, Cristo podia ver a obstinação e a malícia dos judeus, ao mesmo tempo em que a aflição de sua Mãe e sua visão se obscureciam sob a amargura da dor e da morte.

Suas narinas inspiraram as pavorosas cusparadas que seus carrascos lhe lançaram ao rosto. Sua boca e seu palato foram saciados com vinagre misturado com fel. Tudo o que era sensível nele foi golpeado com varas.

Aí está Cristo, nosso Noivo, golpeado até a morte, abandonado por Deus e por todas as criaturas, moribundo na cruz onde foi suspenso como um ramo seco que ninguém tratou, exceto Maria, sua pobre Mãe, que não pôde socorrê-lo.

Mas ele também sofreu espiritualmente, em sua alma, o endurecimento dos judeus e daqueles que o levaram à morte, pois todos, mesmo com os prodígios e os milagres que testemunharam, permaneceram com suas maldades e ele se afligiu com a perdição deles e com a vingança que haveria por causa de sua morte, tendo Deus que fazê-los expiá-la, na alma e no corpo.

Cristo carregou também a dor de sua Mãe e de seus discípulos, que ficarem em grande tristeza.

Ele sofreu também porque sua morte permaneceu inútil para muitos e se afligiu com a ingratidão de um grande número e com as blasfêmias ímpias que tantas pessoas proferiram ao amaldiçoarem-no e ao cobrirem com injúrias Aquele que morreu por todos nós.

Sua sensibilidade e a parte inferior de sua razão ficaram em dor, porque Deus lhes retirou o influxo dos seus dons e das suas consolações e as deixou reduzidas a elas mesmas, em uma profunda infelicidade.

E ele se queixou a Deus, dizendo: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*[12]

Mas, cheio de amor por nós, ele fez calar todas estas dores e clamou ao seu Pai: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*[13].

E Cristo foi ouvido por seu Pai, *pela sua piedade*[14], pois todos aqueles que tinham agido por ignorância puderam se converter em seguida.

Assim foram a virtudes interiores de Cristo: a humanidade, a caridade e a paciência. Estas três virtudes

[12] Marcos 15: 34.
[13] Lucas. 23: 34.
[14] Hebreus 5: 7.

foram praticadas por ele durante toda sua vida e em sua morte, quando ele pagou nossa dívida para com a justiça divina e derramou, do seu lado aberto, todos os seus dons. Ondas de delícias saírem dele com os sacramentos da salvação.

Depois, Cristo se elevou ao céu com seu próprio poder e se sentou à direita do seu Pai, dividindo seu Reino por toda a eternidade.

Esta foi a primeira vinda do nosso Noivo, que está totalmente concluída.

CAPÍTULO 06

A segunda vinda de Cristo.

A segunda vinda de Cristo acontece cotidianamente nos bons. Ela é a fonte de graças numerosas e dons novos para todos aqueles que se dispõem a ela, segundo seu poder.

Aqui, não queremos falar da primeira conversão da pessoa e nem da graça inicial que lhe é dada, quando ele passa do pecado para as virtudes, mas de um crescimento dos dons e das virtudes que se renovam a cada dia e de

uma vinda mais imediata pela qual Cristo nosso Noivo se apresenta cotidianamente à nossa alma.

Veremos aqui também a causa e o porquê, o modo e o efeito desta vinda.

A causa é quádrupla: a misericórdia de Deus e nossa miséria, sua liberalidade e a grandeza dos nossos desejos. Estas são quatro causas de crescimento na virtude e na dignidade para a alma.

Compreendam bem isto: quando o sol envia seus raios e sua claridade até um vale profundo, situado entre duas montanhas, enquanto que ele está no alto do firmamento, de maneira a poder iluminar o próprio chão e o fundo deste vale, acontecem três coisas. O vale se ilumina com a luz que lhe refletem as montanhas, ele se aquece assim mais e se torna mais fértil que uma planície.

Da mesma maneira, quando uma pessoa justa se mantém em sua pequenez, no mais baixo de si mesma e reconhece não ter nada de si mesma, não ser nada e não poder nada, nem perseverar, nem progredir e que, muitas vezes mesmo, lhe faltam virtudes e boas obras, então, ela toma consciência de sua pobreza e de sua infelicidade e ela cava assim um vale de humildade. E, como ela é humilde, indigente e sabe da sua miséria, ela a expõe e geme

perante a bondade e a misericórdia de Deus. Assim, ela pode reconhecer a altura de Deus e sua própria baixeza e se torna um vale profundo.

Ora, Cristo é um sol de justiça e também de misericórdia, que se mantém no mais alto do firmamento, ou seja, à direita do seu Pai e ele brilha até o fundo dos corações humildes, pois Cristo é sempre tocado pela miséria da pessoa que geme e a expõe humildemente.

Então se erguem lá também duas montanhas formadas por um duplo desejo: um é de servir a Deus e louvá-lo dignamente e o outro é praticar a virtude de uma maneira excelente.

Estas duas montanhas são mais altas do que o céu, pois os desejos com que elas são formadas alcançam Deus sem intermediário e atraem sua ampla liberalidade. Então, esta liberalidade não pode mais se conter, pois a alma se tornou apta a receber dons mais numerosos.

Estas são as causas de uma nova vinda de Cristo, fonte de novas virtudes. O vale, que é o coração humilde, recebe assim uma iluminação mais elevada da graça, um fervor maior da caridade, um crescimento de virtudes perfeitas e de boas obras. Nisto consistem a causa, o modo e o efeito desta vinda.

CAPÍTULO 07

Como se progride a cada dia através dos sacramentos.

Há também outro modo de vinda de Cristo nosso Noivo que acontece a cada dia através de um crescimento da graça e de novos dons. É quando a pessoa recebe, com um coração humilde, algum sacramento, sem levantar nenhum obstáculo à sua eficácia.

Ela adquire assim, de fato, novos dons e graças mais numerosas, tanto por causa da sua humildade quanto pela operação misteriosa de Cristo nos sacramentos.

O que coloca obstáculo à sua eficácia é, no batismo, a falta de fé; na confissão, a ausência de contrição; no sacramento do altar, o pecado mortal ou a vontade perversa; e assim sucessivamente para os outros sacramentos. Não se recebe, então, novas graças e os pecados aumentam.

Esta é segunda vinda de Cristo nosso Noivo que acontece para nós cotidianamente. Devemos ficar atentos a ela, com um coração cheio de desejos, para que ela seja

eficaz, pois ela nos é necessária, se queremos perseverar e progredir para a vida eterna.

CAPÍTULO 08

A terceira vinda de Cristo.

A terceira vinda, que ainda é futura, acontecerá no julgamento ou na hora da morte[15], porque Deus se fixou um tempo e é adequado que a alma preste contas dos seus atos perante um justo juiz.

O tempo oportuno desta vinda é a hora da morte para cada um e o julgamento final para todos.

Quando Deus criou a alma do nada e a uniu ao seu corpo, ele lhe fixou um dia e uma hora, conhecidos somente por ele, em que ela deve sair do tempo e comparecer perante ele.

A conveniência desta vinda aparece no fato de a alma dever prestar contas e responder perante a Eterna Verdade por todas as palavras e todos os atos emitidos por ela. A justiça do juiz ressalta do fato de que é a Cristo

[15] Jordaens intercala aqui esta frase: *Há cinco coisas a serem consideradas sobre esta vinda. A saber: a causa, o método, as testemunhas, o acusador e o juiz. A causa desta abordagem é tripla. A saber: a adequação do momento, a adequação da causa e a justiça do juiz.*

que pertence o julgamento e a sentença, *porque ele é o Filho do Homem*[16] e a *Sabedoria de Deus*[17], a quem cabe todo julgamento[18], porque todos os corações no céu, na terra e nos infernos lhe são claramente conhecidos.

É por este tríplice motivo que Cristo virá para todos no último dia e para cada um, em particular, na hora de sua morte.

CAPÍTULO 09

Como Cristo se comportará no julgamento final.

A maneira como Cristo nosso Noivo deve nos julgar é esta: ele recompensará e punirá com toda justiça, retribuindo a cada um segundo seus méritos. Aos bons, ele dará, para cada boa obra realizada com vistas a Deus, a recompensa sem medida que é ele mesmo e que ultrapassa todo mérito de qualquer criatura que seja.

Mas, porque ele coopera com as boas obras das criaturas, estas têm o poder, graças à sua própria virtude, de

[16] Cf. João 5: 26 e 27. *O Pai deu ao Filho o ter a vida em si mesmo e lhe conferiu o poder de julgar, porque é o Filho do Homem*.
[17] 1 Coríntios 1: 24.
[18] Cf. João 5: 22. *O Pai não julga ninguém, mas entregou todo o julgamento ao Filho*.

merecer esta recompensa. E, por um justo julgamento, os condenados serão entregues a uma pena e a um castigo eternos, porque terão desprezado e rejeitado um bem sem fim por uma felicidade passageira. Eles se afastaram livremente de Deus, contra sua honra e sua vontade, para se voltarem para as criaturas. Assim, eles serão justamente condenados.

No julgamento, são citados, como testemunhas, os anjos e a consciência de cada um. O acusador é o demônio do inferno e o juiz é Cristo, que ninguém pode enganar.

CAPÍTULO 10

As cinco categorias de pessoas que devem comparecer no julgamento.

Há cinco categorias de pessoas que devem comparecer perante o juiz[19].

A primeira e a pior de todas é composta pelos cristãos que morrem em pecado mortal, sem arrependimento

[19] Estas categorias são aquelas mencionadas por São Gregório (Moral. 1. XXVI, c. 27, n. 50) e que foram comentadas por todos os doutores da Idade Média, seguindo Pedro Lombardo (IV Sent., d. 47, c. 3).

e nem penitência, pois eles desprezaram a morte de Cristo e seus sacramentos ou então eles receberam estes em vão e indignamente. Eles não praticaram as obras de misericórdia na caridade com relação aos seus próximos, segundo os mandamentos de Deus. Por isto, eles são condenados ao mais profundo dos infernos.

A segunda categoria são os infiéis, os pagãos ou judeus, que devem todos comparecer perante Cristo, embora toda a vida deles já tenha sido condenada[20], pois eles não tiveram, durante este tempo, nem a graça e nem o amor divino. Por isto, eles estarão para sempre na morte eterna da condenação, mas terão menos tormentos a sofrer do que os maus cristãos, porque não receberam tantos dons da parte de Deus e, portanto, são sujeitos a uma fidelidade menor.

A terceira categoria é composta pelos bons cristãos que, caídos algumas vezes no pecado, se levantam com a contrição e acrescentam a ela a expiação da penitência, mas não executaram esta expiação conforme a plena justiça e então pertencem ao purgatório.

A quarta categoria é compreendida por aqueles que guardaram os mandamentos de Deus ou que, se os in-

[20] Cf. João 3: *Quem não crê já está julgado, porque não crê no nome do Filho único de Deus.*

fringiram, retornaram para ele com contrição e penitência, realizando obras de caridade e misericórdia e que expiaram tão perfeitamente que, de seus lábios, sua alma exala para ir direto para o céu, sem passar pelo purgatório.

A quinta categoria são aqueles que, ultrapassando as obras de caridade exteriores, vivem no céu, unidos a Deus e mergulhados Nele e Ele neles, a tal ponto que não há mais entre Deus e eles mesmos nenhum outro intermediário além do tempo e a condição de mortalidade. Mal libertados dos laços do corpo, em um instante eles desfrutam de suas eternas beatitudes, sem outro julgamento, mas, no último dia, eles mesmos julgarão, com Cristo, o resto das pessoas.

Então, toda vida mortal, assim como todo sofrimento temporal sobre a terra e no purgatório chegarão ao fim. Mas todos os condenados serão engolidos no fundo do inferno, em uma perdição e um horror eternos, sem fim, com o demônio e seus iguais, enquanto que os bem-aventurados estarão, em um instante, na glória eterna, com Cristo seu Noivo e eles contemplarão, desfrutarão e saborearão o tesouro insondável da divina essência, eternamente e sem fim.

Assim é a terceira vinda que esperamos todos e que é futura.

A primeira já aconteceu, quando Deus se fez humano, viveu humildemente e sofreu a morte por amor a nós. Devemos corresponder a ela com a prática exterior e perfeita das virtudes, a caridade interior e a humildade sincera.

A segunda é presente e acontece em cada coração amoroso através da graça. Devemos desejá-la e implorá-la a cada dia, para perseverarmos e crescermos em novas virtudes.

A terceira, por fim, acontecerá no julgamento final ou na hora da nossa morte e devemos esperá-la com confiança e respeito, desejando sermos libertados da miséria presente e entrarmos nas gloriosas cortes.

Esta tríplice vinda constitui o segundo dos quatro principais ensinamentos e ela é expressa por estas palavras de Cristo: *Vejam que vem o Noivo!*

CAPÍTULO 11

Uma saída espiritual pela prática de todas as virtudes.

Cristo disse logo no início: *Olhem!*[21] E, para cumprir isto, é preciso a caridade e uma consciência pura, como foi dito deste o início.

Depois, ele nos disse o que devemos ver, ou seja, suas três vindas.

Ele nos indica agora o que temos que fazer em seguida, ao dizer: *Saiam!*[22]

Se você possui a primeira qualidade, que consiste para você em ver através da graça e da caridade; se, além disto, você considerou bem Cristo seu modelo, em sua vinda, então, da caridade e desta consideração amorosa do seu Noivo, nasce em você uma justiça que consiste em querer segui-lo nas virtudes. Cristo então lhe diz no seu íntimo: "Saia!"

Ora, esta saída deve acontecer de três maneiras, pois precisamos sair para Deus, para nós mesmos e para

[21] *Ecce!* Olhem, vejam, contemplem, eis. (Charlton T. Lewis & Charles Short. *A Latin Dictionary*).
[22] *Exite!*.

nosso próximo e isto se faz através da caridade e da justiça.

A caridade, de fato, tende sempre para o alto, até o Reino de Deus, que é o próprio Deus, como para a fonte de onde ela escoa sem intermediários e onde ela permanece através da união.

A justiça que nasce da caridade quer levar até à perfeição todas as obras boas e todas as virtudes que convém ao Reino de Deus, ou seja, à alma.

Estas duas virtudes __ caridade e justiça __ dão um fundamento para o reino da alma, onde Deus deve fazer sua morada e este fundamento é a humildade[23].

Estas três virtudes suportam todo o peso e o edifício de todas as outras e de toda nobreza, pois a caridade mantém a pessoa sempre diante da bondade insondável de Deus, de onde ela vem, para que ela possa vivenciar tudo em honra a Deus, se manter firme e crescente em todas as virtudes e na verdadeira humildade.

A justiça, por seu lado, a coloca diante da verdade eterna de Deus, para que ela fique exposta diante dela,

[23] Ruysbroeck, ao considerar a humildade como o fundamento de todas as outras virtudes, vai desenvolver até o cap. 22 tudo o que se constrói sobre este fundamento. Cf. São Tomás. *Suma teológica*, IIa IIae, q. 161, a. 5).

para que por ela seja iluminada e para que possa levar à perfeição todas as virtudes, sem medo de errar.

Mas a humildade, por sua vez, mantém incessantemente a pessoa diante da alta soberania de Deus, para que permaneça sempre pequena e humilde, se abandone a Deus e já não se apegue mais a si mesma. É assim que a pessoa deve estar perante Deus, para que cresça sempre em novas virtudes.

CAPÍTULO 12

A humildade[24].

Já que consideramos a humildade como o fundamento das outras virtudes, vocês compreenderão porque quisemos falar dela logo no início.

Humildade quer dizer um autorrebaixamento voluntário e profundo e é uma inclinação ou prostração interior do coração e da alma perante a alta dignidade de

[24] As virtudes enumeradas nos capítulos seguintes estão agrupadas de acordo com os dons do Espírito Santo, aos quais elas correspondem, segundo a doutrina de Ruysbroeck (Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus,* cap. 14-19). As três primeiras __ humildade, obediência e abnegação __ correspondem ao dom do temor. As cinco virtudes seguintes __ paciência, mansidão, bondade, compaixão e liberalidade __ estão relacionadas ao dom da piedade, entendida no sentido que lhe dão Alberto Magno e São Boaventura. Por fim, as três últimas se relacionam com o dom da ciência.

Deus. A justiça demanda e exige isto e, em razão de sua caridade, o coração amoroso não pode se abster disto.

Quando a pessoa humilde e amorosa considera que Deus a serviu tão humildemente, tão amável e fielmente e que, por outro lado, ele é elevado, tão poderoso e tão nobre e o ser humano tão pobre, tão pequeno e tão frágil, ela sente nascer em seu coração uma imensa reverência e uma elevada estima por Deus, pois propiciar a honra de Deus em todas as suas ações é o que a humildade pode realizar de mais doce e de melhor; a caridade, de mais saboroso; e a justiça, de mais conveniente.

Jamais o coração humilde e amoroso pode, de fato, prestar suficiente honra a Deus e à sua nobre humanidade e nem se curvar suficientemente segundo seus próprios desejos.

Assim, aquele que é humilde não acredita jamais dar a Deus o que lhe é devido, em termos de reverência e serviço humilde. Sua humildade e seu respeito se manifestam para com a Santa Igreja e os sacramentos, ao mesmo tempo em que sua moderação aparece no beber e no comer, em suas palavras e nas respostas que dá a todos, em sua atitude, sua roupa e seus trabalhos humildes,

em todo seu exterior reservado, sem fingimento e nem pretensão.

Ele é humilde também em sua todas as suas atitudes, diante de Deus e diante de todas as pessoas, de sorte que ninguém fica escandalizado por causa dele. Assim, ele triunfa e se livra do orgulho, que é causa e princípio de todo pecado.

Através da humildade são rompidos os laços do demônio, do pecado e do mundo. A pessoa fica acomodada em si mesma e estabelecida no lugar próprio das virtudes. O céu lhe é aberto, Deus está pronto para ouvir sua prece e ela fica cheia de graças. Cristo, a pedra sólida, é seu fundamento.

Aquele que assenta na humildade o edifício das virtudes não pode se enganar.

CAPÍTULO 13

A obediência.

Dessa humildade vem a obediência, pois ninguém pode ser interiormente obediente se não for humilde.

A obediência é a consequência de uma alma humilde, submissa e flexível e de uma vontade pronta para todo

bem. Ela submete a pessoa aos mandamentos, às proibições e à vontade de Deus. Ela sujeita seus sentidos e suas forças inferiores à razão superior, de sorte que ela possa viver segundo o que é conveniente e razoável. Ela a torna submissa e dócil à Santa Igreja e aos sacramentos, aos prelados e aos seus ensinamentos, às suas ordens e aos seus conselhos e, enfim, a todos os bons costumes aos quais se dedica na santa cristandade.

Ela a inclina também e dispõe a seguir os conselhos, a torna flexível a prestar os serviços de ordem temporal ou espiritual, segundo as necessidades de cada um e com toda discrição. Ela expulsa a desobediência, que é filha do orgulho e que deve ser mais evitado do que o veneno ou a peçonha.

A obediência da vontade e da ação ornamenta, amplia e manifesta a humildade da pessoa. Ela dá a paz às comunidades e se o superior a possui segundo o modo que lhe é próprio, ela arrasta aqueles que lhe são subordinados.

Ela mantém a concórdia e a igualdade de alma entre os irmãos e aquele que a possui possui a afeição dos seus superiores, ao mesmo tempo em que Deus o eleva e o enriquece com dons eternos.

CAPÍTULO 14

O abandono da vontade própria.

A obediência gera o abandono da vontade própria e da opinião pessoal, pois ninguém pode submeter sua vontade à de outro, em todas as coisas, a não ser obedecendo, mesmo que se possa executar exteriormente as ordens e conservar, no entanto, sua vontade própria.

Quando se abandona assim sua vontade, se vive sem preferência por isto ou aquilo em todas as circunstâncias e não se escolhe coisas bizarras ou em oposição com o ensinamento e a vida dos santos, mas se regula sempre segundo a glória de Deus e seus mandamentos, a vontade dos superiores e o bom entendimento com todos ao redor de si mesmo, observando um sábio discernimento.

Esta renúncia absoluta retira plenamente motivo e oportunidade para o orgulho e constitui o mais alto grau da humildade. A vontade de Deus se torna então a senhora de todas as coisas e a da pessoa se une a ela, que não pode querer e nem desejar outra coisa.

Esta pessoa despiu o velho ser e vestiu o novo, que é renovado e criado segundo a caríssima vontade de Deus.

É a ela que se aplicam as palavras de Cristo: *Bem-aventurados os pobres em espírito* __ ou seja, àqueles que renunciaram à própria vontade __ *porque deles é o Reino dos céus!*[25]

CAPÍTULO 15

A paciência.

Da renúncia à vontade própria nasce a paciência, que ninguém pode possuir plenamente em todas as circunstâncias se não colocou sua própria vontade nas mãos da vontade de Deus, se submetendo a todas as pessoas no que é útil e conveniente.

A paciência é o suporte tranquilo de tudo o que pode nos atingir da parte de Deus e de todas as criaturas. Não há nada no mundo que possa perturbar a pessoa paciente; nem a perda dos bens terrenos, amigos ou parentes, nem as doenças, nem as humilhações, nem a vida, nem a morte, nem o purgatório, nem o diabo, nem o inferno, pois se está abandonado ao beneplácito de Deus com todo amor. Porque ele não se sente culpado por nenhum peca-

[25] Mateus 5: 3.

do mortal, tudo lhe parece leve no que Deus lhe ordena, tanto no tempo quanto na eternidade.

Armada com esta paciência, a pessoa possui um ornamento e uma salvaguarda contra a ira e a fúria súbitas e contra a falta de apoio nos sofrimentos, através dos quais se fica geralmente perturbado em sua alma e exposto a mil tentações.

CAPÍTULO 16

A mansidão.

A paciência dá origem à mansidão, pois ninguém pode ser manso na má sorte se não for primeiramente paciente.

A mansidão dá à pessoa a paz e a tranquilidade no meio de todas as coisas. Ela pode então suportar as palavras e os gestos de ameaça, as caras feias e procedimentos malignos ou ainda a injustiça sob todas as suas formas contra ela ou contra seus amigos e sempre permanecer em paz, pois mansidão não é outra coisa do que se portar pacificamente.

A mansidão dá ao poder irascível permanecer estável e tranquilo. Ela dirige para a virtude o poder da con-

cupiscência e a razão, que percebe isto, se alegra. Por fim, a consciência, que gosta disto, permanece em paz. Desta maneira, é expulso o segundo pecado capital, que é chamado de ira, raiva ou fúria.

O espírito de deus, de fato, repousa na pessoa humilde e mansa e Cristo diz: *Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!*[26] Ou seja, sua própria natureza e as coisas terrenas, na mansidão e depois, a terra dos vivos, na eternidade.

CAPÍTULO 17

A bondade.

Deste mesmo fundo de mansidão nasce a bondade, já que ninguém pode ser bom se não for manso de coração.

Esta bondade dá à pessoa um exterior amável e lhe inspira boas palavras e todo tipo de procedimentos generosos para com aqueles que estão irritados, se ela espera assim levá-los a reconhecer seus erros e a se tornarem melhores.

[26] Mateus 5: 4.

Graças à clemência e à bondade, a caridade permanece viva e fecunda na pessoa, pois o coração pleno de bondade é semelhante a uma lâmpada cheia de óleo puro. Este óleo de bondade ilumina, de fato, com bons exemplos, o pecador desgarrado. Ela derrama a unção das palavras e das obras consoladoras e cura assim aqueles que têm o coração ferido e que são tristes ou irritados. Ela inflama, enfim, e ilumina com o fogo da caridade aqueles que já são virtuosos e ela não se deixa atingir por nenhum mau procedimento e nem qualquer desfavor.

CAPÍTULO 18

A compaixão.

A bondade faz nascer a compaixão, ou seja, uma simpatia comum por todas as pessoas, pois ninguém pode sofrer com todos sem ser bom.

A compaixão é um impulso interior do coração comovido pela piedade para com todos, por toda infelicidade física ou espiritual. É sob este império que se sofre com Cristo em sua Paixão, quando se pensa no porquê dos seus sofrimentos, na maneira como ele os suportou, na paciência que, nela, ele deu provas, suas dores e sua

vergonha, sua nobreza e sua miséria, as ignomínias, a abjeção, a coroa, os pregos, sua bondade, seu passamento e sua morte na paciência.

Diante destas dores terríveis e múltiplas de Cristo, nosso Salvador e nosso Noivo, a pessoa realmente boa se sente tomada pela compaixão e pela piedade para com ele.

A mesma emoção faz com que ela pense nela mesma e observe suas faltas, bem como sua incapacidade para praticar a virtude e propiciar a honra a Deus, sua tibieza e sua preguiça, seus múltiplos defeitos, a perda do seu tempo, sua imperfeição atual nas virtudes e nos hábitos santos. Ela se enche de piedade e, movida por tal compaixão, ela geme pela aberração e pela cegueira das pessoas, pelo esquecimento em que estão de seu Deus e de sua própria salvação, de sua ingratidão para com todo o bem que Deus lhes fez e todos os sofrimentos suportados por elas lhes são estranhos à virtude que elas não conhecem e não praticam, experientes e hábeis que são em toda malícia e injustiça, ávidas por ganhos e preocupadas com a perda das coisas terrenas, desatentas e descuidadas para com Deus, as coisas eternas e sua própria salvação.

Ao constatar tudo isto, a pessoa realmente boa se sente tomada por um grande desejo de salvar a todos. Sua ação de misericórdia se exerce ainda sobre as necessidades temporais do seu próximo e os sofrimentos múltiplos que ele suporta. Ela o vê, de fato, suportar a fome, a sede, o frio, a nudez, a doença, a pobreza, o desprezo, os inúmeros fardos impostos aos pobres, a tristeza que causa a perda dos próximos, dos amigos, dos bens, da honra, do repouso, todos os pesos, enfim, fora de medida, que esmagam a natureza humana.

Tudo isto é suficiente para encher de compaixão um coração bom e lhe provocar a simpatia por todos. Mas seu maior sofrimento é ver as pessoas carregarem tudo isto sem paciência e perderem assim a recompensa e merecerem, geralmente, o inferno.

Esta é a obra da compaixão e da misericórdia. Esta obra de compaixão e de amor comum a todos domina e expulsa o terceiro pecado capital que é o ódio ou a inveja, pois a compaixão é uma ferida do coração que faz amar comumente todas as pessoas e que não pode se curar enquanto houver algum sofrimento percebido, tendo Deus lhe pedido, de preferência a todas as outras virtudes, chorar e sofrer.

Foi por isto que Cristo disse: *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!*[27] Eles o serão, de fato, quando, depois de terem, através da compaixão, semeado na dor, colherão na alegria[28].

CAPÍTULO 19

A liberalidade.

A compaixão é fonte de liberalidade, pois, para possuir uma liberalidade sobrenatural, que se observa com um devotamento comum a todos e é praticada com facilidade, é preciso primeiro saber se compadecer, ainda que, pela inclinação natural, se possa doar liberalmente a certas pessoas, sem caridade e nem generosidade sobrenaturais.

A liberalidade é uma ampla efusão do coração movido pela caridade e pela misericórdia. Quando a pessoa considera com compaixão as dores e os sofrimentos de Cristo, ela sente nascer em seu coração uma benevolência pela qual ela lhe oferece, em troca de tantas dores e amor,

[27] Mateus 5: 5.
[28] Cf. Salmo 125: 5 e 6. *Os que semeiam entre lágrimas, colherão com alegria. Na ida, caminham chorando os que levam a semente a espalhar. Na volta, virão com alegria, quando trouxerem os seus feixes.*

o louvor e o reconhecimento, a honra e a reverência, juntos com a submissão alegre e humilde da alma e do corpo, pelo tempo e pela eternidade.

Depois, quando ela se vê em um sentimento de compaixão e de profunda piedade, quando ela vê o bem que Deus lhe fez e, por outro lado, suas próprias faltas, ela só pode se abandonar à sua liberalidade, à sua graça e à sua fidelidade, se refugiando nele com uma livre e inteira vontade de servi-lo para sempre.

Vendo o absurdo, a cegueira e a injustiça humana, ela deseja e implora a Deus, com uma íntima confiança, a efusão de seus dons divinos e de sua liberalidade sobre todos, para que todos o conheçam e se voltem para a Verdade.

Ela olha também com compaixão as necessidades materiais de todas as pessoas e gasta, dá e empresta, consolando cada um de acordo com a necessidade e de acordo com seu poder, com todo discernimento.

Sob o império deste sentimento se praticam comumente as sete obras de misericórdia. Os ricos, através dos serviços que prestam por meio de seus bens; os pobres, através de sua boa vontade e o desejo verdadeiro de fazer

a caridade, se isto estiver em seu poder. Desta maneira, a virtude da liberalidade é perfeita.

Quando ela se torna natural, todas as virtudes crescem e todas as forças da alma recebem seu ornamento, pois, sob sua influência, a pessoa está sempre de espírito alegre, com o coração livre de preocupações, ardendo em desejos e se entregando comumente a todas as obras virtuosas.

Por mais pobre que ela seja, de fato, se a pessoa não ama as coisas terrenas, ela se assemelha a Deus, sendo seu sentimento mais íntimo se dividir e se doar. Desta maneira, ela coloca para fora o quarto pecado capital, que é a avareza e a ganância.

Falando de tais pessoas, Cristo disse: *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!*[29] Isto, no dia em que ouvirão: *Vinde, benditos de meu Pai! Tomai posse do Reino que vos está preparado*, por causa da misericórdia de vocês, *desde a criação do mundo*[30].

---

[29] Mateus 5: 7.
[30] Mateus 25: 34.

CAPÍTULO 20

O zelo.

A liberalidade, por sua vez, faz nascer o zelo sobrenatural e o empenho por todas as virtudes e por tudo o que é adequado[31]. Só pode experimentar este zelo aquele que se doou com liberalidade.

Ele é um impulso interior e imperioso para todas as virtudes e para a semelhança com Cristo e com seus santos.

Impulsionada por este zelo, a pessoa deseja dedicar, à honra e ao louvor a Deus, seu coração, seus sentidos, sua alma, seu corpo, tudo o que ela é, tudo o que ela tem e tudo o que ela pode ter.

O mesmo zelo lhe dá a vigilância na razão e no discernimento e a faz praticar as virtudes da alma e do corpo, com toda correção.

Sob o império deste zelo sobrenatural, todas as forças da alma estão abertas a Deus e prontas para todas as virtudes. A consciência se alegra e a graça de Deus cresce, a virtude é praticada com entusiasmo e a alegria e as obras exteriores recebem seu ornamento.

[31] Cf. S. THOMAS, IIa IIae, q. 47, a. 9.

Quem recebeu de Deus este zelo vivo se vê livre do quinto pecado capital, que é a preguiça espiritual e o aborrecimento com relação às virtudes necessárias à salvação. Às vezes, este mesmo zelo faz desaparecer também a lentidão e a preguiça de natureza física.

Àqueles que são dotados com este zelo, Cristo disse: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!*[32]

Isto acontecerá quando a glória de Deus se manifestar e preencher cada um segundo a medida do seu amor e da sua retidão.

CAPÍTULO 21

A sobriedade.

O zelo que foi mencionado gera a medida e a sobriedade, tanto no interior quanto no exterior, pois ninguém pode ser medido e nem sóbrio se não for particularmente diligente e zeloso em manter sua alma e seu corpo em total retidão.

[32] Mateus 5: 6.

A sobriedade ergue uma barreira entre as forças superiores e as forças animais e ela preserva a pessoa da intemperança e de todo excesso.

É também a sobriedade que impede de gostar e de conhecer o que não é permitido.

A alta natureza incompreensível de Deus ultrapassa todas as criaturas no céu e na terra, pois tudo o que a criatura pode apreender é o criado e Deus está acima de tudo o que é criado. Ele envolve no exterior e no interior todas as criaturas e toda compreensão criada é muito estreita para abrangê-lo.

Mas, para que a criatura possa apreender e compreender Deus, ela deve ser erguida acima dela mesma, até Deus e apreendê-lo através dele mesmo.

Quem quisesse saber o que é Deus e se dedicasse a esta busca faria algo proibido e perderia a razão. É que, de fato, toda luz criada falha, quando se trata de saber o que é Deus.

Isto ultrapassa toda criatura, mas tudo na natureza, nas Escrituras e no que é criado nos diz que Deus existe. Devemos então acreditar nos artigo da fé, mas sem querer possuir a ciência absoluta, pois isto é algo impossível, enquanto estivermos neste mundo.

A doutrina oculta e misteriosa das Escrituras, ditadas pelo Espírito Santo, só deverá ser explicada e compreendida em concordância com a vida de Cristo e de seus santos.

Assim como o ser humano só examinará as coisas da natureza, as Escrituras e tudo o que é criado para tirar seu benefício e nada mais, assim é a sobriedade da mente.

Há outra sobriedade que se deve ter para com os sentidos, a fim de dominar, com a razão, as forças animais. Desta maneira, o apetite grosseiro não dará livre curso ao tirar satisfação no beber e no comer, mas a pessoa tomará seu alimento e sua bebida como um doente toma um remédio: para sua necessidade e apenas para manter suas forças e poder assim servir a Deus. Esta é a sobriedade do corpo.

A pessoa deve ainda ser moderada e comedida em suas palavras e em suas obras, em seu silêncio e em sua linguagem, no seu beber e no seu comer, em todo seu comportamento e sempre segundo o costume da Santa Igreja e os exemplos dos santos.

Assim, com a medida e a sobriedade de espírito no interior, guarda-se uma fé firme e sólida, um intelecto nítido e uma razão tranquila para compreender a verda-

de, uma disposição para praticar todas as virtudes segundo a vontade de Deus, um coração pacífico e uma consciência serena. Desta maneia se possui uma paz estável em Deus e em si mesmo.

Depois, através desta medida e desta sobriedade de corpo no exterior, se conserva geralmente a saúde e o equilíbrio das forças físicas, a honestidade dos costumes e a integridade do nome.

Desta maneira, se tem a paz em si mesmo e com o seu próximo, pois se atrai e se encanta, com a medida e com a sobriedade, todos aqueles que são bem dispostos.

Isto também é a libertação do sexto pecado capital, que é chamado de intemperança, gula e glutonaria.

Então se aplicam as palavras de Cristo: *Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!*[33]

Eles se assemelham, de fato, ao Filho Único, que é o autor da paz para todas as criaturas que a desejam e aqueles que, através da medida e da sobriedade, fazem também a paz, receberão dele, como partilha, a herança do seu Pai, que, com ele, possuirão por toda a eternidade.

[33] Mateus 5: 9.

CAPÍTULO 22

A pureza.

A sobriedade dá a pureza da alma e do corpo, pois ninguém pode ser plenamente puro de corpo e de alma se não mantém a sobriedade de ambos.

A pureza de espírito consiste para a pessoa em não se apegar com uma afeição sensorial a nenhuma criatura, mas em se dar somente a Deus, pois, se é permitido usar as criaturas, é de Deus somente que se deve esperar o prazer.

A pureza de espírito faz com que se apegue a Deus, ao se elevar acima de tudo o que se pode compreender ou sentir e acima de todos os dons que Deus pode derramar na alma, pois tudo o que a criatura é capaz de perceber em seu intelecto e em seu sentimento deve ser superado, se o desejo é repousar em Deus.

Não se deve se aproximar do sacramento do altar por gosto, por devoção sensorial, por um desejo de paz, de tranquilidade ou de mansidão e nem por qualquer outro motivo além da honra a Deus e o crescimento de todas as virtudes. Esta é a pureza de espírito.

A pureza do coração consiste em se voltar para Deus em toda tentação dos sentidos ou gerada pela natureza, com sua vontade livre, um abandono sempre renovado, sem hesitação, com uma nova fidelidade e o firme propósito de permanecer incessantemente com Deus, pois dar consentimento ao pecado ou ao deleite que a natureza sensorial cobiça como um animal é se separar de Deus.

A pureza de corpo quer que a pessoa se abstenha e evite as ações impuras sob qualquer forma que elas se apresentem, segundo sua consciência lhe testemunhe e o advirta de que há impureza e que isto vai contra o mandamento, a honra e a vontade de Deus.

Estes três tipos de purezas fazem desaparecer o sétimo pecado capital, que é a impureza. Este vício é uma tendência do espírito em buscar seu prazer fora de Deus e em qualquer coisa criada.

É também uma ação carnal impura, fora do que é permitido pela Santa Igreja, o apego sensorial do coração em obter prazer e deleite em qualquer criatura que seja. Mas eu não me refiro aos impulsos rápidos do afeto e do desejo, porque isto ninguém pode evitar.

Saiba então que a pureza de espírito mantém a pessoa na semelhança com Deus, longe das preocupações com as criaturas e aplicada e unida a Deus.

Compara-se a pureza do corpo com a brancura dos lírios e a pureza dos anjos. Quando ela mantém o combate, ela se assemelha à púrpura das rosas e à nobreza dos mártires. Quando ela é abrasada pelo amor a Deus e por sua honra, ela é perfeita. Assim, podemos compará-la ao heliotrópio, pois ela constitui uma das mais elevadas nobrezas da natureza.

A pureza do coração faz com que a graça de Deus se renove e cresça. Nela, todas as virtudes nascem, são praticadas e se conservam. Ela guia e guarda os sentidos exteriores. Ela domina e acorrenta internamente os instintos grosseiros. Ela é um ornamento de todo o domínio exterior. Ela é, para o coração, uma barreira que o separa de todas as coisas terrenas e de todas as enganações e o abre para as coisas celestes e para toda a verdade.

Por isto, Cristo disse: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*[34]

Esta visão será para nós uma alegria eterna, toda a recompensa e a entrada na beatitude.

[34] Mateus 5: 8.

Assim, a pessoa deve ser sóbria, comedida em todas as coisas e evitar todo comportamento e toda oportunidade que poderiam manchar a pureza da alma ou do corpo.

CAPÍTULO 23

O papel da justiça.

Se quisermos adquirir todas as virtudes mencionadas e expulsar os vícios contrários, precisamos possuir a justiça, praticá-la e guardá-la até a hora da nossa morte, com a pureza do coração, pois temos três poderosos adversários que nos tentam e nos atacam o tempo todo, em todos os lugares e de muitas maneiras. Se fazemos a paz com um dos três e seguimos seus passos, somos derrotados, pois eles caminham sempre juntos, para causar todo tipo de desordem.

Estes três inimigos são: o demônio, o mundo e nossa própria carne. Este último está mais próximo do que os outros e geralmente é mais hábil e mais nocivo do que os outros, pois nossos instintos grosseiros constituem uma arma que é utilizada por todos os nossos inimigos.

A preguiça e a fraqueza para com a virtude e a honra de Deus são causa e oportunidade de luta. Mas a fragilidade da natureza, a falta de prudência e a ignorância da verdade são como a espada por meio da qual os inimigos podem nos ferir e, às vezes mesmo, nos derrotar.

É por isto que devemos fazer em nós mesmos o corte e a divisão necessários. O que é inferior em nós e animal, o que se opõe à virtude e quer nos separar de Deus, devemos odiar e perseguir, afligir com penitências e com as austeridades da vida, de maneira a manter sempre sob o jugo e submisso à razão.

É assim que a justiça junto com a pureza do coração estarão sempre à frente de todas as ações virtuosas.

Da mesma forma, devemos suportar de bom grado todo sofrimento, dor ou perseguição por causa da justiça, para a honra de Deus e por amor à virtude, para adquirirmos e possuirmos a justiça na pureza do coração, pois Cristo disse: *Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus!*[35]

Quando, de fato, a justiça é mantida no sofrimento e nas ações virtuosas, tem-se um recurso que, na balança, é

[35] Mateus 5: 10.

igual ao peso do Reino de Deus. Com isto se obtém a vida eterna.

Por meio destas virtudes, a pessoa sai para ir ao encontro de Deus, para si mesma, para seu próximo e para uma vida boa, virtuosa e justa.

CAPÍTULO 24

O reino da alma.

Todo aquele que quer adquirir e conservar estas virtudes deve ornamentar, possuir e governar sua alma como a um reino. Lá, é o livre arbítrio que é o rei. Ele é livre por natureza, mas livre também pela graça. Como coroa, ele tem a caridade.

Ora, esta coroa e este reino são recebidos e possuídos das mãos do soberano Senhor, Dominador e Rei dos Reis.

Enquanto rei, o livre arbítrio tem seu trono na capital do reino, ou seja, na força apetitiva da alma[36]. O manto real que ele veste e se ornamenta é composto de duas partes. À direita está o dom divino da força, que o torna

[36] Por "força apetitiva da alma", ele quer se referir aqui à vontade.

apto a vencer todo obstáculo e lhe abre a morada dos céus[37], o palácio do soberano Senhor, onde ele pode inclinar, diante do Rei Supremo, sua cabeça ornamentada com o diadema da caridade, em um ardente abandono.

Esta é a obra própria da caridade, obra que dá a coroa e seu ornamento e faz conservar e possuir o reino pela eternidade.

No lado esquerdo do manto está a virtude cardinal que é chamada de força moral. Ela dá ao livre arbítrio, que é o rei, o império sobre tudo o que é desordenado e lhe permite praticar todas as virtudes e possuir poderosamente seu reino até a morte.

Este rei deve também escolher conselheiros em sua terra e os mais sábios que puder encontrar. São a ciência e a discrição, que são dons divinos percebidos à luz da graça divina.

Elas devem habitar perto do rei em um palácio que é chamado de força racional da alma. Elas terão, como vestimenta e ornamento, a virtude moral da temperança, para que o conselho presida sempre tudo o que o rei deve fazer.

---

[37] Cf. Mateus 11: 12. *Desde a época de João Batista até o presente, o Reino dos Céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam*.

É a ciência que ajuda a purificar a consciência de todas as faltas e a se ornamentar com virtudes. O discernimento, por seu lado, deve presidir as diversas ações, em todas as circunstâncias, quando se deve falar ou se calar, jejuar ou comer, escutar ou responder. Desta maneira, tudo se fará com ciência e discernimento, ajudado pela virtude moral da temperança.

Cabe também ao rei, que é o livre arbítrio, estabelecer, em seu reino, um juiz, que é a própria justiça, que, quando procede da caridade, constitui uma das mais elevadas virtudes morais.

A habitação do juiz será o coração, no centro mesmo do reino, na força irascível. Sua vestimenta será a virtude moral da prudência, sem a qual não há justiça perfeita.

A este juiz, que é a justiça, cabe percorrer o reino com uma força e uma autoridade reais, com a sabedoria que ele recebe de seus conselheiros e com a prudência que lhe é própria. A ele cabe nomear e depor, julgar e condenar, levar à morte ou manter a vida, cortar um membro, cegar ou fazer enxergar, promover ou rebaixar, dispor todas as coisas segundo o direito, punir e castigar, suprimir tudo o que é mal.

A gente comum do reino são todas as forças da alma, que devem ser estabelecidas sobre a humildade e o temor a Deus e lhe serem submissas em todas as virtudes, com cada uma segundo o que lhe é próprio.

Aquele que, desta maneira, dispôs, ordenou e regeu o reino de sua alma saiu, por amor e por virtude, para ir para Deus, para si mesmo e seu próximo.

Esta foi a terceira consideração, das quatro principais.

CAPÍTULO 25

Um encontro espiritual entre Deus e nós.

Quando, por uma graça de Deus, a pessoa pode ver; quando ela purificou sua consciência e se tornou atenta à tríplice vinda de Cristo nosso Noivo; quando, enfim, ela saiu à frente dele, praticando as virtudes, deve acontecer o encontro e este é o quarto e último ponto a considerar.

Há, de fato, toda nossa beatitude, assim como o princípio e o coroamento de toda virtude, pois todo ato virtuoso supõe um encontro com Deus. Todo aquele então que quer se encontrar com Cristo, como seu Noivo

bem-amado e possuir nele e com ele a vida eterna, deve, desde já, fazer também seu encontro de três maneiras[38].

Primeiramente, pela busca de Deus em tudo o que se pode para ganhar a vida eterna. Depois, ao não buscar e não amar nada que não seja Deus ou tanto quanto a Deus. Por fim, direcionando todo seu empenho para repousar nele, acima de todas as criaturas e de todos os dons divinos, de todas as ações virtuosas e de todos os sentimentos do coração e da alma.

Ora, quem tem a intenção de buscar Deus deve torná-lo presente sob uma razão divina, ou seja, visar somente ele, como sendo o Senhor do céu, da terra e de toda criatura, que morreu por nós e que tem o poder e a vontade de nos dar a salvação eterna.

De qualquer maneira, aliás, ou sob qualquer nome que se represente Deus como Senhor de tudo o que é criado, se está sempre na verdade. Quer se trate de uma das Pessoas divinas vista segundo sua natureza e sua fecun-

[38] Jordaens acrescenta aqui esta explicação: *Assim, na Pátria estamos unidos a Deus pelos três dons da alma, ou seja: visão, amor e prazer. Da mesma maneira, no caminho desta vida, saboreamos a glória da felicidade futura através da graça, de três modos, como se as eficiências das três virtudes teologais correspondessem aos três dons da alma, de acordo com diferentes graus de perfeição, mais ou menos excelentes e com os quais estaríamos excelentemente ligados. E no caminho de uma vida ativa, nos encontramos de três maneiras: 1° com uma intenção reta, iluminada pela luz da fé; 2° com um amor especial, inflamado pelo fogo da caridade; 3º com uma adesão silenciosa, âncora da esperança solidificada.*

didade ou de Deus considerado como conservador, redentor, criador de todas as coisas ou enquanto autoridade, beatitude, força, sabedoria, verdade, bondade, tudo isto com o caráter infinito que convém à natureza divina, se está na verdade.

Ainda que haja muitos títulos que atribuímos assim a Deus, sua elevada natureza é um ente simples e sem título atribuído por qualquer criatura, mas, por causa de sua nobreza e de sua sublimidade incompreensíveis, nós nos servimos de todos estes títulos, por não podermos encontrar uma denominação e nem uma maneira de falar que o expresse plenamente.

Esta então é a maneira de conhecermos Deus que precisamos ter, se quisermos torná-lo presente na intenção, pois buscar Deus com a intenção é vê-lo espiritualmente.

A esta intenção pertence também o amor e a dileção, pois conhecer Deus sem amá-lo não é nenhum prazer, de nenhum proveito e nem de nenhuma utilidade. A pessoa deverá então, por amor, em todas as suas ações, voltar-se sempre para Deus, que ela busca e ama acima de todas as coisas. Isto é encontrá-lo através da intenção e do amor.

Para se converter através de uma verdadeira penitência, o pecador deve encontrar Deus através da contrição e um livre voltar-se para ele com a intenção correta de sempre servi-lo dali por diante e não mais cometer pecados[39]. Ele recebe então, neste encontro, da misericórdia divina, uma confiança segura de sua salvação eterna e do perdão de seus pecados, bem como o fundamento de todas as virtudes: a fé, a esperança, a caridade e a boa vontade de praticá-las.

Para progredir na luz da fé e contemplar todas as obras de Cristo e suas virtudes, seus benefícios e suas promessas e para fazê-lo de uma maneira útil para a salvação, a pessoa deve novamente encontrar Cristo e tê-lo presente diante dela nas ações de graças, nos louvores e na estima profunda por todos os seus dons e por tudo o que ele fez e fará na eternidade. Então, a fé desta pessoa se fortifica e ela é levada mais intimamente e mais frequentemente para todas as virtudes.

Para fazer novos progressos na vida virtuosa, ela deve também encontrar Cristo através do abandono de si mesma, não havendo mais a busca de si mesma e nem a

[39] A penitência, como virtude, só pode existir, segundo São Tomás, no estado de graça santificante. Cf. *Suma teológica*, IIIa, q. 86.

preocupação com um objetivo estranho, mas é preciso discernimento em seus atos e buscar Deus, com a intenção, em todas as coisas, para seu louvor e sua honra e isto até a morte[40]. Então, sua razão se ilumina, sua caridade cresce e ela cresce em devoção e em prontidão para todas as virtudes.

Deve-se buscar Deus com a intenção em todas as boas ações. Quanto às más, não pode ser o mesmo. Não se pode ter dois fins em suas intenções, ou seja, buscar Deus e alguma coisa que é estranha a ele. Qualquer outra busca deve ser colocada abaixo de Deus e não em contradição com ele, mas ordenada como um recurso e um impulso que nos leva para ele e assim se permanece na verdade.

Deve-se repousar, enfim, sobre Aquele e Naquele para quem vão a intenção e o amor, invés de em todos os seus dons, que são como que seu mensageiros. Da mesma forma, a alma deve se repousar em Deus, de preferência a qualquer ornamento ou qualquer presente que ela poderia oferecer através dos seus próprios mensageiros. E as mensagens da alma são a intenção, o amor e o desejo. Eles levam para Deus todas as boas obras e todo ato vir-

[40] Cf. *Os sete degraus da escada do amor espiritual*, cap. 10.

tuoso. Além disto, a alma tomará seu repouso em seu Bem-amado sem se deter nas coisas múltiplas.

Estes são o modo e o procedimento através dos quais devemos encontrar Cristo em toda nossa vida, em todas as nossas ações, em todas as nossas virtudes, através da intenção correta, para que possamos encontrá-lo na hora da nossa morte, na luz da glória.

Este modo e este processo que acabo de expor são o que é chamado de vida ativa. Ela é necessária a todas as pessoas ou, ao menos, é preciso que elas não vivam em oposição com qualquer virtude, ainda que nem todas sejam possuídas com esta perfeição, pois viver em contradição com a virtude é viver no pecado, já que Cristo disse: *Quem não está comigo está contra mim*[41].

Quem não é humilde é, necessariamente, orgulhoso e quando se é orgulhoso e não humilde, não se é de Deus. Isto vale para todos os pecados e todas as virtudes.

Necessariamente se tem a virtude e se está em estado de graça ou, pelo contrário, se está em pecado.

Que cada um se examine e viva como está dito aqui.

---

[41] Lucas 11: 23.

CAPÍTULO 26

O desejo de conhecer o Noivo nele mesmo[42].

Quando a pessoa atinge a perfeição que foi descrita, consagrando toda sua vida e todas as suas obras à honra e ao louvor de Deus e o buscando e o amando acima de todas as coisas, ela é geralmente tomada pelo desejo de ver, saber e de conhecer quem é este Noivo, Cristo, que por ela se fez humano e por amor levou sua obra até a morte, que derrotou o pecado e o diabo e que se deu a nós, com sua graça e seus sacramentos, nos prometendo seu Reino e ele mesmo em recompensa eterna, o suporte do corpo, a consolação e a doçura interiores e inumeráveis dons, de acordo com o que pode ser útil a cada um.

Considerando tudo isto, a pessoa sente então um desejo extremo de ver Cristo, seu Noivo e de conhecê-lo tal como ele é nele mesmo, pois conhecê-lo através de suas obras não lhe basta.

---

[42] Jordaens começa assim este capítulo: *O mais alto nível da vida ativa. Como nos seres naturais os gêneros são concatenados nesta ordem, de modo que, o mais elevado do inferior se une ao mais inferior do superior, então, é claro, na moral, o nível mais elevado da vida inferior atinge o mais baixo da vida superior. Portanto, para que possamos ser ornamentados com uma nova ordem de vida espiritual, prefaciemos o mais alto grau de vida ativa no final do tratado.*

Ela deve então fazer como o publicano Zaqueu, que desejou conhecer Jesus[43]. Como ele, ela deve correr à frente da multidão, ou seja, da multiplicidade das criaturas, pois estas nos tornam pequenos e baixos e nos impedem de ver Deus. Depois, ela precisa subir na árvore da fé, que cresce de cima para baixo, pois suas raízes estão na divindade.

Esta árvore tem doze ramos, que são os doze artigos da fé, sendo que os primeiros, que estão mais ao nosso alcance, falam da humanidade de Nosso Senhor e sobre o que diz respeito à nossa salvação, sob o ponto de vista da alma e do corpo.

A parte superior da árvore de que estamos falando está relacionada com a divindade, a Trindade das pessoas e à unidade da natureza divina. É sobre esta unidade que a pessoa deve se manter, como sobre a copa de uma árvore, pois de lá ela verá Jesus passar com todos os seus dons.

Lá, de fato, Jesus vem, ele vê a pessoa e lhe dirige a palavra na luz da fé, lhe dizendo que, através de sua divindade, ele mesmo é incomensurável, incompreensível,

[43] Cf. Lucas 19: 2-4. *Um homem muito rico chamado Zaqueu procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão e porque era de baixa estatura. Ele correu adiante e subiu em um sicômoro para vê-lo, quando ele passasse por ali.*

inacessível, insondável e fora do alcance de toda luz criada e de toda compreensão finita.

O mais alto conhecimento de Deus que uma pessoa possa ter na vida ativa é, de fato, compreender, na luz da fé, que Deus está fora da compreensão e do conhecimento.

Nesta luz, Cristo diz à pessoa cheia de desejos: *Desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa*[44].

Descer depressa, como Deus o convida, não é outra coisa além de descer, através do desejo e do amor, ao abismo da divindade, onde nenhum intelecto pode penetrar com a luz criada. Mas lá, onde o intelecto deve permanecer de fora, o desejo e o amor podem entrar[45].

Quando então a alma se inclina assim, através do amor e da intenção, para Deus, acima de tudo o que ela compreende, ela encontra o repouso e habita em Deus e Deus nela.

---

[44] Lucas 19: 5.

[45] Hugo de São Vítor, em *Commentariorum in hierarchiam cœlestem S. Dyonisii Areopagitæ*, diz: *O amor entra e se aproxima onde o conhecimento está fora*. Jean de Scoonhoven, em sua defesa de Ruysbroeck, se serve da mesma passagem para mostrar que a doutrina do seu mestre está conforme com o ensinamento dos grandes doutores. O texto é encontrado igualmente, com um adendo explicativo, em *Des sept degrés de la contemplation*, §IV, atribuído a São Boaventura: *Mas a inteligência, que abre o caminho, não pode entrar, pois ela vê como por um espelho e é forçada a permanecer do lado de fora. O amor, pelo contrário, ao agir sem intermediário, entra e se une ao seu objeto, segundo estas palavras: "Quem se une ao Senhor torna-se com ele um só espírito"* (1 Coríntios 6: 17).

Quando, através do desejo, ela se ergue acima da multiplicidade das criaturas, acima do trabalho dos sentidos e da luz natural, ela encontra Cristo na luz da fé, ela é iluminada e ela reconhece que Deus está acima do conhecimento e da compreensão.

Quando ela se inclina, através do desejo, para esse Deus incompreensível, ela encontra Cristo e ela se enche com seus dons.

Quando, por fim, ela coloca seu amor e seu repouso acima de todos os dons, acima dela mesma e de todas as criaturas, ela habita em Deus e Deus nela.

É assim que devemos encontrar Cristo no ponto culminante da vida ativa. Se então, você estabeleceu, como fundamento da justiça, a caridade e a humildade, se você em seguida construiu lá uma habitação, ou seja, as virtudes que foram expostas acima e se você encontrou Cristo através da fé, da intenção e do amor, então você habita em Deus e Deus em você e você está de posse de uma vida ativa, que é a primeira coisa que desejamos falar.

LIVRO II

A vida interior.

PRÓLOGO.

A virgem prudente, ou seja, a alma pura que abandonou as coisas da terra e vive para Deus na prática das virtudes, carrega no vaso do seu coração o óleo da caridade e das obras divinas e sua lâmpada é uma consciência sem mancha. Mas quando Cristo, que é o Noivo, tarda em derramar suas consolações e a renovar seus dons, a alma se torna sonolenta, adormecida e inerte. No meio da noite, quando ela menos pensa e conta com ele, acontece um clamor espiritual na alma: *Vejam que vem o Noivo! Saiam ao seu encontro!*[46]

É desta visão, de uma vinda interior do Noivo e da saída espiritual da pessoa ao encontro de Cristo que queremos falar aqui.

Estes diversos pontos nós os ouviremos e explicaremos com um exercício interior afetivo que muitos po-

[46] Mateus 25: 1-6. *Ecce sponsus venit! Exite obviam ei!*

dem atingir graças à prática das virtudes morais e ao zelo interior.

Cristo, com suas palavras, nos ensina quatro coisas.

Primeiramente, ele quer que nosso intelecto brilhe com uma luz sobrenatural e é isto o que compreendemos com a ordem: *Vejam!*

Depois, em segundo lugar, ele nos mostra o que devemos ver, ou seja, a vinda interior do nosso Noivo da Eterna Verdade e é por isto que ele diz: *Vem o Noivo!*

Em terceiro lugar, ele nos ordena sair em cumprimento, como ele fez, das práticas interiores e nos diz: *Saiam!*

Por fim, ele nos mostra o termo e a razão de toda a obra, no encontro de Cristo, nosso Noivo e a união de prazer com a divindade.

CAPÍTULO 01

Como se vê de uma maneira sobrenatural.

Cristo diz então logo no início: *Vejam!* Ora, todo aquele que quer ver sobrenaturalmente, na vida interior, deve, necessariamente, possuir três coisas[47].

A primeira é uma luz da graça divina, superior à que se pode experimentar na vida exterior e ativa, a quem falta o zelo interior.

A segunda é um despojamento de imagens estranhas e de ocupações do coração, que torna a pessoa livre, livre da imaginação, sem apego e nem preocupação com nenhuma criatura.

A terceira, por fim, é uma livre conversão da vontade, que, unindo as forças corpóreas e espirituais e libertada de todo laço irregular, flui para a unidade com Deus e com o espírito, para que a criatura racional possa atingir e possuir sobrenaturalmente a sublime unidade divina.

Foi com este objetivo que Deus criou o céu e a terra e todas as coisas. Foi com este objetivo também que ele se fez humano, nos instruiu e nos consagrou sua vida, se

[47] As três condições enumeradas aqui são análogas àquelas que foram descritas no início do livro I. Elas estão relacionadas à purificação ativa das forças superiores e serão explicadas nos cap. 03 e 04. O cap. 02 forma como que um parênteses ocasionado pela expressão "unidade de espírito" que encontramos aqui.

constituindo, enfim, ele mesmo, o Caminho que leva à esta unidade.

Depois, ele morreu acorrentado pelo amor, subiu ao céu e nos abriu o acesso a esta mesma unidade, onde poderemos possuir a beatitude eterna.

CAPÍTULO 02

A tríplice unidade que está em nós.

Observem agora com cuidado que em todas as pessoas há, pela própria natureza, uma tríplice unidade que, nos justos, é também sobrenatural.

A primeira e a mais elevada unidade do ser humano está em Deus[48], pois todas as criaturas são ligadas a esta unidade divina quanto à essência, à vida e à conservação e se, sob esta relação, elas se separassem de Deus, elas cairiam no nada e se tornariam nada.

[48] A primeira unidade se refere à essência da alma enquanto essência, ou seja, enquanto princípio do ser. É esta a unidade essencial pela qual estamos inseparavelmente unidos a Deus como nossa causa. Nós a possuímos em Deus, no sentido em que São Paulo diz: *É dele que temos a vida, o movimento e o ser* (Atos 17: 28). Cf. São Tomás de Aquino: *As criaturas estão em Deus de duas maneiras: primeiro, como contidas e conservadas pela força divina, no sentido em que dizemos que o que está em nosso poder, isso está em nós. Neste sentido, as criaturas estão em Deus, tais quais são em suas naturezas. É neste sentido que devemos compreender as palavras do Apóstolo: "Nele vivemos, nos movemos e somos", pois nosso viver e nosso ser são causados por Deus. Suma Teológic*a. Parte I, Questão 18, Artigo 9, § 4. Cf. ainda: Ruysbroeck. *O livro do reino dos amantes de Deus, cap*. 05 et 29.

A unidade de que falamos está essencialmente em nós por natureza, quer sejamos bons ou maus e, sem nossa cooperação, ela não torna nem santos e nem bem-aventurados. Possuímos esta unidade em nós mesmos, mas, todavia, acima de nós mesmos, como o princípio e o suporte do nosso ser e da nossa vida.

Uma segunda união ou, se preferir, unidade, existe ainda em nós por natureza. É a unidade das forças superiores constituída pelo fato de que estas recebem sua origem natural, sob o ponto de vista de sua atividade, da própria unidade do espírito.

Trata-se sempre, aliás, da mesma unidade que possuímos em Deus, mas a consideramos aqui sob o ponto de vista ativo, invés de olhá-la sob o ponto de vista essencial[49] e o espírito está inteiramente em uma e na outra unidade, na totalidade de sua substância.

Esta segunda unidade, nós a possuímos em nós mesmos acima da parte sensorial e dela procedem a memória, o intelecto, a vontade e toda possibilidade de atividade espiritual. Aqui, a alma recebe o nome de espírito.

[49] A segunda unidade se refere à essência da alma e não mais enquanto princípio do ser, mas enquanto princípio de atividade. É a alma espiritual vista como fonte e sede das forças superiores. Cf. São Tomás. OC Parte I, Questão 077, Artigos 5 e 6. Ruysbroeck às vezes a chama de unidade de espírito e outra hora a chama de unidade das forças superiores.

A terceira unidade que está em nós por natureza é o domínio das forças inferiores e que tem sua sede no coração, como princípio e fonte da vida animal. É no corpo e particularmente na atividade do coração que a alma possui esta unidade, de onde fluem todas as operações do corpo e dos cinco sentidos. Ela recebe então, propriamente falando, o nome de alma, pois ela é a forma do corpo que ela anima, ou seja, faz viver e mantém vivo.

Estas três unidades que estão no ser humano por natureza constituem uma só vida e um só reino. Na unidade inferior, ele é sensorial e animal. Na média, ele é racional e espiritual. Na mais elevada, ele é mantido em sua essência. E isto é natural em todos os seres humanos.

Ora, estas três unidades, assim como um reino e uma morada eterna, são sobrenaturalmente ornamentadas e obtidas através das virtudes morais unidas à caridade na vida ativa. Elas são melhor ornamentadas ainda e mais nobremente obtidas através dos exercícios interiores praticados com vistas a uma vida espiritual[50]. Mas o

[50] Cf. Waffelaert, Gustave Joseph. *L'union de l'âme aimante avec Dieu, d'après la doctrine du Bx Ruusbrouck*. Cap. II, § 2, p. 46 e seg.

ornamento mais digno e mais feliz lhes é dado em uma vida contemplativa sobrenatural[51].

A unidade inferior que está no corpo é ornamentada e obtida sobrenaturalmente através das práticas exteriores realizadas perfeitamente segundo as virtudes morais, à exemplo de Cristo e seus santos. Nela, devemos carregar a cruz com Cristo e manter a natureza sob o jugo, de acordo com os mandamentos da Santa Igreja e os ensinamentos dos santos, na medida em que se pode fazer isto com discernimento.

A segunda unidade, que reside no espírito e é totalmente espiritual, é ornamentada e obtida sobrenaturalmente através das três virtudes teologais da fé, da esperança e da caridade. O influxo da graça e dos dons divinos se derrama nela com uma boa vontade em praticar todas as virtudes, a exemplo de Cristo e da santa cristandade.

A terceira unidade, que é a mais elevada e que ultrapassa nossa compreensão, mesmo que essencialmente em nós, é obtida sobrenaturalmente, quando, em todas as nossas ações virtuosas, nossa intenção busca o louvor e a honra de Deus e quando tomamos nele o repouso, acima

[51] Nos três parágrafos que seguem, o autor resume rapidamente todo o primeiro livro. Jordaens lhe dá este título: “Sobre a ornamentação moral dessas unidades”.

de qualquer intenção, acima de nós mesmos e de todas as coisas. Esta é a unidade de onde partimos como seres criados, mesmo permanecendo nela por nossa essência e para onde retornamos através da caridade.

Estas são as virtudes que, na vida ativa, formam a ornamentação das três unidades que mencionados.

É preciso dizer agora como estas três unidades são ornamentadas mais dignamente e obtidas de uma maneira mais nobre por meio de exercícios íntimos acrescentados à vida ativa[52].

Quando, pela caridade e a correta intenção, a pessoa se dedica, em todos os seus atos e em toda sua vida, à honra e ao louvor a Deus e, acima de tudo, ela busca em Deus seu repouso, ela estará facilmente disposta a atingir, humilde, pacientemente, com abandono de si mesma e com uma confiança segura, novos tesouros e liberalidades mais abundantes, sem jamais se preocupar, aliás, se Deus derrama seus dons ou se os retém.

Assim se criam uma aptidão e uma capacidade para receber o dom da vida interior afetiva. Quando o vaso está pronto, derrama-se nele o líquido precioso e não há

[52] Jordaens começa aqui o cap. 03, com este título: "Como uma pessoa ativa se prepara para a vida espiritual e sobre a infusão de novas graças".

vaso mais nobre do que a alma amorosa e nem líquido mais precioso do que a graça de Deus.

Temos então uma alma que devota a Deus todos os seus atos e toda sua vida, com uma intenção simples e totalmente correta e que, acima de toda intenção, acima de si mesma e de todas as coisas, toma seu repouso nessa unidade superior, onde Deus e o espírito amoroso estão unidos sem intermediário.

CAPÍTULO 03

O influxo da graça de Deus em nosso espírito.

Desta unidade, onde o espírito está unido a Deus sem intermediário, fluem a graça e todos os dons e é do seio desta mesma unidade, onde o espírito repousa em Deus acima de si mesmo, que Cristo, a Verdade Eterna, faz ouvir sua voz: *Vejam que vem o Noivo! Saiam ao seu encontro!*, ele diz.

Primeiramente, Cristo, a luz da Eterna Verdade, diz: *Vejam!*, pois foi através dele que nos foi dado ver. Ele é, de fato, a luz do Pai e, fora dele, não há luz, nem no céu, nem na terra.

Ora, a palavra de Cristo em nós não é outra coisa além de um influxo de sua luz e de sua graça. E esta graça nos é conferida na unidade das nossas forças superiores e do nosso espírito. Unidade de onde estas mesmas forças, sob o impulso da graça, fluem em atividade para produzir todas as virtudes e para onde elas retornam, atraídas pelos laços do amor.

Nesta unidade jazem a eficácia e o ponto de partida e fim de todas as obras criadas, tanto naturais quanto sobrenaturais, na medida em que estas obras são realizadas segundo o modo criado, com a ajuda da graça e dos dons divinos e pelo próprio poder da criatura.

É por isto que Deus dá sua graça na unidade das forças superiores, para que a pessoa possa sempre agir de maneira virtuosa, sob a influência, a abundância e o impulso da graça, pois a graça é conferida para a ação e, acima desta graça, Deus dá a ele mesmo, para nosso prazer e nosso repouso.

Assim, a unidade do nosso espírito é para nós uma morada onde reinam a paz divina e a abundância da caridade e toda a multiplicidade das virtudes se concentra lá para lá viver na simplicidade do espírito.

Ora, a graça de Deus que flui do próprio Deus é um impulso interior e uma influência do Espírito Santo, que age sobre nosso espírito no interior e o leva à virtude.

Esta graça é derramada do interior e não do exterior, pois Deus nos é mais íntimo do que nós somos a nós mesmos e seu impulso __ ou influência interior, tanto natural quanto sobrenatural __ nos é mais próximo e mais imediato do que nossa própria operação.

Assim, Deus age em nós do interior para o exterior, enquanto que todas as criaturas agem sobre nós do exterior para o interior. Isto é o que nos explica porque a graça e todos os dons divinos, bem como a voz íntima de Deus, surgem do interior, na unidade do nosso espírito e não do exterior, em nossa imaginação, sob formas perceptíveis.

CAPÍTULO 04

Três coisas são necessárias para ver sobrenaturalmente.

Quando a pessoa se recolhe nela mesma, Cristo lhe diz no espírito: “Veja!” Ora, como eu mostrei acima, três

coisas são necessárias pra que se possa ver nos exercícios íntimos.

A primeira é a iluminação da graça divina. A graça de Deus na alma, de fato, é comparável à cera acesa em uma lanterna ou vaso de vidro, pois ela ilumina, inunda e penetra, com sua claridade, o cristal, que é a pessoa justa e ela se revela àquele que a possui, desde que ele esteja atento interiormente em observar a si mesmo.

Ela é percebida também por outras pessoas, através daquele que é dotado dela, através das virtudes e os bons exemplos que aparecem nele.

Enfim, a irradiação da graça divina toca e move subitamente a pessoa interior através do exterior e este movimento rápido é o primeiro fator da nossa visão sobrenatural.

Deste movimento rápido nasce o segundo fator, que vem da pessoa. Trata-se de um encadeamento, através dos laços do amor, de todas as forças, tanto interiores, quanto exteriores, na unidade do espírito.

O terceiro, enfim, é a liberdade adquirida pela pessoa de entrar nela mesma, sem ser perturbada por nenhuma imagem ou qualquer outro obstáculo, tão frequentemente quanto ela queira e pense em seu Deus.

Em outros termos: ela é livre de preocupações com relação à alegria ou a dor, o ganho ou a perda, a honra ou a humilhação, de todas as preocupações estranhas, do contentamento e do medo, libertada que está de todas as criaturas.

Estes três fatores permitem à pessoa ver espiritualmente, por meio de exercícios íntimos. Se você os pratica, você já tem um fundamento e um ponto de partida para a vida interior.

CAPÍTULO 05

A primeira vinda do Senhor à pessoa interiorizada.

Mesmo que os olhos estejam limpos e a visão aguçada, se faltar o objeto amável e gracioso, isto não basta para ver e não serve de nada ou muito pouco. Assim, Cristo quer mostrar aos olhos iluminados do intelecto o objeto que ele deve contemplar, ou seja, o seu Noivo, que vem a ele interiormente.

Encontram-se, nas pessoas dedicadas devotamente à vida interior, três maneiras particulares segundo as

quais Deus se apresenta à alma e cada uma destas vindas a eleva a um grau superior e a exercícios mais íntimos.

Na primeira, Cristo excita e estimula a pessoa ao interior de uma maneira sensorial e ele a atrai para o alto, para o céu, com todas as suas forças, reclamando dela a unidade com Deus.

Este impulso e esta atração se fazem sentir no coração e na unidade das forças inferiores, especialmente na força afetiva, pois a primeira vinda de Cristo exerce sua influência e sua ação sobre a parte inferior da pessoa, para que ela seja plenamente purificada, levantada, inflamada e arrastada para o interior.

Este impulso íntimo de Deus derrama dons ou os corta, enriquece ou empobrece, alegra ou desola, estimula a esperança ou deixa no abandono, aquece ou resfria. E todos estes dons ou influências contrárias desafiam toda expressão em uma língua qualquer[53].

A vinda de que falamos, com os exercícios relacionados a ela, se divide em quatro modos sempre mais elevados, assim como mostraremos mais tarde. E esta é a

[53] Trata-se da purificação passiva dos sentidos, destinada a submeter plenamente a parte sensorial ao espírito (cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*, Ia IIae, q. 74, a. 3). Ruysbroeck relaciona a ela todas as graças que têm por objetivo erguer a pessoa acima do mundo sensorial, para arrastá-la para a união divina. Isto será o tema dos cap. 08 a 34.

ornamentação da parte inferior da pessoa na vida interior.

CAPÍTULO 06

A segunda vinda do Senhor à pessoa interiorizada.

O segundo modo como o Senhor se apresenta intimamente é de uma ordem mais elevada e que imprime mais sua semelhança, ao mesmo tempo em que é acompanhada de dons mais magníficos e de clareza maior.

É um influxo, nas forças superiores da alma, da riqueza dos dons divinos, tendo por efeito fortalecer, iluminar e enriquecer o espírito de muitas maneiras. Este influxo divino em nós reclama de nossa parte uma saída de nós mesmos e um retorno, com toda a riqueza que nos foi concedida, para o próprio fundo de onde ela fluiu.

Deus, neste mesmo influxo, derrama e manifesta dons maravilhosos, mas ele exige que a alma lhe devolva o cêntuplo de todos os seus dons e mesmo mais do que a criatura pode fazer. Esta prática e este modo são de natureza mais nobre e assemelham mais a Deus do que os

primeiros e nela está a ornamentação das três forças superiores da alma[54].

CAPÍTULO 07

A terceira vinda do Senhor.

A terceira maneira da vinda íntima do Senhor a nós consiste em um impulso ou toque interior que acontece na unidade do espírito, domínio das forças superiores da alma e fonte de onde elas fluem, para nela retornarem incessantemente e permanecerem unidas lá ao todo, por meio do laço do amor e da unidade natural do espírito. Esta vinda de que falamos eleva a alma ao grau mais íntimo e mais elevado da vida interior e a unidade do espírito é ornamentada de mil maneiras.

Mas, a cada uma destas vindas, Cristo reclama uma saída particular de nós mesmos, bem como uma vida conforme ao modo de sua vinda. Assim, ele diz a cada vez ao espírito em nosso coração: "Saia e que sua vida seja dedicada a praticar o que minha graça e meus dons lhe inspi-

[54] Esta segunda vinda corresponde ao que São João da Cruz diz dos inícios da alma no estado de noivado espiritual, enquanto que a terceira vinda se relaciona com as graças mais elevadas deste estado. Cf. São João da Cruz. *Cântico espiritual*, estrofe XIV e XV.

ram", pois, se o Espírito de Deus nos busca, nos impulsiona, nos atrai, se derrama e age em nós, devemos, em troca, sairmos de nós mesmos e nos dedicarmos aos exercícios interiores, para nos tornarmos perfeitos, pois, contrariar o Espírito de Deus com uma vida pouco conforme à suas inspirações seria se privar do seu impulso íntimo e perder, assim, a aptidão para a virtude.

Estas são as três vindas de Cristo que convidam à prática da vida interior. Precisamos agora explicar e analisar cada uma delas em particular.

Assim, é preciso prestar atenção com um zelo acentuado, pois quem jamais desfrutou destas coisas não pode compreendê-las facilmente.

CAPÍTULO 08

O primeiro modo na primeira vinda.

A luz vinda de Cristo, na prática da vida afetiva, consiste, como dissemos, em um impulso interior e sensível do Espírito Santo, que nos estimula e nos atrai para todas as virtudes.

Ora, esta vinda pode ser comparada ao brilho e à força do sol, que, em um instante, do ponto onde ele se

levanta, ilumina, banha com seus raios e aquece o mundo inteiro.

Da mesma forma, o Sol Eterno, que é Cristo, derrama, do alto do espírito onde ele mora, seus raios e sua claridade. Ele ilumina e inflama a parte inferior da pessoa, ou seja, seu coração e suas forças sensoriais e isto em um instante mais curto do que o piscar de olhos, pois a ação de Deus é rápida. Mas, quem quiser ter esta experiência deve ter os olhos do intelecto aptos à visão interior.

O sol que brilha sobre as terras altas, no centro, contra as montanhas, faz nascer nele um verão precoce que produz muitos bons frutos, dá vinhos poderosos e enche a terra de alegria[55].

Nas terras baixas, perto das extremidades do mundo, o sol derrama também seus raios, mas esta região é mais fria e a força do calor é menor. Lá, no entanto, também crescem bons e numerosos frutos, mas o vinho é raro nela.

Da mesma forma, quando se habita ainda a parte inferior de si mesmo e a região da sensorialidade, mesmo

[55] Ruysbroeck, sem dúvida, por *overlant*, as terras altas, se refere à região das províncias renanas e da Westphalia, que trazia, aliás, na Idade Média, o nome de Oberland, enquanto que o termo *nederlant* se aplica aos Países Baixos. Estas duas regiões eram particularmente conhecidas pelo autor.

praticando com boas intenções e com a graça de Deus as virtudes morais e as obras exteriores, produzem-se muitos frutos excelentes de virtudes, mas o vinho das alegrias interiores e das consolações espirituais é mais raro.

Assim, quem quer desfrutar da plena irradiação do Sol Eterno que é Cristo em pessoa, deve ter os olhos abertos e habitar nos cumes, na parte alta, reunindo todas as suas forças e elevando para Deus um coração livre e liberado das preocupações que causam a alegria ou a dor e toda criatura.

Lá, nesse coração livre e elevado, resplandece Cristo, o verdadeiro Sol da Justiça e são estes os cumes de que quero falar.

Cristo, de fato, sol glorioso e claridade divina, ilumina, banha com seus raios e abrasa com sua vinda interior e a virtude do seu Espírito, o coração livre e todas as forças da alma. E esta é a primeira obra desta vinda interior na prática da vida afetiva.

Assim como a virtude e a eficácia do fogo são para abrasar tudo o que é apto a queimar, da mesma forma, Cristo abrasa, com o ardor flamejante de sua vinda interior, os corações livres e elevados que estão dispostos a

isto e, nesta vinda, ele diz: “Saia e pratique o que convém a este modo de vir”.

CAPÍTULO 09

A unidade do coração[56].

O ardor flamejante que acabamos de mencionar faz nascer a unidade do coração, que só podemos adquirir se o Espírito de Deus inflama este coração com seus fogos, pois é próprio do fogo unificar e tornar semelhante tudo o que ele pode atingir e transformar.

A unidade consiste para a pessoa em se sentir reunida interiormente com todas as suas forças, na morada do seu coração. Ela dá a paz interior e o repouso do coração e é um laço que junta e envolve corpo e alma, coração e sentidos e todas as forças sensoriais e espirituais na unidade do amor.

---

[56] Os efeitos descritos aqui se relacionam com o que Santa Tereza d'Ávila chama de “oração de recolhimento sobrenatural”. Cf. *O castelo interior*. 4ª. Morada, cap. III e *O caminho da perfeição*. Cap. 28 e 29.

CAPÍTULO 10

O recolhimento.

A unidade do coração, por sua vez, dá origem ao recolhimento, de que ninguém pode ser dotado se não estiver, em si mesmo, unificado.

Este recolhimento consiste em se voltar interiormente para seu próprio coração, a fim de poder compreender e sentir a operação e a linguagem íntima de Deus. É como um fogo perceptível de amor, aceso e atiçado pelo Espírito de Deus no interior, sem que se saiba de onde isto vem e nem o que é.

CAPÍTULO 11

O amor sentido.

Dotado do recolhimento, a pessoa sente no coração um amor que penetra e atinge a força afetiva da sua alma. Não se pode desfrutar, de fato, deste amor e desta afeição do coração sem estar recolhido intimamente na alma.

Ora, este amor de afeição que se sente assim é um desejo ardente e um gosto muito vivo de Deus, como de um bem eterno que resume todo bem.

É preciso renunciar a toda complacência para com a criatura, mas não aos serviços que se pode prestar a ela.

A afeição interior, de fato, se sente tocada intimamente pelo amor eterno, que incessantemente deve ser cultivado e ela abandona e despreza facilmente todas as coisas, a fim de poder ganhar o que ela ama.

CAPÍTULO 12

A devoção.

O amor sentido assim faz nascer a devoção a Deus e à sua honra, pois ninguém pode ter no coração este sentimento de devoção afetiva sem ter experimentado para com Deus o amor de afeição que acabamos de mencionar. A devoção existe quando o fogo deste amor faz subir para o céu sua chama ardente.

Ela move então e estimula a pessoa ao serviço a Deus. Ela faz florescer em nosso corpo e em nossa alma a honra e a reverência perante Deus e perante todas as pessoas e Deus a reclama de nós em todo serviço que lhe prestamos.

A devoção nos purifica inteiramente de tudo o que poderia ser para nós um entrave ou um embaraço e ela nos coloca no caminho reto que conduz à beatitude.

CAPÍTULO 13

A ação de graças.

Da devoção íntima nasce a ação de graças, não havendo ninguém mais apto a louvar Deus do que a pessoa intimamente devota.

É com toda justiça que devemos a Deus louvores e ações de graça, pois foi ele que nos fez criaturas inteligentes e que dispôs e ordenou, para nos servir, o céu, a terra e até mesmo os anjos. Depois, ele se fez humano por causa de nossos pecados e nos deu seu ensinamento, sua vida e seus exemplos.

Revestido com uma forma humilde, ele se colocou ao nosso serviço, sofreu por nós a morte ignominiosa, pronto para nos dar em recompensa a posse dele mesmo e do seu Reino Eterno.

Esquecido de nossos pecados, ele nos poupou, nos perdoou frequentemente e ainda nos perdoa.

Ele derramou, em nossa alma, sua graça e seu amor e quer fazer sua eterna habitação e morada em nós e conosco.

A cada dia de nossa vida ele condescende nos visitar através dos seus augustos sacramentos, para responder a todas as nossas necessidades.

Ele nos legou seu corpo e seu sangue como um alimento e uma bebida que se adaptam ao apetite e à afeição de cada um.

Na natureza, nas Escrituras e em tudo o que é criado, ele quis se dispor como um exemplo e um espelho, onde possamos contemplar e aprender a maneira de transformar todas as nossas obras em virtudes.

A saúde, a força, a energia são suas liberalidades, como também, às vezes, a doença enviada para nosso bem, a miséria exterior ao mesmo tempo que a paz e o repouso no interior e dele, enfim, recebemos nosso título de cristãos, como nossa origem cristã.

De tudo isto, devemos dar graças a Deus desde aqui de baixo, para que possamos fazê-lo lá em cima, eternamente.

Mas devemos também louvar Deus por todo nosso poder e isto consiste em prestar honra, reverência e vene-

ração a toda onipotência divina, pela vida inteira. Louvar Deus é ação própria por excelência dos anjos e dos santos no céu, bem como das pessoas amorosas na terra.

Deve-se louvar Deus pela afeição e pela elevação das forças, das palavras e das ações, no corpo e na alma, em seus bens e no serviço humilde que se presta em todas as circunstâncias.

Aqueles que não louvam Deus neste mundo permanecerão mudos eternamente. Louvar Deus é, para o coração amoroso, o que há de mais doce e mais alegre e um coração cheio de louvor deseja que todas as criaturas lhe assemelhem.

Louvar Deus não tem fim, pois é uma bem-aventurança e convém fazê-lo eternamente.

CAPÍTULO 14

Uma dupla dor que nasce da gratidão íntima.

A gratidão e louvor íntimos geram um duplo sofrimento do coração e uma dor afetiva. A primeira é ver que se é impotente para agradecer, louvar, honrar e servir a Deus como seria preciso. A segunda é que não se cresce como se gostaria em caridade, em virtude, em fidelidade,

em perfeição de vida, de maneira a prestar a Deus dignas ações de graças, louvores e serviços. Esta é a segunda dor e ambas são, ao mesmo tempo, a raiz e o fruto, o princípio e o termo de toda virtude interior.

Sofrer, assim, interiormente e sentir com dor sua impotência em praticar as virtudes e louvar Deus são a obra mais elevada e a conclusão do primeiro modo dos exercícios interiores[57].

CAPÍTULO 15

Uma comparação que explica o exercício do primeiro modo[58].

Aqui está uma comparação que fará compreender o que deve ser este exercício. Quando o fogo material, pela força do seu calor, faz subir a água ou qualquer outro líquido até à ebulição, isto é o máximo que ele pode fazer. Então a água é posta em movimento e ela torna a descer para o fundo, de onde ela é lançada novamente para cima

[57] Cf. acima, o cap. 08.
[58] Esta mesma comparação pode ser encontrada em Ricardo de São Vítor. MIGNE, P. L., t. 196, col. 176).

pela mesma ação do fogo, de sorte que a água está sempre em ebulição e o fogo a estimula sem parar.

É da mesma maneira que opera o fogo interior do Espírito Santo. Ele estimula, aquece e abala o coração com todas as forças da alma, até à efervescência, que consiste em agradecer Deus e louvá-lo, de acordo com o que eu mostrei.

Assim se torna a descer para o próprio fundo onde o Espírito Santo faz sentir seu calor, de sorte que o fogo do amor arde sempre e o coração humano sobe sem cessar em ações de graça e em louvores que expressam suas palavras e suas ações, mesmo permanecendo sempre abaixado e assim se avalia bem alto o que se teria a fazer e que se faria de bom grado e como muito pouca coisa o que se fez na realidade.

CAPÍTULO 16

Outra comparação sobre o mesmo exercício.

Quando vem o verão e sobe o sol, seu calor atrai a umidade da terra através das raízes e o próprio tronco da árvore até os ramos e de lá vem o verdor, as flores e as frutas.

Da mesma forma, quando o Sol Eterno que é Cristo se eleva, sobe em nosso coração e faz nascer o verão, com a ornamentação das virtudes, ele derrama sua luz e seu calor em nossos desejos e arranca o coração da multiplicidade das coisas terrenas. Ele estabelece nele a unidade e o recolhimento. Ele o faz crescer e lhe dá o verdor do amor íntimo, as flores da devoção afetiva e os frutos da gratidão e do louvor, lhe permitindo conservar eternamente esses frutos no humilde sofrimento que este coração sempre sente de sua própria impotência.

Este é o fim do primeiro modo dos exercícios interiores, dentre os quatro principais que, na primeira vinda, dão, à parte inferior da pessoa, sua ornamentação.

CAPÍTULO 17

O segundo modo na primeira vinda de Cristo.

Como já comparamos os quatro modos da primeira vinda de Cristo aos efeitos produzidos pela irradiação e o ardor do sol, podemos observar como, por um novo efeito deste astro, os frutos são acelerados e multiplicados.

Quando o sol sobe bem alto e entra no signo de Gêmeos, ou seja, da dupla de mesma natureza, o que acon-

tece no meio de maio, o astro possui então uma força dupla sobre as flores e sobre as ervas, enfim, sobre tudo o que brota na terra.

Se, ao mesmo tempo, os planetas que controlam a natureza se apresentam segundo a ordem desejada pela estação, o sol derrama seus raios sobre a terra e faz subir a umidade até os ares. Daí vem o orvalho e a chuva e os frutos crescem e se multiplicam.

Da mesma forma, quando o Sol Claro que é Cristo se elevou em nosso coração acima de todas as coisas e que as tendências da parte inferior, opostas ao espírito, foram dominadas e discretamente ordenadas; quando as virtudes, conformes ao primeiro modo que foi descrito, se apoderaram da alma e que, sob o ardor da caridade, todo o prazer e o repouso que se pode encontrar em praticá-las se tornaram oferendas apresentadas a Deus em espírito de louvor e de ação de graças, então acontece frequentemente que se derramam uma doce chuva de novas consolações interiores e um orvalho celeste de suavidade divina. Com isto, as virtudes crescem e tomam como que um duplo desenvolvimento, desde que tudo se faça como convém.

Esta é uma obra totalmente nova, ao mesmo tempo que outra vinda de Cristo no coração amoroso. E assim, a pessoa foi elevada a um modo superior ao precedente. Nesta altura, Cristo diz: "Saia em conformidade com esta vinda".

CAPÍTULO 18

A alegria interior[59].

A doçura que acabamos de mencionar faz nascer no coração e nas forças sensoriais uma alegria tal que a pessoa pensa estar totalmente envolvida interiormente pelo abraço divino do amor.

Ora, este prazer e esta consolação ultrapassam em doçura, para a alma e para o corpo, tudo o que o mundo inteiro pode dar de coisas assim, mesmo que a pessoa pudesse desfrutar sozinha da totalidade dele.

É que aqui Deus flui para o coração através dos seus dons e derrama nele uma tão grande consolação amorosa e uma alegria tal que o coração transborda interiormente.

[59] Trata-se aqui da "oração de quietude" que Santa Tereza d'Ávila também chama de "oração dos prazeres espirituais". Cf. *O castelo interior*. 4ª. Morada, cap. 01-03, *O caminho da perfeição*. Cap. 30 e 31 e *Vida*. Cap. 14 e 15.

Percebe-se então o quão miseráveis são aqueles para quem o amor permanece no exterior. O prazer sentido assim faz como que o coração se liquefaça, a tal ponto que a pessoa não pode mais se conter, sob a abundância da alegria interior.

CAPÍTULO 19

O inebriamento espiritual[60].

Do prazer que acaba de ser descrito nasce um inebriamento espiritual que consiste, para a pessoa, em ser cumulada com mais doçura saborosa e alegria, que seu coração e seu desejo não podem aspirar ou conter.

O inebriamento espiritual produz muitos efeitos estranhos. Enquanto uns cantam e louvam Deus por excesso de alegria, outros derramam abundantes lágrimas na grande alegria do seu coração.

Neste, se manifesta uma agitação de todos os membros, que o força a correr, a saltar, a dançar. Naquele, o inebriamento é tão grande que ele o faz bater palmas e aplaudir.

[60] Esta graça está ligada ao "sono das forças", precursor da "oração de união" e Santa Tereza d'Ávila a chama de "um delírio celeste que embriaga a alma e o corpo". Cf. *Vida*. Cap. 16 e 17.

Um grita bem alto e manifesta assim a superabundância que ele sente no interior. Outro, pelo contrário, se cala, se derretendo nas delícias que experimenta em tudo.

Às vezes, se é tentado a acreditar que todos passam pela mesma experiência ou então, se imagina o contrário, que ninguém jamais desfrutou do que se está sentindo.

Parece que é impossível ver o término deste prazer e que, de fato, ele não será perdido jamais e se fica admirado de porque nem todas as pessoas se tornam espirituais e divinas.

Às vezes se pensa que Deus está todo para nós apenas e que ele não pertence a ninguém, tanto quanto a nós mesmos. Outras vezes, se pergunta com admiração o que é tal prazer, de onde ele vem e o que nos aconteceu.

É a vida mais deliciosa que uma pessoa pode conhecer sobre a terra, enquanto prazer sentido. E, às vezes, as delícias são tão grandes que o coração pensa que vai se romper.

Em presença de todos estes inúmeros dons e dessas obras maravilhosas, a pessoa, na humildade do seu coração, deve dar, ao Deus onipotente, louvores e ações de graças, honra e reverência, o agradecendo com uma íntima devoção por ter desejado conceder tantas maravilhas.

E sempre ela pensará nela mesma e repetirá com a boca, com toda verdade: “Senhor, eu não mereço tudo isto, mas tenho muita necessidade da vossa bondade imensa e do vosso apoio!”

Com uma humildade assim, a pessoa pode crescer e se elevar às mais altas virtudes.

CAPÍTULO 20

O que pode prejudicar a pessoa neste estado.

Acontece de alguns terem a experiência da vinda que tratamos e deste segundo modo, desde o início, assim que, afastados do mundo e inteiramente convertidos, eles deixam toda consolação terrena para se darem a Deus plenamente e viverem somente para ele.

Mas eles ainda são fracos e precisam mais de leite e de coisas doces do que de uma alimentação forte, como as grandes tentações e o abandono da parte de Deus. Assim, neste momento da vida deles, ou seja, neste estado, a geada branca e a névoa fria lhes são frequentemente nocivas, pois eles estão bem no meio do maio de suas vidas interiores.

A geada branca é o sentimento funesto de querer ser alguma coisa ou de acreditar em seu próprio valor ou ainda em se voltar para si mesmo e pensar que se mereceu as consolações recebidas ou que se é digno delas. Esta geada branca é capaz de fazer cair o fruto de qualquer virtude.

Quanto à névoa fria, ela é o desejo de repousar na consolação interior e na doçura sentida. A atmosfera da razão se obscurece e a energia pronta para eclodir, florescer e dar fruto se volta para ela mesma e assim se perde o conhecimento da verdade.

Às vezes, no entanto, uma falsa doçura, causada pelo demônio, permanece e acaba por seduzir.

CAPÍTULO 21

Uma comparação que fará compreender como é preciso se comportar neste estado.

Aqui está uma humilde comparação que colocará vigilante contra o erro e ensinará uma conduta prudente neste estado.

Observe então a abelha toda sábia e faça como ela. A unidade é sua morada no agrupamento de seus pares e se

ela sai, ela evita a tempestade, preferindo o tempo calmo e sereno. Quando o sol está brilhante, ela vai de flor em flor, por toda parte onde pode encontrar seu doce néctar. Mas ela não repousa em nenhuma e nem se detém em nenhuma beleza ou doçura. Ela reúne o néctar e a cera, ou seja, o que é doce e o que dará clareza e depois retorna à sua unidade recolhida, para que seu trabalho seja frutífero.

O coração, nascido dos raios do Sol Eterno que é Cristo, cresce sob sua influência, floresce e destila, com todas as forças interiores, a alegria e a doçura.

Ora, a pessoa sábia fará como a abelha. Pousará com atenção, inteligência e discernimento sobre todos os dons e doçuras de que desfruta e sobre todo o bem que recebeu de Deus e, com o dardo da caridade e da atenção íntima, ela deve desfrutar de passagem da diversidade dos bens e consolações. Mas ela não pousará sobre nenhuma flor desses dons e, toda carregada com ações de graças e louvores, ela retornará para a unidade onde deseja se repousar e habitar com Deus por toda a eternidade.

Este é segundo modo dos exercícios interiores que decora de muitas maneiras a parte inferior da pessoa.

CAPÍTULO 22

O terceiro modo da vinda espiritual de Cristo.

Quando o sol atinge no céu seu ponto mais alto, ele entra no signo de Câncer, outrora chamado de lagostim, pois, não podendo se elevar mais alto, ele começa a retroceder. É então que o calor é o mais forte de todo o ano e o sol, aspirando a umidade da terra, a torna muito seca e os frutos ganham em maturidade.

Da mesma forma, Cristo, o Sol Divino, sobe ao mais alto do nosso coração, ou seja, acima de todos os dons, consolação ou doçura que podemos receber dele, quando não buscamos mais repouso em nenhum prazer produzido por Deus em nossa alma, por mais forte que ele seja e que, senhores de nós mesmos, nós reentramos incessantemente, como foi dito, com humildes louvores e sinceras ações de graça, no próprio fundo de onde todos os dons fluem nas criaturas, segundo suas necessidades e sua dignidade. Então, Cristo se mantém elevado no mais alto do nosso coração e ele quer atrair para ele todas as coisas, ou seja, todas as nossas forças.

Quando então o coração amoroso não pode mais se deixar vencer ou entravar por qualquer gosto ou consola-

ção, mas quer ultrapassar toda doçura e todo dom para reencontrar Aquele que ama, então nasce o terceiro modo de vida interior, em que a pessoa é elevada e ornamentada segundo a parte sensorial e inferior dela mesma.

Ora, neste modo, a primeira ação de Cristo é fazer subir para o céu o coração, o desejo e todas as forças da alma e chamar à união com ele. Assim, ele diz espiritualmente no coração: "Saia de você mesmo para vir à mim, de acordo com o atrativo e o convite que lhes foram oferecidos".

Este atrativo e este convite, eu mal posso explicar às pessoas vulgares e sem delicadeza. Mas é um apelo e um convite dirigidos ao íntimo do coração para a alta unidade de Deus. Este apelo íntimo é mais doce ao coração amoroso do que tudo o que ele pôde desfrutar antes e ele faz nascer um modo novo e um exercício mais elevado[61].

Então o coração transborda de alegria e de desejo, todas as veias se dilatam, cada uma das forças da alma se sente pronta e quer responder ao que é exigido por Deus e pela união com ele.

[61] Aqui se trata da "oração de união simples". Cf. Santa Tereza d'Ávila. *O castelo interior*. 5ª. Morada, cap. 01-04; *O caminho da perfeição*. Cap. 32 e seg. ; *Vida*. Cap. 18-22.

Este convite é como uma irradiação do Sol Eterno que é Cristo. Ele dá ao coração delícias muito grandes e alegria e o faz tão largamente se desabrochar que ele dificilmente pode se fechar. Com ele, a pessoa é ferida no coração e sente uma chaga de amor. Ora, ser ferido de amor é a emoção mais doce e também a dor mais excruciante que se pode sentir.

Mas, estar ferido de amor é um sinal certo de que se curará. A ferida espiritual dá alegria e dor ao mesmo tempo. E neste coração com a ferida aberta, Cristo Sol de Verdade derrama novamente e espalha sua luz e ele reclama sempre que se una a ele. É por isto que a ferida e as chagas se renovam.

CAPÍTULO 23

A languidez e a impaciência de amor[62].

Quando Cristo fez ouvir seu apelo íntimo e seu convite e a criatura se levanta e se mostra pronta para dar tudo o que ela pode, sem, no entanto, poder alcançar e

[62] Isto é o que Santa Tereza d'Ávila chama de "transportes de amor". Cf. *Vida*. Cap. XXIX.

nem obter a unidade com Deus, isto lhe causa uma languidez espiritual.

O mais íntimo do coração e a própria fonte da vida estão feridos de amor e, por outro lado, há a sensação de incapacidade para obter o que se deseja acima de tudo e é preciso permanecer sempre onde não se gostaria. Esta é a dupla causa desta languidez.

Cristo se elevou então até o cimo do coração e de lá ele projeta seus raios divinos sobre este coração faminto de desejos. Sob este ardor inflamado, toda umidade, ou seja, toda força e energia naturais secam e se consomem.

O coração, que está sempre aberto e cheio de desejos e, por outro lado, o Sol Divino, que golpeia com seus raios, são a causa de uma languidez que não cessa.

Quando não se pode alcançar Deus e, no entanto, não se pode e nem se quer passar sem ele, isto faz nascer, em alguns, um ardor espiritual e uma impaciência interior e exterior. Enquanto a pessoa sente este ardor, nenhuma criatura no céu ou na terra é capaz de lhe dar repouso ou qualquer satisfação.

Às vezes, neste estado, se percebe, no interior, palavras muito elevadas e úteis que transmitem um ensinamento maravilhoso e uma sabedoria singular. O ardor

íntimo torna pronto para sofrer tudo para obter o que se ama e este ardor de amor é uma impaciência interior que a razão dificilmente entende, enquanto ela não alcança o Objeto Amado.

O ardor íntimo corrói o coração humano e bebe seu sangue, pois aqui o calor perceptível do amor é o maior que pode sentir uma vida humana. A natureza corpórea está nele secretamente ferida e ela se desgasta sem um trabalho exterior. Mas também o fruto das virtudes amadurece e se acelera mais do que em todos os outros modos descritos até agora.

Na estação do ano que falamos, o sol penetra em Leão, ou seja, no signo que traz o nome do rei dos animais, de natureza violenta. Da mesma forma, quando a pessoa chega a este estado, Cristo, o Sol da Claridade, se mantém também no signo de Leão, pois o calor ardente de seus raios é tão grande que quem é atingido por ele sente seu coração ferver.

Enquanto dura este tipo de ardor, ele domina e perturba qualquer outro modo de vida interior, pois ele quer ser sem modo e nem maneira[63].

[63] Cf. São João da Cruz. *A subida do Monte Carmelo*. I, II e IV.

Acontece, às vezes, de a pessoa, quando é tomada por este ardor, cair em um tipo de languidez e de desejo impaciente de ser libertado da prisão do seu corpo, para poder se unir Àquele que ama. Ao levantar os olhos de sua alma, ela percebe as cortes celestes, cheias de glória e de alegria, seu Bem-amado coroado e derramando em seus santos suas liberalidades infinitas, enquanto ela mesma está privada delas.

Então, geralmente jorram as lágrimas e se elevam os desejos ardentes.

Retornando em seguida seu olhar aqui para baixo, a pobre criatura vê o exílio em que é prisioneira, sem poder escapar e ela chora de languidez e impaciência.

Mas estas lágrimas que a natureza faz correr pacificam e refrescam a alma, ao mesmo tempo em que elas são úteis ao corpo, para lhe conservar a força e a energia e ajudar a atravessar o tempo do ardor que mencionamos.

É bom também, para aqueles que estão neste estado, multiplicar as considerações e se dedicarem a práticas definidas, para que possam conservar suas forças e levarem por um bom tempo uma vida virtuosa.

CAPÍTULO 24

Os arrebatamentos e as revelações de Deus[64].

Sob a ação do ardor e da impaciência do amor, acontece às vezes de certas pessoas serem levadas, em espírito, acima dos sentidos. Elas ouvem então palavras ou mesmo veem imagens e representações de certas verdades úteis a elas mesmas ou aos outros ou ainda coisas futuras.

Isto é chamado de revelações ou visões. Trata-se de imagens sensoriais que são recebidas na imaginação e pode ser obra de um anjo que age através da virtude de Deus. Se forem verdades intelectuais ou representações espirituais sob as quais Deus se revela de alguma maneira, elas são percebidas pelo intelecto e podem ser expressas por palavras, na medida em que as palavras dão conta delas.

Mas, às vezes também, a pessoa pode ser atraída para cima dela mesma e acima do espírito, embora não absolutamente para fora dela mesma, até um bem incompreensível que ela é sempre incapaz de descrever ou de

[64] Santa Tereza d'Ávila também descreve tudo o que é dito aqui. Cf. *O castelo interior*. 6ª. Morada, cap. 02-10 e *Vida*. Cap. 18-23.

explicar, tal como ela viu ou ouviu, pois ver e entender são uma coisa só, nesta operação e nesta visão simples.

Ora, isto, ninguém pode fazer nascer, a não ser Deus, sem intermediário ou a colaboração de alguma criatura e é chamado de arrebatamento, o que quer dizer que se é capturado, levado e transportado.

Às vezes, Deus suscita no espírito uma rápida fulguração, algo como um relâmpago no céu. É um curto jato de luz de uma claridade cegante que jorra da nudez simples. Em um piscar de olhos, o espírito é elevado acima dele mesmo e logo a luz não existe mais e a pessoa retorna a ela mesma. Esta é uma ação do próprio Deus e algo muito nobre, pois aqueles que são objeto dele se tornam subitamente pessoas iluminadas.

Aqueles que são tomados pelo ardor do amor a sentem às vezes de outra maneira, pois neles brilha certa luz que Deus produz por um intermediário e, sob esta influência, o coração e a força afetiva vão ao encontro da luz e quando acontece este encontro, a avidez e o prazer são tão grandes que o coração não pode suportá-los, mas irrompe em gritos impetuosos e isto é chamado jubilar ou jubilação, ou seja, é uma alegria que não pode ser expressa por palavras.

É-se incapaz também de contê-la e assim que se encontra a luz com um coração que se eleva para ela e se abre amplamente, a voz deve necessariamente seguir, pelo tempo que durar este estado e este gênero de luz.

Algumas pessoas interiorizadas recebem às vezes de seu anjo da guarda ou outros anjos, por via de sonhos, muitos ensinamentos úteis.

Mas há também pessoas que abundam em inspirações súbitas, em palavras interiores, em altos pensamentos, mesmo permanecendo presos, através dos sentidos, ao exterior e elas sonham grandes maravilhas, mas não sabem nada do ardor amoroso, pois estão dispersas por mil coisas e não sentiram a ferida de amor.

Estes efeitos podem vir também, aliás, tanto do demônio quanto do bom anjo. Assim, só se pode dar fé a eles na medida em que eles estão de acordo com as Santas Escrituras e a Verdade, mas não mais do que isto, pois, não sendo assim, cair-se-ia facilmente no erro.

CAPÍTULO 25

O que pode prejudicar aqueles que se dedicam ao terceiro modo.

Eu quero agora expor o que pode ser nocivo e prejudicial àqueles que vivem no ardor do amor.

Há uma época do ano, como dissemos, em que o sol avança para o signo de Leão e ela é a mais insalubre que existe, ainda que faça o nascimento de frutos. Então, de fato, começam os dias da canícula que trazem com eles muitos males. O calor nele é tão forte e tão anormal que, em muitos lugares, as plantas e as árvores secam, os peixes na água se enfraquecem e morrem e, às vezes, até mesmo as pessoas se tornam doentes e perecem.

A causa disto, aliás, não é somente o sol, pois os mesmos efeitos deveriam acontecer em toda parte e em todos. Mas é devido também a uma disposição mórbida dos corpos sobre os quais o sol exerce sua influência.

Da mesma forma, quando a pessoa chega a este estado de impaciência que descrevemos, ela entra realmente na canícula. O brilho dos raios divinos se derrama do alto com um ardor tão intenso e o coração ferido de amor é tão abrasado no interior, quando crescem as afeições ardentes e os desejos impacientes, que a pessoa cai em

uma agitação e um sofrimento comparáveis aos de uma mulher em trabalho de parto e que não pode se curar.

A pessoa quer então voltar incessantemente seu olhar para seu próprio coração ferido e para o objeto amado e o mal só pode aumentar sempre. Ele se prolonga mesmo a tal ponto que a pessoa acaba por ter seu corpo seco como as árvores das regiões muito quentes e ela morre em ardor de amor e se vai para o Paraíso sem passar pelo purgatório.

Morrer de amor é morrer bem. No entanto, enquanto uma árvore pode dar bons frutos, ela não deve ser cortada ou arrancada.

Às vezes, Deus flui em grande doçura para o coração ardente de amor, que nada então nas delícias, como o peixe na água, enquanto que, em seu fundo mais íntimo, ele queima de ardor e de caridade, por causa desta deliciosa imersão nos dons divinos e do calor bem-aventurado e impaciente que lhe causa a queimadura de amor. E se se permanece por muito tempo assim, as forças corpóreas perecem.

Todos aqueles que estão neste ardor só podem definhar nele, mas nem todos morrem, desde que possam se controlar bem.

CAPÍTULO 26

Outro perigo.

Quero também colocá-los vigilantes contra outro perigo, de onde pode haver um grande dano.

Na época do grande calor, cai às vezes um orvalho de mel de falsa doçura que mancha a fruta ou até a estraga completamente e isto acontece, sobretudo, no meio do dia, quando o sol está em todo seu esplendor e são gotas grossas, mas que se diferenciam da chuva.

Assim também existem pessoas que uma certa luz causada pelo demônio coloca fora de sentido. Esta luz as envolve e as rodeia. Numerosas imagens, mentirosas ou verdadeiras, lhes são mostradas e elas ouvem muitas palavras, com tudo lhes causando grande satisfação. Então, às vezes, caem gotas de mel de uma falsa doçura com as quais estas pessoas se comprazem.

Se decidimos valorizá-las, elas vêm em abundância e ficamos facilmente manchados, pois se quer ter como

verdadeiro o que é uma mentira, porque se viu ou se ouviu, cai-se no erro e o fruto das virtudes se estraga.

Mas aqueles que seguiram o caminho descrito acima e que forem tentados por este espírito e esta falsa luz os reconhecerão facilmente e isto não poderá prejudicá-los.

CAPÍTULO 27

Uma comparação com as formigas.

Quero propor, àqueles que vivem no ardor do amor, um pequeno exemplo, para que eles se comportem neste estado de uma maneira sábia e adequada e cheguem depois a virtudes mais elevadas.

Há um pequeno inseto chamado formiga que é dotado de força e de prudência e que tem uma vida muito dura. Ele habita de bom grado em uma sociedade com seus semelhantes, nas terras quentes e secas.

Ora, a formiga trabalha durante o verão, juntando comida e grãos para o inverno e ela parte estes grãos em dois, para que eles não se percam ou não se estraguem e ela possa utilizá-los quando não houver mais outra coisa.

Ela não percorre caminhos diversos, mas vai sempre pelo mesmo caminho e quando chega a época certa, ela se torna capaz de voar.

Assim deverão agir as pessoas de que falamos. Elas serão fortes por ocasião da vinda de Cristo e prudentes com relação às miragens e as palavras do demônio. Elas não escolherão morrer, mas, pelo contrário, propiciar sempre a glória de Deus e adquirir, para elas mesmas, novas virtudes. Elas habitarão na unidade reunida de seus corações e de suas forças, obedecendo à exigência e ao apelo da união com Deus. A morada delas será na terra quente e seca do impetuoso ardor do amor e da grande impaciência.

É durante o verão do tempo presente que elas deverão exercer o trabalho delas e reunir os frutos das virtudes, com os quais farão duas partes, sendo que uma será desejar incessantemente a alta unidade do prazer e a outra deverá ser ajudar a elas mesmas se dominarem através da razão, o quanto elas puderem, esperando o tempo que Deus lhes preparou para isto. Assim, o fruto das virtudes pode ser guardado para a eternidade.

Elas não seguirão caminhos desviados e não terão maneiras singulares, mas através de todas as tempesta-

des, elas manterão o caminho do amor, seguindo para onde este amor as levar.

Quando se sabe esperar o tempo certo e perseverar em todas as virtudes, pode-se chegar a contemplar e voar até os segredos divinos.

CAPÍTULO 28

O quarto modo da vinda de Cristo[65].

Precisamos falar agora do quarto modo da vinda de Cristo, que eleva a pessoa e a aperfeiçoa na prática da vida interior, segundo a parte inferior dela mesma. E como já comparamos os diversos modos de vindas interiores ao esplendor do sol e à sua eficácia, de acordo com o decorrer do ano, prosseguiremos no mesmo exemplo e mostraremos como o sol progride e produz seus efeitos, na medida em que se escoam as estações.

Quando ele começa a descer notavelmente do alto do seu curso até seu declínio, ele entra em um signo chamado Virgem, porque então a estação, como uma virgem,

[65] O autor agrupou neste capítulo todas as provações relatadas nos três primeiros graus ou modos que acabam de ser descritos. É preciso recordar que todo este primeiro estágio da vida interior não passa de um tecido de graças e provações, como Ruysbroeck disse acima, no cap. 06. Cf. Santa Tereza d'Ávila. *O castelo interior*. 6ª. Morada, cap. 01.

não dá frutos. Foi nesta época do ano que subiu ao céu a gloriosa Virgem Maria, Mãe de Cristo, cheia de alegria e rica de todas as virtudes.

Esta também é a estação onde o calor começa a diminuir e se costuma fazer a colheita, com vistas a um longo ano, dos frutos maduros e que podem ser conservados, tais como os grãos, a uva e outros frutos duráveis que atingiram sua maturidade e que poderão ser utilizados e comidos por muito tempo.

Depois, com os grãos se faz sementes, que devem se multiplicar para a utilidade humana. É então que termina e se completa todo o trabalho do sol ao longo do ano.

Da mesma forma, quando o Sol da Glória que é Cristo, depois de ter subido no coração até o ápice, como eu falei quando expus o terceiro modo, começa a descer, retirando seus raios divinos e deixando a pessoa com ela mesma, o ardor e a impaciência de amor começam também a diminuir.

Ora, esta disposição de Cristo em se ocultar e em retirar o brilho da sua luz e do seu calor constitui a primeira ação do modo que nos ocupa e uma nova vinda. Cristo se faz ouvir nela novamente e diz: “Saia segundo a maneira que eu lhe mostro agora”.

A este apelo, a pessoa sai e se vê pobre, miserável e abandonada. Toda tempestade, de fato, o ardor e a impaciência de amor se resfriaram. Ao verão escaldante sucedeu o outono e todas as riquezas se transformaram em grande pobreza.

Assim, esta pessoa começa a se queixar e a se apiedar dela mesma. Onde estão agora o calor de amor, o espírito interior, a ação de graças e o louvor cheio de alegria? Como a consolação interior, a vida íntima e a suavidade sensível foram retiradas? E o violento ardor de amor e todos os dons de que ela desfrutava? Tudo isto está então morto para ela?

Este estado se parece com alguém que desaprendeu tudo e que perdeu seu saber e o fruto das suas dores. A natureza geralmente se emociona e se entristece com uma perda assim.

Às vezes, essas pobres pessoas perdem também seus bens terrenos, seus amigos e seus próximos e ficam como que abandonadas por todas as criaturas. Não se encontra e nem se considera nada de santo nelas. Todas as suas ações e toda a vida delas são tomadas em mau sentido e elas se tornam objetos de desprezo e de repulsa por todos aqueles que se aproximam delas. Depois, são misérias e

doenças incontáveis ou ainda tentações no corpo ou, o que ultrapassa tudo, no espírito.

Deste despojamento nasce o temor da queda e, ao mesmo tempo, uma semidesconfiança. Este é o ponto extremo em que se pode chegar antes do desespero. E nesta aflição, a pessoa busca de bom grado a companhia dos bons, se queixando a eles e lhes expondo sua miséria e desejando grandemente ajuda e prece da Santa Igreja e de todas as pessoas virtuosas.

CAPÍTULO 29

Como deve agir a pessoa em seu abandono.

Neste ponto, a pessoa confessará, na humildade do seu coração, que dela mesma só há indigência e ela repetirá, com paciência e abandono, as palavras do santo homem Jó: *O Senhor deu, o Senhor tirou. Assim como o Senhor quis, assim foi feito. Bendito seja o nome do Senhor!*[66]

Assim, esta pessoa se abandonará em todas as coisas, dizendo e pensando em seu coração: “Senhor, eu

[66] Jó 1: 21.

quero, de bom grado, ser pobre de tudo o que me foi tirado, invés de ser rico, se isto for vossa vontade e se isto for para vossa glória. Senhor, não é minha vontade segundo a natureza, mas vossa vontade e minha vontade segundo o espírito que devem ser feitas[67], Senhor, porque sou vosso e porque, se for para vossa honra, eu irei de bom grado para o inferno, invés de para o céu. Faça comigo o que vos propiciar vossa glória".

Desta maneira, ela transformará todos os sofrimentos e todo abandono em alegria interior, colocando a si mesma nas mãos de Deus e se rejubilando por poder sofrer alguma coisa para a honra dele.

Se ela se comporta bem neste estado de vida, jamais terá desfrutado de alegria mais íntima, pois nada é mais doce para aquele que ama Deus do que se sentir a coisa própria do seu Bem-amado.

Então, mesmo que ela tivesse experimentado tudo o que foi descrito até aqui, se ela se elevou diretamente no caminho das virtudes até o modo de que tratamos, isto basta, desde que ela sinta nela mesma este fundo virtuoso que consiste em praticar humildemente a obediência e

[67] Cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*. IIIa, questão 18 (A unidade de cristo quanto à vontade), artigo 5.

em suportar pacientemente o abandono. Com estas duas coisas, se está sempre em segurança neste modo.

A estação do ano de que falamos leva ao signo de Libra (Balança), assim chamado porque os dias e as noites se tornam iguais e o sol dá parte igual à luz e às trevas. Da mesma forma, Cristo está, com relação à pessoa abandonada, como que na balança. Se ele dá, de fato, doçura ou amargura, treva ou claridade, seja o que for, enfim, esta pessoa restabelece o equilíbrio. Todas as coisas são, para ela, semelhantes, com exceção do pecado, que deve ser inteiramente banido.

Ela está resignada e enquanto toda consolação lhe é tirada e em seu pensamento ela está privada de toda virtude e abandonada por Deus, bem como por todas as criaturas, se ela sabe colher bem todas as coisas, este é o momento preciso em que todos os frutos, os grãos e a uva estão em plena madureza. O que quer dizer que tudo o que o corpo pode suportar, de qualquer natureza que seja, será oferecido voluntária e livremente a Deus, sem que a vontade superior se oponha a isto.

Todas as virtudes, tanto exteriores quanto interiores, que até então eram praticadas no fogo do amor e com grande satisfação, devem ser realizadas agora com esfor-

ço, embora voluntariamente, na medida em que se pode ver e que se pode fazer, para oferecê-las a Deus. Desta forma, jamais elas tiveram mais valor aos olhos Dele e jamais elas foram tão nobres e nem tão belas.

Da mesma forma, se priva de bom grado e se deixa ser despojado de toda consolação dada por Deus, desde que isto seja para a honra Dele.

Tudo isto forma a colheita de grãos e de frutos maduros dos quais se viverá eternamente e que será nossa riqueza perante Deus. Assim acabam as virtudes e a desolação se transforma em um vinho eterno.

Estas pessoas, com a vida delas e a paciência que demonstram, são um motivo de benefício e ensinamento para aqueles que as conhecem e que se aproximam delas, de sorte que o trigo de suas virtudes é semeado e se multiplica, para a utilidade de todas as pessoas de bem.

Este é o quarto modo que dá, às forças sensoriais e à parte inferior, a ornamentação e o acabamento dos exercícios da vida interior. Não que aqueles que se dedicam a ele não possam crescer incessantemente e nem se tornarem mais perfeitos, mas, em razão das amargas visitas, provações, tentações e combates que tiveram que manter da parte de Deus, deles mesmos e de todas as criaturas, a

virtude do abandono está neles em uma muito grande perfeição.

No entanto, o abandono e a submissão da própria vontade à de Deus são absolutamente necessários a todos aqueles que querem ser salvos.

CAPÍTULO 30

Os males que podem contrair aqueles que se dedicam a este quarto modo.

Na época do ano que é chamada de equinócio, o sol desce e a temperatura esfria. Esta é a ocasião, para aqueles que não tomam cuidado, de ganharem humores malignos que sobrecarregam o estômago, geram doenças e muitas indisposições, fazem tomar desgosto por toda comida saudável e até levam, algumas vezes, à morte.

Sob a ação desses humores malignos, há aqueles que se tornam hidrópicos, enfraquecem por muito tempo e alguns até morrem.

Por fim, essa superabundância de humores faz nascerem as doenças e a febre, de que muitos tem que sofrer e até mesmo perderem a vida[68].

Da mesma forma, quando aqueles que, tendo boa vontade, desfrutaram alguma coisa de Deus, decaem em seguida e se afastam para longe de Deus e da verdade, eles começam a enfraquecer sob o ponto de vista do verdadeiro progresso ou mesmo eles morrem para as virtudes e até sofrem a morte eterna, em consequência de uma destas doenças ou de todas ao mesmo tempo.

Particularmente, quando a pessoa sofre o abandono, ela precisa de uma grande força e deve se exercitar segundo o modo que acaba de ser descrito, para que não caia no erro. Mas, se lhe falta sabedoria e ela se governa mal, ela contrai males facilmente, porque o tempo se esfria nela.

Conclui-se que a natureza é preguiçosa em virtudes e em boas obras e deseja a comodidade e o bem-estar do corpo, às vezes de uma maneira insensata e mais do que o necessário.

[68] O autor vai explicar agora o que ele quer dizer com os três males que ele acaba de mencionar: os maus humores (cap. 30), a hidropsia (cap. 31) e a febre (32).

Alguns acolherão de bom grado as consolações divinas, desde que elas venham sem que lhes custe muito e sem esforço. Outros procuram alívio nas criaturas, o que é causa frequente de grande dano. Estes se imaginam doentes, fracos ou inteiramente esgotados e consideram como indispensável tudo o que podem obter ou dar aos seus corpos, em termos de repouso e de bem-estar.

Quando a pessoa é condescendente assim com a natureza e busca, de uma maneira insensata, o bem e a satisfação do seu próprio corpo, são como os humores malignos que sobrecarregam o estômago. Seu coração fica prejudicado e ela perde o apetite e o gosto por todos os bons pratos, ou seja, por todas as virtudes.

CAPÍTULO 31

O segundo mal.

Às vezes também o mal contraído pelo resfriamento faz com que se encha de água. Esta é a cupidez pelos bens terrenos, que leva a desejar mais quanto mais se recebe, pois a água se acumula e o corpo, ou seja, o apetite e o desejo se tornam enormes sem que a sede diminua. Mas o rosto parece acabado e emagrecido. Eu quero dizer que a

consciência e seu discernimento se reduzem, porque há como que um obstáculo e um intermediário que perturbam o influxo da graça divina.

Quando essa água da cupidez pelos bens terrenos se aproxima do coração, ou seja, quando se toma lá seu repouso com uma sensação de complacência, não se pode avançar nas obras de caridade, por causa desta doença. O sopro interior e a respiração se tornam muito curtos ou, em outros termos, a graça de Deus e a caridade íntima fazem falta. Assim, não se consegue se livrar desse amontoado de água de bens terrenos, o coração fica todo envolvido por ela e muitas vezes acontece de advir a morte eterna.

Mas, quando o coração consegue permanecer por cima, de maneira a poder dominar esses bens e se livrar deles, se for necessário, embora o mal do pendor desordenado possa durar muito tempo, a cura é, no entanto, possível.

CAPÍTULO 32

O terceiro mal, que consiste em quatro tipos de febres nocivas às pessoas.

Há quatro tipos de febres que podem atormentar aqueles que deixam acumular os humores malignos, ou seja, a busca exagerada pelo bem-estar físico e a consolação insensata buscada nas criaturas.

A primeira febre é chamada de cotidiano. É a multiplicidade do coração que vem do fato de se querer saber de todas as coisas, falar de tudo, corrigir e endireitar, enquanto se esquece muitas vezes de si mesmo. Desta maneira, se sobrecarrega com mil assuntos estranhos e muitas vezes se tem que ouvir o que desagrada e se fica chateado por motivos fúteis.

É uma onda de pensamentos que se sucedem, correndo de lá para cá, como o vento. Isto pode ser chamado de uma febre cotidiana, pois os cuidados e preocupações múltiplas oprimem da manhã até a noite e, às vezes mesmo, durante a noite, tanto no sono como na vigília.

Mesmo que este estado não seja incompatível com a graça de Deus e não arraste para o pecado mortal, ele é, no entanto, nocivo ao recolhimento e aos exercícios inte-

riores e impede de desfrutar de Deus e de se entregar à virtude. Há aqui um dano eterno.

A segunda febre vem em dias alternados. Um é a inconstância e mesmo que seu retorno demore mais, ela é geralmente mais perigosa.

Este tipo de febre se apresenta sob duas formas. Uma tem por causa o calor muito grande e a outra, o frio.

À primeira, estão sujeitas as pessoas muito virtuosas e que, após terem sido tocadas por Deus e depois abandonadas, caem às vezes na inconstância. Adotado hoje um caminho espiritual, amanhã adotam outro. Decididas a entrar para uma Ordem, logo depois pensam em outra. Uma hora, estão decididas a se livrarem de todos os seus bens por Deus. Outra hora, querem conservá-los. Um dia pensam em percorrer as regiões distantes, mas no outro, decidam se fechar em um eremitério. Ávidas por receberem frequentemente os sacramentos, pouco depois, elas têm menos cuidado com isto. Às vezes, elas querem rezar longas preces e em seguida preferem o silêncio prolongado.

Tudo isto é mania de mudança e inconstância, que prejudicam a pessoa e a impedem de compreender a ver-

dade oculta, ao mesmo tempo em que prejudicam o fundamento e a prática de toda vida interior.

Ora, vejam de onde vem esta inconstância nos bons. Quando eles voltam suas intenções e suas atividades interiores mais para o lado das virtudes e das práticas exteriores do que para o lado de Deus e da unidade com ele, eles permanecem, sem dúvida, na graça com Deus, pois é ele que eles buscam nas virtudes, mas a vida deles se torna instável, porque não se sentem repousar em Deus acima de todas as virtudes.

Assim, eles possuem seu Bem, mas ignoram, pois Aquele que eles buscam nas virtudes e na multiplicidade de práticas, eles já têm neles mesmos, acima de qualquer intenção, virtude ou prática.

É preciso então, a estes, para vencerem a inconstância deles, aprenderem a achar repouso, acima de todas as virtudes, em Deus e na alta unidade divina.

A segunda forma da febre da inconstância, que vem do resfriamento, atinge todos aqueles que, ao buscarem Deus, buscam, ao mesmo tempo, outra coisa, de uma maneira descontrolada.

Esta febre é causada pelo frio, pois o fervor da caridade é medíocre quando, ao mesmo tempo que Deus,

causas estranhas acabam intervindo para estimular e despertar atos de virtude.

Aqueles que se deixam tomar por ela são instáveis de coração, porque, em tudo o que fazem, a natureza é buscada de uma maneira oculta, sem nem mesmo que eles percebam isto, pois não se conhecem muito bem.

Eles seguem um modo espiritual e o abandonam para tomarem outro. Hoje querem se confessar com tal Padre e receber seus conselhos e amanhã eles fazem outra escolha. Ávidos por conselhos, aliás, eles nunca seguem nenhum.

Todas as vezes em que são repreendidos ou condenados, eles estão sempre prontos para se desculparem e se justificarem.

Eles são pródigos em belas palavras, mas elas são todas ocas.

De bom grado eles geralmente recolherão os elogios por suas virtudes, mas desde que eles custem pouco.

Eles desejam que suas obras virtuosas sejam conhecidas por todos e, por isto, elas são fúteis e insípidas para eles mesmos e para Deus.

Prontos a dar lições aos outros, eles não gostam nada de recebê-las ou de serem repreendidos.

Uma complacência natural para consigo mesmos e um secreto orgulho estão na base desta inconstância.

Toda essa gente se junta no inferno. Mais um passo em falso e já caem lá.

Da febre da inconstância nasce, às vezes, em alguns, uma quarta febre, em que se torna estranho a Deus, a si mesmo, à verdade e a todas as virtudes. Cai-se então em um desvio em que não se sabe mais onde se está e nem o que é preciso fazer. Este mal é mais perigoso do que qualquer um dos outros precedentes.

Por fim, algumas vezes mesmo se passa disto para uma febre duplo-quarta que é a negligência. O quarto dia da febre é dobrado e o paciente é quase incurável, pois ele não tem mais cuidado e atenção para com tudo o que é necessário à vida eterna. Assim, ele pode cair no pecado, como alguém que jamais soube alguma coisa sobre Deus.

Se isto pode acontecer àqueles que se governam mal no mundo espiritual do abandono divino, quanto mais devem se observar aqueles que jamais souberam algo sobre Deus ou a vida interior ou certas suavidades que desfrutam os bons em seus exercícios?

CAPÍTULO 33

Como os quatro modos descritos estão eminentemente em Cristo.

Se quisermos caminhar direito, segundo os quatro modos mencionados e que dão à pessoa a ornamentação das forças sensoriais e da parte inferior dela mesma, na vida interior, precisamos olhar Cristo, que nos ensinou estes quatro modos, praticando-os antes de nós[69].

Cristo, Sol de Claridade, se levantou no céu da sublime Trindade e na aurora de sua gloriosa Mãe, a Virgem Maria, que foi de fato e ainda é a aurora e o começo do dia de toda graça, em que devemos desfrutar de eternas delícias.

Observem que Cristo possuiu e possui sempre o primeiro modo, porque ele foi o único e o unido por excelência. Nele estavam resumidas e reunidas todas as virtudes que foram e sempre serão praticadas, bem como todas as criaturas que as praticaram ou ainda devem ainda fazê-lo.

[69] Retiramos esta primeira frase dos manuscritos L e M. Ela, aliás, foi traduzida por Surius e parece mais conforme ao contexto que a frase encurtada da edição de Davi. A tradução latina de Jordaens a traz igualmente. Será bom observar que, no cap. 33, Ruysbroeck vê eminentemente em Cristo todas as particularidades que ele descreveu até aqui no livro II, como pertencente aos quatro modos da primeira vinda, nos exercícios da vida afetiva.

Assim, ele foi o Filho Unigênito do Pai, unido à natureza humana. Ele possuiu o recolhimento e foi dele que veio à terra o fogo que abrasou todos os santos e todas as pessoas de bem. Ele teve, por seu Pai e por todos aqueles que devem desfrutar dele eternamente, um amor pleno de afeição e de fidelidade.

Sua devoção e o amor elevado do seu coração se derramaram ardentemente diante de seu Pai para o bem de todas as pessoas. Enfim, toda sua vida e suas obras, tanto interiores quanto exteriores e todas as suas palavras nada mais foram do que ações de graças, louvores e honra a seu Pai celeste. Este é o bem do primeiro modo[70].

Mas este sol totalmente amável que é Cristo brilhou e espalhou seus raios de uma maneira mais clara ainda e mais quente enquanto plenitude de todas as graças e todos os dons. Assim, ele espalhou seu coração, sua vida e seu serviço em bondade e em doçura, em humildade e em liberalidade e ele se mostrou tão gracioso e tão amável que sua atitude e sua pessoa atraíram todas as pessoas de boa vontade.

Ele foi o lírio sem mácula e a flor do campo entregue a todos, onde toda alma boa pôde recolher o mel da eter-

[70] Cf. acima o livro II, cap. 09-13.

na doçura e da consolação sem fim. E, de todos os dons derramados em sua humanidade, Cristo, nesta própria humanidade, rendeu graças e louvores ao seu Pai eterno, que é, ao mesmo tempo, o Pai de todos e de todos os dons e ele se repousou, segundo as forças superiores da sua alma, acima de todos os dons, na alta unidade de Deus, fonte de toda liberalidade. Assim, ele possuiu o segundo modo[71].

Cristo, o Sol da Glória, subiu mais alto ainda e espalhou mais claros e mais quentes raios, pois, durante toda sua vida, suas forças inferiores e a parte sensorial dele mesmo, coração e sentidos, foram convidados e chamados pelo Pai a esta glória elevada e a estas delícias com que ele desfruta atualmente nestas mesmas forças.

Ele tinha, além disto, voltado ele mesmo para todas as suas tendências naturais e sobrenaturais. No entanto, ele preferiu esperar, no exílio aqui embaixo, o tempo que, desde a eternidade, o Pai havia previsto e ordenado. Assim, ele praticou o terceiro modo[72].

Por fim, quando chegou a época em que Cristo tinha decidido recolher e reunir no Reino Eterno todos os fru-

[71] Cf. livro II, cap. 17-19.
[72] Cf. livro II, cap. 22.

tos das virtudes que sempre foram ou serão praticadas, o Sol Eterno começou a descer[73].

Cristo, de fato, se fez humilde e entregou a vida do seu corpo nas mãos dos seus inimigos e, em uma infelicidade assim, ele permaneceu desconhecido e abandonado por seus amigos, enquanto toda consolação exterior e interior foram cortadas de sua natureza, que foi carregada, pelo contrário, de miséria e de dor, de injúrias e de fardos, com o peso de todos os pecados e com o resgate a pagar pelo rigor da justiça.

Ele carregou tudo isto com uma humilde paciência e, no meio deste abandono, ele realizou as mais poderosas obras de amor. Desta maneira, ele nos reconquistou e nos resgatou o direito à herança eterna.

Esta é a ornamentação da sua nobre humanidade, segundo a parte inferior, na qual ele sofreu toda esta provação por causa dos nossos pecados.

[73] Cf. livro II, cap. 28.

Assim, ele é chamado de Salvador do Mundo e possui toda clareza e toda glória, elevado aos céus e sentado à direita do seu Pai, onde ele reina onipotente e, ao seu nome sublime, todas as criaturas no céu, na terra e nos infernos dobram os joelhos eternamente.

CAPÍTULO 34

Como se deve viver para receber a iluminação interior.

Quando se exercita nas virtudes morais, segundo os mandamentos de Deus, com total obediência e quando, além disto, se praticam as virtudes interiores, segundo a justiça, sob a direção e o impulso do Espírito Santo, seguindo todos os seus atrativos e inspirações; quando não se busca mais a si mesmo, nem no tempo e nem na eternidade, torna-se então capaz de contrabalançar e carregar com toda paciência a obscuridade, os fardos e as misérias de todo tipo, agradecendo a Deus por todas as coisas e oferecendo a si mesmo em um humilde abandono e realmente se acolheu Cristo em sua primeira vinda, segundo o modo dos exercícios interiores. Depois, se sai, atendendo ao seu apelo, praticando a vida interior e, assim, a ati-

vidade íntima do coração e a unidade inferior, corpórea e sensorial receberam a ornamentação de ricas virtudes e de novos dons[74].

Quando a pessoa está purificada, pacificada e entrou nela mesma segundo a parte inferior, ela pode receber a iluminação interior no tempo certo e ordenado por Deus e isto pode acontecer desde o início de sua conversão, se ela se abandona inteiramente à vontade divina e renuncia a toda propriedade de si mesma, pois é disto que dependem todas as coisas.

Todavia, ela deve sempre percorrer os modos e os caminhos que foram marcados acima, tanto para a vida exterior quanto para a vida interior, o que lhe seria mais fácil, aliás, do que àqueles que são menos avançados, por causa da luz de que ela desfruta.

---

[74] No cap. 02 deste mesmo livro II, Ruybroeck falou das três unidades que estão em nós por natureza e ele lembrou que cada uma destas unidades recebe na vida ativa sua ornamentação sobrenatural. Aqui, ele resume em poucas palavras a obra da vida afetiva ou interior sobre a unidade inferior de nós mesmos.

CAPÍTULO 35

A segunda vinda de Cristo.

Precisamos falar ainda de uma segunda vinda de Cristo na vida interior, pela qual a pessoa é ornamentada, iluminada e enriquecida segundo as três forças superiores da alma[75] e esta vinda pode ser comparada a uma fonte viva que se divide em três riachos. Esta fonte, com os riachos que saem dela, é a plenitude da graça de Deus na unidade do nosso espírito[76].

A graça, de fato, permanece lá, essencialmente como em sua sede, semelhante a uma fonte totalmente cheia e ela está ativa nela, enquanto jorra em riachos em cada uma das forças da alma, segundo o que lhes é útil. Esses riachos são influxos particulares ou ações íntimas de Deus nas forças superiores, onde ele age de muitas maneiras, por meio de sua graça.

---

[75] Esta segunda vinda é comparável com o que São João da Cruz diz sobre o início da alma no estado de "noivado espiritual". Cf. *Cântico espiritual*. Estrofes XIV e XV.

[76] A unidade do espírito se refere à própria essência da alma, como foi visto no cap. II deste mesmo livro. Cf. abaixo os cap. 66-67.

CAPÍTULO 36

Como o primeiro riacho desta fonte ornamenta a memória.

O primeiro riacho de graça que Deus faz fluir nesta segunda vinda é uma pura simplicidade que brilha no espírito sem distinção. Este riacho parte da fonte que está na unidade do espírito e desce reto, penetrando todas as forças da alma, tanto as mais elevadas quanto as mais humildes e as elevando acima de toda multiplicidade e ocupação. Ele cria na pessoa a simplicidade e lhe descobre e lhe dá um laço interior que a liga à unidade do seu espírito. Desta maneira, a pessoa é elevada segundo a memória e livre de toda incursão de pensamentos estranhos e de instabilidade[77].

Ao mesmo tempo, Cristo pede, nesta luz, que se saia segundo o modo da luz recebida e desta nova vinda. A pessoa faz então esta saída e, por meio da luz simples derramada sobre ela, percebe e vê a si mesma ordenada e apaziguada, penetrada e fixa na unidade do seu espírito ou do seu pensamento. Ela é elevada e estabelecida então

[77] Trata-se aqui do conhecimento indistinto e geral de que fala São João da Cruz em *A subida do Monte Carmelo*, 1, II, Cap. XIV e XV. A descrição que é dada aqui deve ser comparada com o 6º. Degrau do amor, no cap. 13 de *Os sete graus da escada do amor espiritual*.

em um novo estado, onde, retornada a ela mesma, fixa sua memória em um completo despojamento, acima de toda incursão de imagens sensoriais e da multiplicidade. Neste estado, ela possui, essencial e sobrenaturalmente, a unidade do seu espírito como sua morada própria e como sua herança pessoal e eterna. Por uma tendência natural e sobrenatural, ela é sempre levada para esta mesma unidade, que, sob a influência dos dons divinos e da intenção simples, carrega a si mesma incessante e amorosamente para esta unidade sublime, onde o Pai e o Filho estão unidos no laço do Espírito Santo com todos os santos.

Isto é responder e satisfazer ao primeiro riacho de graça, que reclama a unidade.

CAPÍTULO 37

Como o segundo riacho de graça ilumina o intelecto.

A caridade íntima, a tendência amorosa para Deus, ao mesmo tempo que a fidelidade divina, fazem jorrar o segundo riacho desta plenitude de graça que reside na unidade do espírito. É uma claridade espiritual que se espalha e ilumina o intelecto de uma maneira distinta, em

muitas maneiras[78], pois esta claridade faz ver e dá, na realidade, o que distingue todas as virtudes.

Mas ela não ilumina inteiramente nossa sabedoria, pois, mesmo que a tenhamos sempre presente em nossa alma, é Deus quem a faz se calar ou falar, se mostrar ou se ocultar, se dar ou se subtrair, no tempo e no lugar, pois a luz é Dele. Assim, ele age, nessa luz, quando e onde ele quer, para quem e como ele quer.

Aqueles que a recebem não precisam de nenhuma revelação, nem serem elevados acima dos sentidos, pois eles vivem, eles permanecem, eles agem, eles se mantêm no espírito, acima da região sensorial. Deus os faz verem ali o que ele deseja e o que é necessário a eles ou aos outros. No entanto, se ele quisesse, Deus poderia suspender neles os sentidos exteriores e lhes mostrar interiormente espetáculos desconhecidos e coisas futuras, de mil maneiras.

Agora, Cristo quer que se saia e que se caminhe na luz, segundo o modo desta luz. A pessoa iluminada assim

[78] Esta passagem pode ser comparada com o cap. XXVI de *A subida do Monte Carmelo*, onde São João da Cruz fala dos conhecimentos distintos e puramente espirituais que consistem em "compreender, através da razão superior, as verdades na ordem em que elas têm em Deus e nos fatos presentes, passados ou futuros... Estes tipos de conhecimentos luminosos da verdade diferem muito das visões intelectuais... Elas têm grandes relações com o espírito de profecias e são próprias do estado de união... Às vezes, elas são acompanhadas por toques divinos".

sairá então e considerará se sua maneira de ser e sua vida, tanto interior quanto exterior, trazem a semelhança de Cristo, segundo sua humanidade e também segundo sua divindade, já que somos criados à imagem e semelhança de Deus.

Depois, elevando seus olhos iluminados pela verdade inteligível e sua razão iluminada, a pessoa considerará e contemplará, à maneira das criaturas, a alta natureza de Deus e suas propriedades infinitas, pois, a uma natureza infinita pertencem virtudes e obras infinitas.

A sublime natureza divina é considerada e vista como simplicidade e pureza, altura inacessível e profundeza de abismo, largura inalcançável e comprimento sem fim, como um tenebroso silêncio e uma vasta solidão, o repouso de todos os santos na unidade, um gozo eterno para si mesmo e para todos os bem-aventurados.

Poder-se-ia ainda perceber muitas outras maravilhas neste mar sem fundo da divindade e embora se deva utilizar imagens sensoriais para expressá-las, por causa da rudeza dos bens, o que se considera, no entanto e o que se contempla é, com toda verdade, um bem insondável e sem modo, mas para manifestá-lo exteriormente, ele é revestido com comparações e modos e de muitas ma-

neiras, segundo a razão daquele que o expressa assim e o mostra e que também é iluminada divinamente[79].

Nesta luz, a pessoa pode também considerar e contemplar o que é apropriado ao Pai na divindade. Como ele é força onipotente, soberania, criador, motor, conservador, princípio e fim, causa e fundamento de tudo o que é criado e tudo isto é mostrado pelo riacho da graça que esclarece e ilumina a razão.

Depois, ele faz ver o que é apropriado ao Verbo Eterno, Sabedoria e Verdade insondáveis, exemplo e Vida de todas as criaturas, regra eterna e imutável, olhar e penetração de todas as coisas sem véu, irradiação e claridade de todos os santos no céu e na terra, segundo sua dignidade.

Por fim, o mesmo riacho de claridade, ao dar muitas visões distintas, faz perceber ainda, à razão iluminada, o que é apropriado ao Espírito Santo e como, além de toda compreensão, ele é caridade e liberalidade, misericórdia e graça, fidelidade e benevolência sem fim, riqueza transbordante de incompreensível abundância, um bem imenso que penetra todos os espíritos celestes com infinitas

[79] Esta maneira de expressar em figuras e em comparações o que se percebe da alta natureza de Deus é ainda descrita por Ruysbroeck em *Os sete graus da escada do amor espiritual*, cap. 05 e em *O Livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 34.

delícias, uma chama ardente que consuma tudo em unidade, uma fonte que jorra, rica com todo sabor, segundo o desejo de cada um, um antegosto e um começo de beatitude eterna para todos os santos, um abraço e uma união estreita entre o Pai e o Filho e de todos os bem-aventurados em unidade de gozo.

Tudo isto é considerado e contemplado como sendo sem divisão e nem partilha, na natureza única e simples da divindade.

No entanto, em nossa maneira de ver, o que é apropriado às pessoas permanece objeto de muitas distinções, pois, em nosso sentido, há entre força e bondade, liberalidade e verdade, uma grande diferença. Mas, na sublime natureza divina, tudo é uma coisa só e sem divisão.

Quanto às relações que constituem as propriedades pessoais, elas permanecem eternamente distintas, pois quem diz Pai atrai a distinção, pois o Pai gera incessantemente o Filho e ele mesmo não é jamais gerado. E o Filho é gerado e não gera e assim, o Pai tem sempre um Filho na eternidade e o Filho, um Pai. E estas são as relações entre o Pai e o Filho e entre o Filho e o Pai. E o Pai e o Filho aspiram um mesmo Espírito, que é vontade ou amor de um e do outro. Este Espírito não gera e não é

gerado, mas ele deve, ao fluir eternamente, proceder dos dois. E estas três Pessoas são um só Deus e um só Espírito. E todas as propriedades que se manifestam em ações exteriores são comuns às três Pessoas, que operam em virtude de uma natureza una e totalmente simples.

CAPÍTULO 38

Como Deus se dá universalmente a todos.

Esta riqueza e altura incompreensíveis e a disposição de Deus em se derramar universalmente arrebatam a admiração humana e o que admira particularmente é o fato desta efusão ser universal, sobre todas as criaturas.

Vê-se, de fato, como a essência divina incompreensível é o prazer comum de Deus e de todos os santos.

Contemplam-se as divinas Pessoas se dando largamente a todos, espalhando as graças ou os bens da glória, de uma maneira natural e sobrenatural, em todas as condições e em todos os tempos, nos santos e todas as pessoas, no céu e na terra, em todas as criaturas racionais ou não, dotadas de razão ou materiais, segundo a dignidade, a utilidade e a capacidade de cada um.

Vê-se ainda como o céu e a terra, o sol e a lua, os quatro elementos, com todas as criaturas e o curso dos astros foram criados comuns a todos.

Deus está para todos com todos os seus dons. Os anjos se dão a todos. A alma é comum a todas as suas forças, ao corpo inteiro, a todos os membros e inteira a cada um deles, pois ela não pode ser dividida, a não ser pelo pensamento.

As forças, tanto superiores quanto inferiores, o espírito e a alma podem muito bem ser distinguidos pela razão. No entanto, isto é um todo na natureza.

Da mesma forma, Deus está inteiro e em particular em cada um e, no entanto, ele é comum a todas as criaturas, pois todas as coisas são para ele e é nele e para ele que estão ligados o céu e a terra e toda a natureza.

Quando a pessoa considera assim esta riqueza admirável e esta sublimidade da natureza divina, bem como todos os dons múltiplos derramados sobre as criaturas, ela sente crescer interiormente sua admiração por riqueza tão variada, a elevação e a fidelidade sem fim que Deus demonstra para com o que ele criou.

Daí nascem uma singular alegria interior e um imenso abandono a Deus e esta alegria íntima abraça e

penetra todas as forças da alma e o mais profundo do espírito[80].

CAPÍTULO 39

Como o terceiro riacho de graça confirma a vontade com toda perfeição.

A alegria que acabamos de mencionar, a plenitude da graça e a fidelidade divina fazem jorrar e fluir o terceiro riacho na mesma unidade do espírito. Este riacho, semelhante ao fogo, inflama a vontade, devora e consuma todas as coisas na unidade, inunda e penetra todas as forças da alma com ricos dons e uma nobreza singular e ele cria na vontade um amor espiritual sem esforço e de uma grande delicadeza[81].

Mas, novamente, Cristo se serve deste riacho ardente para dizer interiormente no espírito: "Saia para exercícios conformes ao modo destes dons e desta vinda".

---

[80] Sobre a doutrina exposta aqui e nos capítulos seguintes (38-48), ver Auger. *Ruysbroeck et la vie commune* (Relatório do Terceiro Congresso Científico dos Católicos. 1894, 2ª. seção, pag. 297).

[81] Parece que aqui se trata do que São João da Cruz chama de "sentimentos de união" ou "impressões espirituais" produzidas pela operação do Espírito Santo e que afetam a vontade. Cf. *A subida do Monte Carmelo*. Livro II, cap. XXXII e *Cântico espiritual*. Estrofes XIV e XV.

Desta forma então, sob a ação do primeiro riacho de graça, que é uma luz simples, a memória foi elevada acima de toda incursão sensorial e ela foi estabelecida e fixada na unidade do espírito. O segundo riacho, que é uma claridade infusa, iluminou o intelecto e a razão, para fazê-los conhecer os modos múltiplos das virtudes e dos exercícios e, de uma maneira distinta, os segredos das Escrituras. Por fim, o terceiro riacho, que é um ardor derramado no espírito, inflama a vontade superior, com um amor silencioso e a dota de uma grande riqueza.

A partir de então, aquele que recebeu estes diversos dons se tornou uma pessoa cujo espírito está iluminado[82], pois a graça de Deus permanece na unidade do espírito como uma fonte cujos riachos banham as forças e as fazem fluir para todas as virtudes. E esta fonte de graça reclama sempre um refluxo para o próprio fundo de onde o fluxo escapa.

---

[82] Cf. acima o Livro II, cap. 34.

CAPÍTULO 40

Como é preciso sair para responder a estes dons.

A pessoa que é fortalecida pelos laços do amor[83] deve continuar a morar na unidade do seu espírito, mas deve também sair com sua razão iluminada e uma caridade transbordante, para o céu e para a terra, a fim de considerar todas as coisas com uma clara distinção e espalhar por toda parte o que ela extrai da sua verdadeira generosidade e dos tesouros divinos.

Ora, há quatro maneiras segundo as quais esta pessoa iluminada se sente convidada e inclinada a sair. A primeira a leva a Deus e a todos os santos. A segunda, para os pecadores e as pessoas perversas. A terceira, para o purgatório. A quarta, para ela mesma e todos os bons.

---

[83] São João da Cruz, ao falar da alma elevada ao estado de "noivado espiritual", diz igualmente que ela desfruta "de um amor inapreciável, que faz todo seu alimento e no qual ela está confirmada". *Cântico espiritual*. Estrofes XIV e XV.

CAPÍTULO 41

A primeira saída.

Primeiramente, é preciso que a pessoa saia e considere Deus em sua glória com todos os santos. E assim, ela contemplará esta rica e ampla efusão, pela qual Deus se dá gloriosamente a todos os santos em delícias incompreensíveis, segundo a grandeza dos desejos de cada um e ela verá, ao mesmo tempo, como estes refluem eles mesmos, com tudo o que receberam e tudo o que podem dar, para esta mesma rica unidade, fonte de todas as delícias.

Esta efusão divina reclama sempre um refluxo, pois Deus é um mar que sobe e que desce. Sem interrupção, ele estende seu fluxo para todos aqueles que o amam, segundo a necessidade e a dignidade de cada um e, em seu refluxo, ele traz de volta todos aqueles que foram beneficiados, no céu e na terra, com tudo o que eles possuem e tudo o que eles podem dar.

Mas, de alguns, ele reclama mais de suas forças, pois, ao se manifestar tão rico, tão liberal e tão infinitamente bom, ele exige, ao mesmo tempo, que lhe retribuam amor e honra segundo sua dignidade. Deus quer ser amado por nós em proporção com sua nobreza e é aí que todos os espíritos falham, pois seu amor perde o modo e a

maneira, já que não sabem como fazer isto e nem como alcançar isto.

O amor de todos os espíritos, de fato, é medido. Assim, eles recomeçam sempre a amar, para dar a Deus o que ele exige e segundo a extensão de seus desejos.

Com este objetivo, eles se unem todos sem cessar em uma única chama ardente de amor, para poderem realizar esta obra: que Deus seja amado como ele merece.

A razão diz claramente que isto é impossível às criaturas, mas o amor quer sempre amar mais ou então se fundir, se consumir e se aniquilar em seu fracasso.

No entanto, permanece sempre o fato de que Deus não pode ser amado por nenhuma criatura de acordo com sua dignidade e é para a razão iluminada um grande prazer e satisfação compreender que seu Deus e seu Bem-amado desafia, por sua altura e sua riqueza, todo poder criado e só pode ser amado dignamente por ele mesmo.

A pessoa ricamente dotada e iluminada de que falamos retira dos tesouros do seu Deus e das liberalidades maravilhosas e transbordantes que ela recebeu em sua iluminação, para doar a todos os corações dos santos e dos espíritos bem-aventurados, segundo a dignidade de cada um. Ela atravessa todos os coros, todas as hierarqui-

as e todos os seres gloriosos e considera como Deus habita em cada um segundo sua nobreza. Ela percorre rapidamente, em espírito, todas as multidões celestes, na riqueza transbordante de sua caridade e enriquece e cumula com nova glória todo o exército do céu e tudo isto lhe vem dos tesouros superabundantes da rica natureza divina, que é Trindade e Unidade ao mesmo tempo.

Esta é a primeira saída, que nos leva para Deus e todos os seus santos.

CAPÍTULO 42

A segunda saída.

Uma segunda saída leva às vezes a pessoa a se inclinar para os pecadores, com uma grande compaixão e generosa piedade. Com sua devoção íntima e suas fervorosas preces, ela os apresenta a Deus, lembrando-o de todos os bens que estão nele e em seu poder, aqueles que ele derramou sobre nós e nos prometeu, tudo como se ele os tivesse esquecido, pois Deus quer que se rogue a ele.

A caridade, por outro lado, quer obter tudo o que ela deseja. Não, todavia, que ela queira ser exigente ou obstinada, mas ela expõe o todo à rica bondade e à liberalida-

de de Deus, pois Deus ama sem medida e é o maior contentamento daquele que ama.

Além disto, a pessoa de quem falamos, tendo, por todos, um amor comum, pede em sua prece e em seus desejos, que Deus derrame sua bondade e sua misericórdia sobre os pagãos, os judeus e todos os infiéis, para que ele seja amado, conhecido e louvado no Reino dos Céus e que se estendam para nós a glória, a alegria e a paz, até os confins da terra.

Esta é a segunda saída que se volta para os pecadores.

CAPÍTULO 43

A terceira saída.

De tempos em tempos, os olhares se voltarão para as almas queridas que estão no purgatório, em consideração pela miséria delas, a espera delas e a pesada dor delas. Mesmo adorando e implorando a clemência, a misericórdia e a liberalidade de Deus, lhe serão apresentadas a boa vontade dessas almas, a grande miséria delas e o desejo delas por seus ricos bens. Recordar-se-á a ele que a morte as encontrou no estado de caridade e que todo o

refúgio delas está na Paixão de Cristo e em sua misericórdia.

Pode acontecer, além disto, que a pessoa iluminada seja levada pelo Espírito Santo a rezar especialmente para algo distinto, por um pecador, uma alma ou algum interesse espiritual, de sorte que ela perceba e compreenda que se trata de uma ação do Espírito Santo e não um impulso pessoal, da própria vontade e nem de tendência natural.

Muitas vezes então, esta pessoa se torna tão devota e tão inflamada em sua prece que ela recebe, em espírito, a segurança de ser ouvida e, perante esta segurança, o movimento do Espírito e a prece param imediatamente.

CAPÍTULO 44

A quarta saída.

Eis que agora a pessoa se volta para ela mesma e para todos aqueles de boa vontade, saboreando e contemplando a união e a harmonia que possuem entre eles através do amor. Seus desejos e suas preces sobem então a Deus, para que ele continue a derramar seus dons e para

que todos permaneçam assim estabelecidos em seu amor, para sua honra eterna.

Ao mesmo tempo, esta pessoa iluminada estará pronta para dar conselhos e ensinamentos, reprimendas e serviço fiel, com discernimento, por causa do amor comum que ela tem por todos, se tornando assim, uma mediadora entre Deus e todas as pessoas.

Depois, fazendo inteiramente um retorno ao interior, com todos os santos e todos os justos, ela possuirá, em paz, a unidade do seu espírito e, ao mesmo tempo, a alta unidade de Deus, onde todos os espíritos repousam.

Isto é chamado de uma verdadeira vida espiritual, pois os modos e as virtudes, tanto interiores quanto exteriores, ao mesmo tempo que as forças superiores da alma, nela encontram seu ornamento sobrenatural, tão plenamente quanto lhes convém[84].

---

[84] A expressão "segunda vinda de Cristo na vida interior" é então o que nosso autor chama de "a verdadeira vida espiritual". Ela é caracterizada pela posse pacífica da unidade do espírito e da alta unidade divina. Mas ela se manifesta especialmente pelo amor comum a todos, que ainda é tratado nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 45

Como se reconhece aqueles que estão em oposição com a segunda vinda de Cristo.

Encontram-se pessoas que amam as palavras sutis e são hábeis em dissertar sobre coisas elevadas. No entanto, elas não possuem a experiência e nem os modos mais luminosos de que falei, nem o amor que se derrama sobre todos liberalmente. Assim, para que elas se conheçam e possam ser conhecidas pelos outros, vou assinalar suas três marcas particulares.

A primeira servirá a elas mesmas e as duas outras permitirão a qualquer pessoa inteligente reconhecê-las.

Primeiramente, enquanto a pessoa iluminada por Deus é simples, solidamente estabelecida e livre de considerações, sob a ação da luz divina, estas são cobertas por mil preocupações, são instáveis e todo cheias de buscas e considerações. Elas não desfrutam nem da unidade interior e nem do apaziguamento da imaginação. Com este primeiro sinal, elas podem muito bem reconhecer a elas mesmas.

Em segundo lugar, enquanto a pessoa iluminada possui de Deus uma sabedoria infusa que a faz conhecer distintamente a verdade sem nenhum esforço, estas pos-

suem visões sutis sobre as quais elas constroem na imaginação, amplificam e raciocinam habilmente, mas, no fundo, elas são pobres e não sabem dar ao ensinamento delas a verdadeira amplidão, pois tudo nelas é multiplicidade, encobrimento de coisas estranhas e sutilezas.

Assim, elas só podem entravar, atrapalhar e perturbar as almas interiorizadas, não sabendo se conduzir e nem mostrar o caminho para a unidade, mas apenas ensinar a fazer observações hábeis e sem fim.

Essa gente tem muito ciúme do ensinamento delas e da maneira de ver delas, enquanto o pensamento dos outros pode ser tão justo quanto o delas.

Elas não possuem a prática e nem a estima pelas virtudes e são cheias de orgulho espiritual em todo o ser delas. Este é o segundo sinal.

Em terceiro lugar, enquanto a pessoa iluminada e amorosa se dá universalmente, através da caridade, a todos, tanto no céu quanto na terra, como dissemos, estas só colocam particularismos em todas as coisas. Elas acreditam ser mais sábias e melhores do que todos.

Elas querem ser tidas em grande estima, bem como seus ensinamentos. Fora do que elas dizem ou aconselham, da sua maneira de fazer ou da sua direção, tudo

lhes parece errado. Elas se concedem amplamente tudo o que lhes é útil e dão pouca importância ao que elas consideram faltas leves.

Elas não têm justiça, nem humildade, nem amplidão de alma. Elas são pouco prestativas aos pobres, têm pouco espírito interior, são pouco zelosas e insensíveis ao amor divino. Elas não possuem, por fim, a ciência de Deus e nem delas mesmas, para praticarem a virtude como convém. Este é o terceiro sinal.

Observem e aprendam tudo isto, para fugirem disto em vocês mesmos e em todos aqueles em quem vocês observarem isto.

Evitem, no entanto, imputar a alguém tais coisas, a não ser que vocês o constatem nas ações, pois isto mancharia seus corações e os impediria de conhecer a verdade divina.

CAPÍTULO 46

O amor universal de Cristo por todos.

O modo de amor que consiste em se derramar sobre todos deve ser, mais do que todos os outros, o objeto de nossas buscas e de nossos cuidados, pois ele é o mais ele-

vado. Assim, tomemos como modelo Cristo, que, por excelência, se deu universalmente e se dá ainda a todos por toda a eternidade.

Foi, de fato, para o benefício de todo aquele que se voltar para ele, que ele foi enviado à terra. E, se ele mesmo disse ter sido *enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel*[85], ele não quis se referir apenas aos judeus, mas a todos aqueles que devem contemplar Deus eternamente. Estes e ninguém mais pertencem à casa de Israel, pois, como os judeus desprezaram o Evangelho, os pagãos, que o receberam, entraram no lugar deles. Assim, foi todo Israel que foi salvo, ou seja, todos aqueles que foram eleitos desde a eternidade.

Cristo se deu então sem contar com uma fidelidade perfeita. Ele derrama incessantemente sua prece íntima e sublime perante seu Pai, pensando em todos aqueles que querem ser salvos.

Seu amor, seu ensinamento, suas reprovações, suas doces consolações, seus amplos dons, seus misericordiosos perdões foram oferecidos a todos. Com um inteiro devotamento, ele deu sua alma e seu corpo, sua vida e sua

[85] Mateus 15: 24.

morte, todo seu serviço, deixando a todos seus sacramentos e suas benesses.

Mesmo então que, para sustentar seu corpo, Cristo se alimentava e bebia, ele só pensava na utilidade de todos que devem ser salvos até o último dia. Ele não guardou nada para ele, mas entregou a todos universalmente tudo o que tinha, corpo e alma, Mãe e discípulos, manto e túnica.

Todos os seus atos, toda sua vida e, enfim, sua morte, foram por nós. Ele guardou para ele somente dores, sofrimentos e miséria, mas o benefício e a utilidade disto deveria ser para todos. A glória, enfim, devida aos seus méritos, será para todos eternamente.

CAPÍTULO 47

Censura dirigida a todos aqueles que, vivendo dos bens eclesiásticos, não controlam seus comportamentos.

Cristo legou à terra seu tesouro e suas rendas. São seus sacramentos, por um lado e por outro, os bens de que desfruta a Santa Igreja. Tudo isto foi adquirido com o preço de sua morte, para ser possuído em comum. Da

mesma forma, os ministros de Cristo deveriam se doar universalmente a todos. Aqueles que vivem de esmolas, que pertencem ao estado eclesiástico, o clero, moradores dos claustros e dos eremitérios, deveriam todos colocar em comum ao menos suas preces.

Nos primeiros tempos do cristianismo, os papas, os bispos e os sacerdotes eram o bem de todos, eles convertiam os povos e assentavam solidamente o edifício da Santa Igreja e da nossa fé, cimentando-a com o sangue deles e com a morte deles. Eles eram simples, buscavam um só objetivo e tinham uma paz estável na unidade de seus espíritos. Iluminados pela Sabedoria Divina, eles se doavam amplamente, com toda fidelidade e caridade, a Deus e a todas as pessoas.

Mas agora tudo é o contrário, pois os depositários desta herança e de suas rendas, entregues aos primeiros por amor e por causa da santidade deles, não possuem mais estabilidade fundamental, nem paz ou simplicidade. Inteiramente voltados para o mundo, eles não se interessam mais a fundo pelas coisas que possuem em mãos.

Assim, eles rezam com os lábios, mas sem que seus corações desfrutem do objeto de suas preces, as maravilhas misteriosas e ocultas das Santas Escrituras, dos sa-

cramentos e do serviço sagrado. Eles são gordos e pesados e não possuem a luz da Divina Verdade. Eles pensam geralmente em comer e beber ou em se entregarem sem moderação a todo tipo de comodidade, quando Deus quer que eles sejam puros!

Enquanto eles vivem assim, não podem jamais ser iluminados, pois, enquanto os primeiros se doavam amplamente para toda caridade, não conservando nada para eles mesmos, estes de hoje são vorazes e avarentos, não sabendo se privar de nada.

É justo o contrário o que faziam os santos e o que deve ser o modo de pertença comum de que falamos.

Eu só tenho em vista, aliás, o que se passa comumente e cabe a cada um se examinar, se instruir e repreender a si mesmo, se isto for necessário, mas, se não houver necessidade de fazê-lo, que se mantenha a alegria, a paz e o repouso em sua boa consciência, servindo e louvando Deus, se fazendo útil a si mesmo, bem como a todas as pessoas, para a honra de Deus.

CAPÍTULO 48

Como Cristo se deu a todos no sacramento do altar.

Já que estou aqui para mostrar a estima e o louvor singulares que merece o modo de devoção universal, aqui está uma nova e preciosa joia que Cristo legou, na Santa Igreja, a todos os justos, quando, querendo passar deste exílio para seu Pai e celebrando na solene refeição da Páscoa, ele comeu o cordeiro pascal com seus discípulos e selou a antiga Lei.

No fim da refeição e da festa, ele quis lhes dar uma nova refeição e uma de grande preço, como ele desejava há muito tempo e, desta maneira, ele quis colocar um fim à Lei antiga e inaugurar uma nova.

Ele tomou então o pão em suas mãos santas e veneráveis e o consagrou em seu santo corpo. Depois, foi seu sangue precioso que ele deu a todos os seus discípulos e o entregou, sem distinção, a todos os justos, para benefício eterno deles.

Este dom, estas refeições deliciosas alegram e decoram todas as grandes festas e banquetes sagrados, do céu e da terra.

Cristo deu a ele mesmo a nós, de três maneiras, sob a forma, primeiro, de sua carne, do seu sangue e da sua vida corpórea glorificada, toda cheia de alegrias e de doçuras. Depois, ele deu seu espírito com suas forças superiores, que superabundam em glória e dons, em verdade e em justiça. Por fim, ele nos oferece sua própria personalidade resplandecente de luz divina, que eleva seu espírito e todos os espíritos iluminados à alta unidade do prazer.

Cristo quer então que nos lembremos dele todas as vezes em que nos consagramos, oferecemos e recebemos seu corpo sagrado. Ora, aqui está como poderemos fazer isto.

Veremos primeiro e compreenderemos que Cristo se inclina para nós com afeição amorosa, com grande desejo, doce satisfação e efusão do seu coração em nossa natureza corpórea. O que ele nos dá, de fato, é o que ele recebeu de nossa humanidade: sua carne, seu sangue e seu próprio corpo. Este corpo precioso que foi martirizado, transpassado e assassinado por amor e fidelidade a nós. Assim, recebemos a ornamentação e o alimento da parte inferior de nós mesmos.

Depois, neste dom sublime do sacramento, Cristo nos comunica ainda seu espírito todo cheio de glórias, do

rico ornamento das virtudes e de maravilhas inefáveis de caridade e de nobreza. E isto é para nós o alimento, a ornamentação e a claridade da unidade do nosso espírito e das nossas forças superiores, através da habitação em nós de Cristo, com toda as suas riquezas.

Compreenderemos, por fim, como, no sacramento do altar, ele nos faz participantes também de sua sublime personalidade, em uma clareza incompreensível. E, através disto, somos unidos ao Pai e transportados até ele e o Pai recebe, ao mesmo tempo que seu Filho por natureza, seus filhos adotivos e assim, chegamos até à divindade que é nossa partilha para a beatitude eterna.

Se a pessoa rememorar e considerar dignamente tudo isto, ela encontrará Cristo em todas as suas vindas. Ela se erguerá para recebê-lo com seu coração, seus desejos, seu amor afetivo, todas as suas forças e todo o ardor da sua alegria, como Cristo recebeu a ele mesmo. E esta alegria não poderia ser maior, pois nossa natureza recebe a própria natureza de Cristo, ou seja, sua humanidade glorificada, transbordante de alegria e de nobreza.

Assim, eu gostaria que a pessoa, neste encontro, se fundisse e fluísse em desejos, em alegrias e em delícias, enquanto acolhe e se une Àquele que é *o mais belo*, o

mais gracioso, o mais amável de todos os *filhos dos homens*[86].

Muitas vezes, através desta aplicação afetiva e deste ardor de alegria, a pessoa experimenta grandes bens e a rica bondade de Deus lhe revela e lhe descobre muitas maravilhas misteriosamente escondidas.

Quando, ao receber o corpo precioso de Cristo, ela se lembra do martírio e das torturas que lhe foram impostas, ela, às vezes, é tomada por uma devoção tão amorosa e sente uma compaixão tal que ela gostaria de ser pregada com Cristo na cruz e derramar, para a honra dele, todo o sangue do seu coração. Ela então entra e imprime ela mesma nas chagas o no lado aberto de Cristo seu guardião[87] e um exercício assim, muitas vezes foi ocasião de grandes revelações e de bens notáveis.

O amor de compaixão que a pessoa sente então e a viva marca que provém da sua aplicação íntima às chagas de Cristo podem ser tão poderosos que a pessoa parece trazer, em seu coração e em seus membros, estas mesmas chagas e feridas. E se alguém tivesse que receber realmente os estigmas de Nosso Senhor, de qualquer maneira

[86] Salmao 44: 3.
[87] O termo *behouder*, empregado aqui por Ruysbroeck, corresponde exatamente ao termo latino *Servator*, empregado muitas vezes pelos Padres, para designar o Salvador.

que fosse, seria mesmo esta. Assim, respondamos aos avanços de Cristo, à parte inferior da sua humanidade.

Permanecendo, além disto, na unidade do nosso espírito, devemos nos fluir, com uma claridade superabundante, ao céu e à terra, mesmo mantendo uma discrição iluminada e, assim, carregamos a semelhança de Cristo, segundo o espírito e respondemos dignamente à sua vinda.

Por fim, devemos também, ricos com a própria pessoa de Cristo, superarmos a nós mesmos e irmos além de sua natureza criada, pela intenção simples e o amor ao prazer, para nos repousarmos em nossa herança, ou seja, na essência divina, pela eternidade.

Cristo quer sempre nos conceder este dom, espiritualmente, tão frequentemente quanto nos exercitamos assim e nos tornamos aptos a recebê-lo. Mas ele quer também que o recebamos sacramental e espiritualmente, como for adequado, útil e razoável.

Então, mesmo que nem sempre se tenha tais sentimentos e tais desejos, se pode ir livremente à mesa de Nosso Senhor, desde que se busque o louvor e a honra de Deus, bem como seu próprio progresso e sua salvação,

com a condição, no entanto, de ter a consciência livre de pecado mortal.

CAPÍTULO 49

A unidade da natureza divina na Trindade das Pessoas[88].

A alta unidade supraessencial na qual o Pai e o Filho possuem a natureza divina, em união com o Espírito Santo, ultrapassa toda compreensão, inteligência e faculdade do nosso espírito. Em sua essência mais pura e em seu grande silêncio, Deus desafia toda criatura a só desfrutar da luz criada.

Esta alta unidade da natureza divina é viva e fecunda, pois é no seio desta mesma unidade que o Verbo Eterno nasce incessantemente do Pai.

Por esta geração, o Pai conhece o Filho e todas as coisas no Filho e o Filho conhece o Pai e todas as coisas no Pai, pois eles são de uma natureza única. Deste olhar

[88] Os capítulos 49-55 são consagrados à terceira vinda do Senhor, que consiste, para a alma, em sentir o impulso divino, pelo qual Deus age no mais profundo dela mesma. Mas os dois primeiros capítulos desta série são preliminares e o autor neles expõe a base metafísica sobre a qual ele se apoia. Ele mostra como Deus, habitando a própria essência da alma, é a causa primeira de toda atividade, o principal motor que impulsiona as forças da alma para suas ações. Cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*. Ia, q. 105, a. 5.

comum do Pai e do Filho, em uma claridade eterna, procede uma complacência eterna, um amor imenso e isto é o Espírito Santo.

Ora, é através do seu Divino Espírito e sua Eterna Sabedoria que Deus se inclina para cada criatura em particular, derramando e inflamando o amor em cada uma, segundo sua dignidade e o estado onde estão situadas e eleitas suas virtudes e a eterna providência de Deus. Daí, todos os espíritos bons do céu e da terra recebem o impulso que os leva às virtudes e a toda justiça.

CAPÍTULO 50

Uma comparação que faz compreender como Deus habita a alma e a impulsiona natural e sobrenaturalmente.

Escutem agora uma comparação sobre este assunto. Deus criou o céu superior, que é uma pura e simples claridade, encerrando e envolvendo todos os céus, bem como toda criatura corpórea e material. Ele é a habitação e o Reino de Deus e de seus santos, onde abundam a glória e a eterna alegria.

Ora, sendo este céu uma claridade simples, nele não há tempo, nem espaço, nem movimento, nem mudança jamais, pois ele permanece, acima de todas as coisas, estável e imutável.

A esfera mais próxima do céu empíreo é chamada de primeiro móbile. Lá começa todo movimento que, pelo poder de Deus, nasce do céu superior e este movimento gera a revolução do firmamento e de todos os planetas. É de sua influência que dependem a vida e o crescimento de todas as criaturas, segundo um modo particular a cada uma[89].

É preciso saber então que a essência da alma é, para Deus, de uma maneira semelhante, um reino espiritual, repleto de uma claridade divina que ultrapassa todas as nossas forças, exceto no modo em que elas se tornam simples, sobre o qual, eu quero me calar por enquanto[90].

Vejam que, acima da essência da alma onde Deus reina, se mantém a unidade do nosso espírito, semelhante ao primeiro móbile, já que é nesta unidade que o espírito é movido do alto pela força divina, natural e sobrena-

[89] Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*. Cap. 04.
[90] Cf. abaixo, no cap. 59, a primeira frase.

turalmente, pois não temos nada de nós mesmos, nem na natureza e nem acima da natureza.

Ora, este impulso de Deus, enquanto sobrenatural, é a causa primeira e principal de todas as virtudes e, em certas pessoas iluminadas, este mesmo impulso faz brilharem os sete dons do Espírito Santo, como sete planetas que iluminam e fecundam toda sua vida[91].

É assim que Deus possui a unidade essencial do nosso espírito como seu reino e que de lá, ele opera e flui com seus dons para a unidade ativa e para todas as nossas forças.

CAPÍTULO 51

A terceira vinda de Cristo.

Vejamos agora com cuidado, como podemos adquirir e possuir, na luz criada, o exercício mais íntimo do nosso espírito.

Quando a pessoa está suficientemente ornamentada com as virtudes morais em sua vida exterior e quando, por meio de exercícios interiores, ela cresceu em nobreza

[91] Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*. Cap. 06.

e em paz divina, ela possui a unidade do seu espírito. Uma sabedoria sobrenatural a ilumina e ela se espalha em grande caridade, no céu e na terra. Ao mesmo tempo, ela sobe e reflui, com suas homenagens e sua reverência, para o próprio fundo e a alta unidade divina, de onde procede toda efusão de caridade, pois cada criatura tem tanto amor de reconhecimento e de aplicação íntima à fonte de onde ela vem, quanto mais ela recebeu de Deus.

Somos, de fato, pressionados por Deus e por seus dons a irmos a ele e, pela caridade, a virtude e a semelhança, temos pressa em reentrarmos nele.

Ora, por causa desta inclinação amorosa de Deus para nós e de nossa operação íntima na unidade de nosso espírito, por causa de nosso ardente amor e da reentrada total de todas as nossas forças na mesma unidade onde Deus habita, Cristo inaugura em nós sua terceira vinda nos exercícios interiores. Este é um impulso íntimo ou toque de Cristo, em sua claridade divina, que afeta o mais profundo do nosso espírito[92].

Comparamos a segunda vinda com uma fonte de onde escoam três riachos. Quanto a esta nova vinda, nós

[92] Cf. São João da Cruz. *A noite escura da alma*. L. II, cap. XXII e *Cântico espiritual*. Estrofe XIV e XV. Cf. também Ruysbroeck. *O livro do reino dos amantes de Deus*. Cap. 25 e 35.

a comparamos ao próprio veio de onde nasce a fonte, pois, se não há riacho sem fonte, não há fonte sem veio vivo.

Da mesma forma, a graça de Deus flui em riachos nas forças superiores e dá à pessoa o impulso e a chama de todas as virtudes. Mas, na unidade do nosso espírito, ela se comporta como uma fonte e ela surge nessa mesma unidade onde ela nasce, assim como um veio vivo e jorrante, saído do fundo vivo da riqueza divina, onde não faltam jamais nem fidelidade e nem graça.

Este é o toque que eu acabei de mencionar. A criatura o sustenta e o carrega, pois há aqui união das forças superiores na unidade do espírito, acima da multiplicidade de todas as virtudes.

Nada opera nele além de Deus, com sua bondade gratuita, causa de todas as nossas virtudes e de toda nossa beatitude. Na unidade do espírito, onde jorra este veio, se está acima da operação e acima da razão, mas não sem razão[93], pois a razão iluminada e sobretudo a força amorosa sentem o toque, mas a razão não pode nem compre-

[93] Cf. Ricardo de São Vítor. *De gratia contemplationis*. L. I, cap. VI. Citado por São Tomás de Aquino. IIae, q. 180, a. 4. Cf. também Ruysbroeck. *O livro do reino dos amantes de Deus*. Cap. 19.

ender e nem apreender o modo, a maneira ou a natureza deste toque.

Trata-se de uma obra divina, fonte e origem de todas as graças e de todos os dons e o último intermediário entre Deus e a criatura. E acima deste toque, na essência silenciosa do espírito que a sente, paira uma claridade incompreensível. É a sublime Trindade, de onde vem o toque. Lá, Deus vive e reina no espírito e o espírito em Deus.

CAPÍTULO 52

Uma saída íntima do espírito que acontece sob a influência do toque divino.

Cristo diz agora, de uma maneira íntima, no espírito: “Saia através de exercícios proporcionais a este toque”. O toque profundo atrai e chama nosso espírito para o exercício mais íntimo que a criatura possa fornecer, segundo o modo da criatura, na luz criada.

O espírito, graças à força amorosa, se eleva aqui acima das obras até a unidade onde jorra este veio vivo que é o toque de Deus e este toque quer que o intelecto conheça Deus em sua claridade, enquanto ele atrai e chama

a força amorosa para desfrutar de Deus sem intermediário, o que, aliás, o espírito amoroso deseja acima de todas as coisas, natural e sobrenaturalmente.

Através da razão iluminada, o espírito se eleva a uma íntima consideração e ele volta seu olhar e sua atenção ao mais profundo dele mesmo, lá onde o toque divino se manifesta. Mas aqui, a razão e toda luz criada deixam de ir mais à frente, pois a claridade divina que paira acima e causa este toque, cega, com seu encontro, toda visão criada, em razão do seu brilho infinito e todos os intelectos, com sua luz criada, são como os olhos do morcego diante da claridade do sol.

No entanto, o espírito experimenta sempre, de Deus e de si mesmo, um novo convite e uma nova atração para escrutar este impulso profundo, a fim de conhecer o que é Deus e o que é este toque. Assim, a razão iluminada está sempre em nova busca para saber de onde isto vem e em novas investigações, para seguir até o fundo o veio vivo doce como mel, mas ela jamais saberá mais do que no primeiro dia.

É por isto que a razão e toda consideração são forçadas a dizer: “Eu não sei o que é isto”, pois a claridade

divina que paira acima domina e cega, com seu encontro, todo intelecto.

Assim, Deus reside em sua claridade acima de todos os espíritos no céu e na terra e quando, através das virtudes e dos exercícios interiores, se revolve de alto a baixo seu próprio solo, até chegar à própria fonte, no limiar da vida eterna, se é capaz de perceber o toque divino. É lá que a claridade de Deus brilha com um esplendor tal que a razão e todo o intelecto não podem mais avançar e, sob este peso, eles são coagidos a ceder diante da incompreensível luz divina.

Mas o espírito percebe estas coisas no fundo dele mesmo e, enquanto a razão e o intelecto devem desfalecer diante da claridade divina e permanecerem fora da porta, a força amorosa quer sempre ir em frente, pois ela é pressionada e convidada como o intelecto, mas ela é cega e aspira ao prazer.

Ora, o prazer reside mais no gosto e no ato de perceber do que no de compreender. É por isto que o amor quer progredir onde o intelecto fica de fora[94].

[94] Cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*. Seção II, parte II, questão 27, artigo 4, adendo 1. *Deve-se dizer que, se é verdade que não se pode amar o desconhecido, não é necessário que a ordem do conhecimento seja idêntica à do amor, pois o amor é o termo do conhecimento. E assim, onde acaba o conhecimento, isto é, na mesma coisa que é conhecida mediante outra, ali*

CAPÍTULO 53

Uma fome sem trégua que nosso espírito sente por Deus.

Aqui surge uma fome sem trégua que jamais é saciada. Trata-se de uma avidez interior e um ardor devorador da força amorosa e do espírito criado por um Bem incriado. O espírito quer desfrutar, é pressionado a isto e convidado por Deus e é por isto que, incessantemente, ele tende a realizar este prazer. É então uma avidez perpétua e um ardor devorador em uma impotência sem fim.

Aqueles que passam por esta experiência são as pessoas mais pobres, pois são ávidas, cheias de desejos e possuem uma fome insaciável. Embora elas comam ou bebam, nada pode saciá-las quando estão neste estado, pois é uma fome que não pode cessar. Como um vaso criado conteria um Bem incriado? Assim, há aqui sempre um ardor famélico, ao mesmo tempo que uma impotência

pode começar o amor. Ruysbroeck retoma aqui as palavras de Hugo de São Vítor, citadas acima no Livro I, cap. 26.

perante um Deus que ultrapassa toda capacidade de desejar[95].

É como uma mesa em que foram colocados um grande número de iguarias e bebidas desconhecidas a todo aquele que não tem experiência com eles, mas falta uma qualidade, que é aquela que daria plena saciedade ao prazer, de sorte que a fome é sempre nova.

No entanto, neste toque divino fluem riachos doces como o mel e cheios de todas as delícias, pois tudo o que o espírito pode pensar e desejar se encontra lá em prazeres deliciosos, mas tudo isto é do modo criado e permanece abaixo de Deus e assim, a fome e a impaciência duram para sempre.

Mesmo que Deus derramasse neste coração todos os dons que possuem todos os santo e toda sua generosidade, mas não desse a ele mesmo, a avidez devoradora do espírito não ficaria menos faminta e insaciável.

É Deus quem, com seu impulso e seu toque íntimos nos enche de fome e de desejos veementes, pois o Espírito divino busca nosso espírito e quanto mais o toque se faz

[95] Santa Tereza d'Ávila fala destes transportes de desejos em seu *Vida*, cap. XX. Cf. *O castelo interior*, 5ª. Morada, cap. 11. Não se deve confundir estes transportes com a grande "impaciência de amor" que foi tratada acima no cap. 23. Santa Tereza d'Ávila diz que, entre dois tormentos há tanta diferença quanto entre "uma coisa corpórea e outra espiritual".

sentir mais a fome e o ardor crescem e isto é viver com amor em suas mais altas obras, acima da razão e do intelecto.

A razão, de fato, não pode aqui dar nada e nem tirar do amor, pois nosso amor está sob o toque do amor divino e, em minha opinião, não há aqui jamais separação de Deus[96].

O toque divino em nós __ na medida em que o podemos apreender __ e nossa aspiração amorosa são ambos criados e segundo o modo das criaturas. Assim, eles podem crescer e aumentar pelo tempo em que vivemos.

CAPÍTULO 54

Uma luta amorosa entre o espírito de Deus e nosso espírito.

Nesta tempestade de amor, dois espíritos estão em luta: o Espírito de Deus e o nosso espírito. Com seu Espírito Santo, Deus se curva sobre nós e assim nos toca com seu amor.

[96] Parece que se trata aqui da confirmação na graça e dos eleitos de Deus de que fala nosso autor em *O livro das sete clausuras*, cap. 14, que podem ser identificados com aqueles que receberam este favor. Cf. São João da Cruz. *Cântico espiritual*, estrofes XIV e XV.

Por outro lado, sob a influência desta operação divina e da força amorosa, nosso espírito se pressiona e se volta para Deus e assim, ele o toca por sua vez.

Deste duplo contato, no recanto mais profundo, nasce uma luta amorosa e nesta visita, por mais íntima e por mais penetrante que seja, cada espírito é profundamente ferido de amor. Ambos __ ou seja, nosso espírito e o Espírito de Deus __ brilham e projetam sua luz um sobre o outro e mostram suas faces mutuamente.

Isto faz com que os espíritos tragam mutuamente a veemência de seus desejos amorosos um para o outro, com cada um reclamando do outro tudo o que o outro é e lhe oferecendo tudo o que ele mesmo é[97]. É isto o que faz saírem de si mesmos aqueles que se amam.

O toque de Deus e sua liberalidade, nossa avidez amorosa e nossa generosidade de volta dão estabilidade ao amor. Este fluxo e este refluxo fazem a fonte transbordar e assim o tocar de Deus e nosso ardor amoroso constituem um amor simples, onde a pessoa está inteiramente possuída e, sem se lembrar precisamente de si mesma e nem de Deus, ela só sabe amar.

[97] Cf. *O livro das sete clausuras*, cap. 17.

O Espírito é inflamado por este fogo e penetra tão profundamente no toque divino que, vencido em todos os seus ardores e tendo esgotado todas as suas obras, ele se consome e se torna ele mesmo amor acima de toda aplicação.

Assim, ele possui o mais íntimo do seu ser criado acima de todas as virtudes, lá onde todas as obras realizadas segundo o modo criado começam e chegam ao fim.

Este é o amor nele mesmo, fundamento e base de todas as virtudes.

CAPÍTULO 55

As obras fecundas do espírito.

Como nosso espírito e o amor em questão são vivos e fecundos em virtudes, as forças superiores não podem permanecer na unidade do espírito[98]. A claridade incompreensível de Deus e seu amor imenso pairam acima do espírito e impulsionam a força amorosa. Assim, este espírito retorna à suas obras com um ardor maior e mais sublime do que o que tinha antes. Quanto mais ele está re-

[98] Cf. *Os sete degraus da escada do amor espiritual*, cap. 12.

colhido e elevado em nobreza, mais rápido também ele se consome e se esgota no amor. Depois, ele retorna a novas obras e esta é uma vida celeste.

O espírito, em sua avidez, acredita sempre devorar Deus e engoli-lo, mas é ele mesmo que permanece engolido no toque divino e que vê desfalecer todos os seus esforços, pois na unidade do espírito está a união das forças superiores.

A graça e o amor se mantêm nela essencialmente acima de toda atividade, pois é aqui a fonte da caridade e de todas as virtudes e, ao mesmo tempo em que aqui caridade e amor fluem eternamente, acontece um eterno retorno causado pela fome íntima de desfrutar Deus, assim como uma eterna morada no amor simples.

Isto se passa, aliás, inteiramente segundo o modo das criaturas e abaixo de Deus e é o exercício mais íntimo que pode ser praticado na luz criada, no céu e na terra. Acima disto só há uma vida contemplativa divina na luz de Deus e segundo o modo divino.

Neste exercício que acabamos de mencionar, não se pode enganar e nem ser enganado e ele começa aqui, neste mundo, na graça, para durar depois eternamente na glória[99].

CAPÍTULO 56

O encontro espiritual.

Até aqui, eu lhes mostrei como, pela graça de Deus, a pessoa libertada e elevada adquire, nos exercícios interiores, a faculdade de ver e isto é, como pudemos observar, a primeira coisa que Cristo reclama e deseja de nós, quando diz: *Vejam!* Depois, nas palavras: *Eis que vem o Noivo*, eu lhes mostrei três maneiras segundo as quais Cristo vem interiormente.

Vimos também como a primeira destas vindas compreende quatro modos e como devemos sair para nossos exercícios, de acordo com os diversos modos com que Deus, nesta vinda, nos inflama, nos instrui e nos impulsiona.

[99] Aqui termina a descrição das graças que Deus concede à alma na vida interior. Nos capítulos seguintes, o autor mostrará qual é o objetivo de todos estes favores, ou seja, o encontro do Senhor, a união com Deus. Isto será a explicação das palavras *obviam ei*.

De agora em diante, é importante que consideremos o quarto e o último ponto, que é o encontro de Cristo, nosso Noivo, pois tudo o que somos convidados a ver interior e espiritualmente, na graça ou na glória e todos os exercícios segundo os quais devemos sair praticando a virtude, têm por objetivo um encontro e uma união com Cristo, nosso Noivo, porque ele é nosso repouso eterno, nosso fim e a recompensa de todo nosso esforço.

Ora, vocês sabem que todo encontro consiste na reunião de duas pessoas que vêm de lugares diversos, opostos e separados entre eles. Cristo vem do alto, como um Senhor que dá sua liberalidade e que é onipotente. E nós chegamos de baixo, como pobres servidores que não podem nada por eles mesmos, mas que são indigentes em todas as coisas.

Enquanto Cristo vem a nós do interior para o exterior, nós chegamos a ele do exterior para o interior e desta maneira deve acontecer um encontro espiritual. Ora, este encontro entre nós e Cristo acontece de duas maneiras: com intermediário e sem intermediário[100].

[100] Para bem compreender os capítulos seguintes, é importante recordar o que o autor quer dizer com a expressão "unidade de espírito", que retornará incessantemente. Ruysbroeck se refere com ela à essência da alma, que ele considera, uma hora, como o princípio do ser e, outra hora, como a raiz da atividade. Cf. Livro II, cap. 02.

CAPÍTULO 57

Um encontro com Deus na ordem simplesmente natural.

Vocês devem agora compreender e observar com cuidado que a unidade do nosso espírito pode ser considerada sob um duplo aspecto: segundo sua essência ou segundo sua atividade.

Ora, é segundo sua existência essencial que o espírito recebe a vinda de Cristo, na ordem simplesmente natural, sem intermediário e sem interrupção, pois o ser ideal e a vida que vivemos em Deus, em nossa imagem eterna e o ser que possuímos em nós mesmos, segundo a existência essencial, não conhecem intermediário e nem separação[101].

É por isto que o espírito, segundo sua parte mais íntima e mais elevada, recebe sem interrupção, de uma maneira natural, a impressão de sua imagem eterna e a claridade divina. Ele mesmo é uma habitação eterna que

[101] A tradução de Jordaens acrescenta aqui esta explicação: *Esse ser e a vida que temos na mente do artista celestial através de nossas próprias ideias não são tanto quanto nós mesmos (diz a Escritura: o que foi feito nele foi a vida). Mas esse ser e o que possuímos essencialmente em nós mesmos estão imediata e inseparavelmente unidos*. Em outros termos: nosso ser criado depende imediatamente da nossa ideia eterna em Deus.

Deus possui como sua morada permanente e que ele visita incessantemente renovando nela sua vinda e a irradiação da claridade sempre nova da sua eterna geração, pois aonde ele vem, ele já mora e onde ele mora, ele retorna incessantemente.

Mas ele jamais vem onde jamais teve morada, pois nele não há acidente e nem possibilidade de mudar e tudo o que ele habita habita nele, pois quando ele vem, ele não sai dele mesmo.

Assim, o espírito possui Deus essencialmente, de acordo com a natureza simples e Deus, o espírito, pois o espírito vive em Deus e Deus nele e ele está apto, de acordo com sua parte mais elevada, a receber sem intermediário o esplendor de Deus e tudo o que Deus pode dar.

Através deste esplendor de sua imagem eterna, que se reflete nele essencial e pessoalmente, o espírito, de acordo com seu ser mais elevado, se imerge na essência divina e lá ele possui, de uma maneira permanente, uma felicidade que não cessa. Depois, ele flui, com todas as criaturas, na geração eterna do Filho e ele é estabelecido

em seu ser criado pela livre vontade da Santíssima Trindade[102].

Aqui, o espírito está conforme com a imagem da Santíssima Trindade e a Unidade de Deus, imagem segundo a qual ele é feito[103] e segundo seu ser criado, ele recebe e carrega a marca da sua imagem eterna, sem interrupção, da mesma forma como um espelho sem mancha guarda fielmente a imagem do objeto presente e reenvia incessantemente sua impressão, com um novo esplendor, a cada vez que o olhar se volta para ele.

Esta unidade essencial do nosso espírito com Deus não subsiste nela mesma, mas ela mora em Deus e ela flui dele. Ela está ligada a Deus e ela retorna a ele como sua causa eterna.

Sob este ponto de vista, ela jamais se separou de Deus e jamais pode fazê-lo, pois esta unidade está em nós pela natureza simples e se a natureza se separasse de Deus, ela cairia no puro nada.

---

[102] Cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*. 1a, questão. 18, artigo 4, ad 1 e 3. *As coisas materiais têm, mais verdadeiramente e de modo absoluto, o ser na mente divina do que em si mesmas, porque o ser que têm em Deus é incriado e o que elas têm em si mesmas é criado*. *As coisas estão em Deus por suas razões próprias, que em Deus nada mais são do que a essência divina*. E, mais além: *O Pai mesmo fala a todas as criaturas através do seu Verbo gerado, na medida em que o Verbo gerado representa adequadamente o Pai e toda criatura* (1a, questão 37, artigo 2, ad 3). A mesma doutrina é exposta em *O espelho da salvação eterna*, cap. 17 e em *O livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 31.

[103] Cf. o que é dito sobre a imagem de Deus no cap. 08 de *O espelho da salvação eterna*.

Esta unidade está acima do tempo e do espaço e, como Deus, ela age sempre, sem interrupção, mas ela recebe, de uma maneira passiva, a impressão da sua imagem eterna, ao mesmo tempo em que carrega a semelhança com Deus e é, nela mesma, criatura.

Esta é a nobreza que possuímos, por natureza, na unidade essencial do nosso espírito, onde este espírito está, por sua própria natureza, unido a Deus.

Não é isto o que nos torna santos ou bem-aventurados, pois todas as pessoas boas ou más a possuem nelas, mas isto é, no entanto, a primeira causa de toda santidade e de toda beatitude[104].

É nisto que consiste o encontro e a união de Deus e de nosso espírito na natureza simples.

---

[104] Jordaens traduz: *É, no entanto, de certa forma, a causa primária e, por assim dizer, o princípio material de toda santidade e beatitude*. O autor quer se referir, com isto, ao poder obediente frente à ordem sobrenatural.

CAPÍTULO 58

O encontro com Deus na ordem sobrenatural.

Vocês precisam agora observar com cuidado o sentido das minhas palavras, pois, se vocês entenderem bem o que eu quero dizer e o que eu já disse, vocês compreenderão também toda verdade divina que poderia ser ensinada por alguém e muito mais ainda.

Na unidade que mencionamos, nosso espírito pode ser considerado sob um segundo aspecto, o de sua atividade e ele subsiste em si como em seu ser criado pessoal. Este é o fundo original das forças superiores, fonte e termo de toda operação da criatura, ou seja, realizada segundo o modo das criaturas, tanto na ordem natural quanto na ordem sobrenatural. No entanto, a unidade não opera enquanto ela é unidade, mas todas as forças da alma, de qualquer maneira que elas ajam, elas tiram toda sua virtude e todo seu poder do seu próprio fundo, que é a unidade do espírito, em seu ser subsistente e pessoal.

Ora, nesta unidade, é necessário que o espírito seja sempre semelhante a Deus, por meio da graça e das virtudes ou que ele seja diferente, por causa do pecado mortal, pois, se a pessoa é feita à semelhança com Deus, isto

quer dizer que ela é feita por sua graça, já que a graça é uma luz deiforme que nos penetra com seus raios e nos tornam semelhantes a Deus e, sem esta luz que nos dá a semelhança, não podemos nos unir a Deus sobrenaturalmente.

Apesar de a imagem que está em nós e a unidade natural com Deus não poderem ser perdidas, se perdemos a semelhança divina que vem através da graça, seremos condenados[105]. Desta forma então, assim que Deus encontra em nós uma disposição para receber sua graça, ele é levado, por sua bondade gratuita, a nos vivificar e a nos tornar semelhantes a ele por meio dos seus dons.

Isto é o que acontece quando, com nosso pleno querer, nós nos voltamos para ele, pois, neste mesmo momento, Cristo vem a nós e em nós, por um intermediário e sem um intermediário, ou seja, pelo dom das virtudes ou de uma maneira que ultrapassa todas as virtudes[106].

[105] É sempre a teoria de nosso autor sobre a imagem e a semelhança com Deus. A imagem é depositada em toda pessoa no ápice da alma e dá a unidade natural com Deus, enquanto que a semelhança é o fruto da graça e das virtudes e permite a união sobrenatural. Cf. *O livor das sete clausuras*, cap. 17.

[106] Na vida sobrenatural, Deus nos concede um duplo dom. Primeiramente, ele nos dá a graça santificante com as virtudes que decorrem dela. Depois, acima da graça, ele concede ele mesmo, vindo morar na essência da nossa alma. Isto é que leva Ruysbroeck a diferenciar igualmente uma dupla união com Deus: a união por intermédio da graça e das virtudes, que nos dá a semelhança com Deus e a união sem intermediário, pela qual a alma repousa diretamente no próprio Deus e desfruta de sua presença íntima no fundo dela mesma. Aqui, não há somente semelhança com Deus; há a unidade com ele, pelo amor de fruição. Nos capítulos seguintes,

Ele imprime em nós sua imagem e sua semelhança, se derramando com seus dons. Ele nos livra de nossos pecados, nos liberta e nos torna semelhantes a ele. Depois, sob esta mesma ação divina que apaga nossos pecados e nos dá semelhança e liberdade na caridade, o espírito imerge a si mesmo no amor de fruição.

Então se faz, sem intermediário e sobrenaturalmente, um encontro e uma união, onde reside nossa mais alta beatitude. Se, para Deus, é natural se dar por amor e liberalidade, para nós, o dom é acidental e sobrenatural, pois estranhos e sem semelhança que éramos antes, obtemos, por causa do dom, semelhança e unidade com Deus.

CAPÍTULO 59

Como se possui Deus, na unidade e no repouso, acima de toda semelhança da graça.

Este encontro e esta unidade com Deus, com os quais o espírito amoroso é favorecido e ele possui sem intermediário, devem acontecer no próprio fundo do nos-

---

Ruysbroeck opõe incessantemente a semelhança ou união ativa a esta unidade de prazer com Deus, que é totalmente feita de repouso.

so ser[107], em uma região profunda e totalmente escondida ao nosso intelecto, a menos que só se trate do ato simples do intelecto[108]. Nesta unidade de prazer, devemos sempre repousar acima de nós mesmos e de todas as coisas.

É desta unidade que fluem todos os dons naturais e sobrenaturais. No entanto, o espírito amoroso repousa nela acima de todos os dons, pois aqui, só há Deus e o espírito que está unido a ele sem intermediário.

Nesta unidade, somos acolhidos pelo Espírito Santo. Nela, recebemos este divino Espírito e o Pai e o Filho e a natureza divina inteira, pois não se pode dividir Deus.

A tendência à fruição, pela qual nosso espírito busca o repouso em Deus acima de toda semelhança, obtém o que ela deseja e possui sobrenaturalmente, em sua existência essencial, tudo o que o espírito nela jamais recebeu de uma maneira natural[109].

Isto é o que todos os justos possuem, mas eles ignoram, por toda a vida deles, como isto acontece, a menos

---

[107] *Inden weseliken be gripe*, o que Surius traduz por: *in ipso essentiae aptu*.

[108] No capítulo 50, Ruysbroeck disse "que a essência da alma é, para Deus, um reino espiritual cheio de uma claridade divina, que ultrapassa todas as nossas forças, exceto no modo onde elas se tornam simples". É este modo que é tratado aqui. É um modo segundo o qual é na própria essência da alma que apreendemos diretamente, acima do jogo ordinário das forças.

[109] Cf., acima, o cap. 57, onde é dito que "segundo sua existência essencial, o espírito recebe a vinda de Cristo, na ordem simplesmente natural, sem intermediário e sem interrupção". Ora, o que era lá um encontro natural se torna aqui um encontro sobrenatural.

que eles tenham um espírito interiorizado e desprovido de todas as criaturas.

No mesmo instante, de fato, que a pessoa se afasta do pecado, ela é acolhida por Deus na unidade essencial dela mesma, na parte superior do seu espírito, para que ela tenha, em Deus, seu repouso, dali por diante e para sempre.

E, no domínio de suas forças, ela recebe a graça, ao mesmo tempo que uma semelhança com Deus, para que ela cresça e progrida sempre em novas virtudes. Enquanto dura esta semelhança na caridade e nas virtudes, permanece o repouso na unidade.

Ora, a semelhança não pode jamais ser perdida, a não ser pelo pecado mortal.

CAPÍTULO 60

A necessidade da graça de Deus.

Toda santidade e toda beatitude consistem então em que o espírito, por causa de sua semelhança com Deus e por meio da graça ou da glória, é introduzido no repouso, na unidade essencial, pois a graça de Deus é o caminho pelo qual devemos sempre passar, se queremos chegar a

essa região onde Deus se dá sem intermediário, com toda sua riqueza.

Assim, os pecadores e os espíritos caídos estão nas trevas, porque a graça de Deus lhes faz falta para serem iluminados, conduzidos e levados até à unidade de prazer.

No entanto, a existência essencial do espírito é tão nobre que os condenados não podem querer ser aniquilados. Mas o pecado causa uma separação das trevas e uma diferença tão grandes entre as forças e a essência onde Deus vive que o espírito não pode se unir a ele nessa própria essência que, sem o pecado, seria seu domínio próprio e seu repouso eterno, pois aquele que corta de sua vida o pecado possui a semelhança e a graça e Deus está nele.

Assim, a graça é necessária para fazer desaparecer o pecado, preparar o caminho e tornar fecunda toda nossa vida. É por isto que Cristo vem sempre para nós através de um intermediário, ou seja, através de sua graça e seus dons múltiplos e, por nossa vez, vamos até ele por meio das virtudes e numerosos exercícios.

Quanto mais os dons de Cristo são íntimos e seu impulso delicado, mais os exercícios de nosso espírito são

profundos e deleitáveis, como vocês aprenderam nos diversos modos já ensinados.

Incessantemente há uma renovação, pois Deus derrama sempre novos dons e nosso espírito, por seu lado, realiza sempre um novo retorno, em proporção com o que Deus reclama e do que ele dá.

Nesse encontro, o espírito recebe sempre imediatamente um estado mais elevado e deste fato há incessantemente um crescimento da vida mais elevada. Este encontro ativo acontece totalmente por intermediário e os dons de Deus, nossas virtudes e a atividade do nosso espírito constituem este intermediário, necessário a toda pessoa e a todo espírito, pois, se não for por meio da graça de Deus e do retorno amoroso e livre para ele, nenhuma criatura pode ser salva.

CAPÍTULO 61

A visita que fazem Deus e nosso espírito à unidade e à semelhança.

Eis que agora Deus olha a habitação e o lugar de repouso que ele estabeleceu em nós e conosco, ou seja, a unidade de espírito e sua semelhança com ele mesmo.

Esta unidade ele quer incessantemente visitar, renovando nela o advento de sua sublime geração e a rica efusão do seu amor infinito, pois ele quer fazer sua morada cheia de delícias no espírito amoroso.

Da mesma forma, ele vem com seus ricos dons contemplar esta semelhança que nosso espírito possui com ele, para fazê-la crescer e nos tornar mais eminentes em virtudes.

Mas Cristo quer também que façamos nossa habitação e nossa morada na unidade essencial do nosso espírito, ricos dele, acima de toda obra de criatura e acima de todas as virtudes. Depois, que nessa mesma unidade tenhamos uma morada ativa, possuindo a riqueza e a abundância das virtudes e dos dons celestes. Por fim, ele quer que incessantemente, em cada um dos atos que realizamos, voltemos a visitar a unidade do nosso espírito e nossa semelhança com Deus, pois, a cada novo instante[110], Deus nasce em nós e deste sublime nascimento flui o Espírito Santo com todos os seus dons.

[110] Ruysbroeck emprega aqui a expressão *in elken nuwen nu*. Literalmente: "a cada agora novo", para marcar o eterno presente no qual Deus vive e age.

É através da semelhança com Deus que vamos à frente dos dons divinos, mas é na unidade que fazemos o encontro com o sublime nascimento.

CAPÍTULO 62

Como devemos encontrar Deus em todas as nossas ações.

Compreendamos agora como, em cada uma das nossas ações, devemos encontrar Deus e crescermos em uma maior semelhança com ele, ao mesmo tempo que possuir, de uma maneira mais nobre, a unidade de prazer.

Cada boa ação, por menor que seja, que é reportada a Deus com amor e com uma intenção elevada e simples, merece mais semelhança e vida eterna em Deus[111].

A intenção simples, de fato, reúne, na unidade do espírito, as forças dispersas e une o próprio espírito a Deus. Ela é o princípio, o ornamento e o fim de todas as virtudes. Ela oferece a Deus louvor e honra e dirige para

[111] No cap. 25 do Livro I, foi tratada incessantemente da *gerechte meyninghe*, "intenção correta", enquanto que aqui é sempre a *eenvoldighe meyninghe*, "intenção simples". A primeira pertence à vida ativa e a segunda, à vida interior.

toda virtude. Depois, ultrapassando ela mesma, ela vai além de todos os céus e de todas as coisas e encontra Deus no fundo simples dela mesma.

Ora, a intenção é simples quando ela só busca Deus e ordena todas as coisas para Deus. Ela afasta a mentira e a duplicidade e a pessoa deve guardá-la e praticá-la acima de tudo, em todas as suas ações, pois é ela que a mantém perante Deus, clara em seu intelecto, cheia de zelo pela virtude e livre do temor servil, tanto neste mundo quanto no dia do julgamento.

A intenção simples é o olho simples mencionado por Cristo, que dá ao corpo, ou seja, a todas as ações e à vida da pessoa, clareza e inocência diante de todos os pecados. Isto é, para o espírito, uma tendência iluminada do interior, cheia de amor e o fundamento de toda espiritualidade.

A intenção simples reúne nela mesma a fé, a esperança e a caridade, pois ela tem fé em Deus e lhe é fiel. Ela espezinha a natureza, torna o espírito pacífico e o coloca ao abrigo do murmúrio e conserva vivas todas as virtudes. Ela dá, por fim, com relação a Deus, paz, confiança e segurança, tanto na terra quando no momento do julgamento.

Assim, habitaremos na unidade do espírito, pela graça e pela semelhança e encontraremos sempre Deus no meio das virtudes, enquanto que toda nossa vida e todas as nossas ações lhe serão ofertadas pela intenção simples. Desta maneira, a toda hora e em todas as nossas ações, adquirimos uma semelhança maior.

Depois, através do próprio fundo da intenção simples, superamos a nós mesmos e encontramos Deus sem intermediário, para nos repousarmos com ele no próprio abismo da simplicidade e possuir lá a herança que nos está preparada desde toda a eternidade.

Assim, a vida e as ações virtuosas de todos os espíritos consistem na semelhança com Deus através da intenção simples. Enquanto que todo seu repouso mais elevado está na simplicidade acima de toda semelhança.

No entanto, os espíritos se ultrapassam mutuamente em virtudes e em semelhança e cada um possui sua essência própria nele mesmo, segundo sua dignidade. Deus provê cada um de uma maneira particular e cada um o busca no fundo do seu espírito, segundo a extensão do seu amor e isto tanto aqui neste mundo quanto na eternidade.

CAPÍTULO 63

Como, tanto na vida ativa quanto na vida espiritual, as virtudes são ordenadas por meio dos sete dons do Espírito Santo e começando pelo temor, a piedade e a ciência[112].

Precisamos agora considerar a ordem e a gradação de toda virtude e de toda santidade e a maneira como encontramos Deus através da semelhança, para tomarmos depois, com ele, nosso repouso na unidade.

Quando, sob a ação do temor a Deus, a pessoa pratica as virtudes morais, se mantendo nos exercícios exteriores, em total obediência e submissão à Santa Igreja e aos mandamentos de Deus, tendo, por intenção simples, a boa vontade e a prontidão para todas as coisas boas, ela possui com Deus a semelhança, pelo fato de a fidelidade e a concórdia de sua vontade agirem em todas as coisas segundo o querer divino.

Depois, ultrapassando a semelhança, ela toma em Deus seu repouso, pois se, através da fidelidade e da intenção simples, ela cumpre a vontade de Deus, em pro-

[112] Nos caps. 63 a 70, o autor resume tudo o que ele disse até aqui, mostrando qual é a influência dos diferentes dons do Espírito Santo nos dois primeiros estágios da vida espiritual.

porção com sua semelhança com ele, através do amor, ela repousa em seu Bem-amado, o que é mais do que se assemelhar a ele.

Se ela se exercita bem segundo este dom recebido de Deus, ela recebe, além dele, o espírito de piedade e de generosidade e se torna assim, grande de coração, doce e misericordiosa. Então crescem nela a vida e a semelhança divinas e ela tem melhor a experiência do repouso em Deus, ao mesmo tempo em que se manifestam maiores largura e profundidade de virtudes do que antes. A semelhança e o repouso são, além disto, tão melhor desfrutados quanto maior for a semelhança com Deus.

Depois, através da intenção simples e do amor divino, ela repousa em Deus acima dela mesma, na unidade. Ela possui uma maior semelhança com ela mesma e todas as suas ações se tornam mais saborosas, pois ela é obediente e submissa ao Pai, razoável e discreta como o Filho, generosa e misericordiosa como o Espírito Santo e assim ela traz uma semelhança com a Trindade Santa e repousa em Deus através do amor e da simplicidade da sua intenção.

Isto é toda a vida ativa. A pessoa deve se exercitar nela com grande zelo, com toda simplicidade de intenção

e com sensatez, se guardando de tudo o que se opõe à virtude e se mantendo sempre humildemente prostrado aos pés de Cristo. Desta maneira, ela cresce em todo momento na virtude e na semelhança e, ao agir assim, ela não pode errar.

No entanto, ela permanece sempre, desta maneira, em uma vida ativa. Se então a pessoa se mantém e se dedica às coisas que ocupam o coração e às obras múltiplas mais do que à causa e ao porque dos atos; se ela é mais atenta aos sacramentos e às práticas, aos sinais, ou aos costumes exteriores do que à causa deles e à verdade que eles significam, ela permanece sempre uma pessoa exteriorizada e, em suas boas ações praticadas com intenção simples, ela encontra a salvação.

CAPÍTULO 64

O dom da força.

Se então a pessoa quer se aproximar mais de Deus e elevar seus exercícios e sua vida, ela deve, das ações, ir até a causa delas e, dos sinais, até à verdade significada. Assim, ela se torna senhora de suas ações e conhecedora da verdade e entra em uma vida interior.

Deus lhe dá então o quarto dom, que é o espírito de força, o que lhe permite dominar alegrias e tristezas, ganhos e perdas, esperança e preocupação com as coisas terrenas, toda sorte de intermediários, enfim e de multiplicidade. Desta maneira, a pessoa se torna livre e liberada de toda criatura[113].

Quando ela está despojada assim das imagens, ela é senhora dela mesma e facilmente, sem esforço, ela se torna una e interiorizada, se voltando livremente e sem obstáculo para Deus, com devoção íntima, afeição elevada, ação de graças, louvor e intenção simples[114].

Então, ela desfruta do sabor de todas as suas obras e de toda sua vida, tanto interior quanto exterior, pois ela se mantém perante o trono da Santa Trindade e frequentemente recebe de Deus consolações e doçuras interiores.

Aquele que serve, de fato, a esta mesa com ação de graças, louvor e reverência interior bebe frequentemente do vinho e desfruta dos restos e migalhas que caem da mesa do Senhor. Ele possui assim, incessantemente, a paz interior que lhe dá sua intenção simples[115]. Ele persiste em permanecer firme perante Deus, dando graças, lou-

[113] Cf. acima o Livro II, cap. 01-04.
[114] Ibidem cap. 08-16.
[115] Cf. acima, cap. 17-19.

vando e elevando sua intenção e recebe então um duplo espírito de força. Assim, ele não se deixa engolir pela afeição sensorial, nem pela avidez da consolação, da doçura ou por qualquer dom divino, nem pelo repouso e pela paz do seu coração. Mas ele quer ultrapassar todos os dons e consolações, para encontrar Aquele que ele ama[116].

Assim, aquele que despreza e domina as preocupações do coração e as coisas da terra possui a terra, mas é duplamente forte aquele que ultrapassa e supera toda consolação e todos os dons celestes. Desta maneira, a pessoa se ergue acima de todas as criaturas e se possui com total domínio e liberdade, por meio do dom da força espiritual.

CAPÍTULO 65

O dom do conselho.

Quando então nada de criado pode dominar a pessoa e nem impedi-la de permanecer em sua intenção simples que se eleva; quando ela se mantém firme, dedicada ao louvor a Deus e buscando-o acima de todos os

[116] Cf. livro II, cap. 20 e 21.

seus dons, por meio da força espiritual, Deus lhe dá o quinto dom, ou seja, o dom do conselho. Com isto, o Pai atrai a pessoa interiormente e a chama para sua direita com os eleitos, junto à sua própria unidade e o Filho lhe diz no espírito: "Siga-me para meu Pai. *Uma só coisa é necessária*[117]". Por fim, o Espírito Santo faz abrir o coração e o abrasa com um ardente amor[118]. Daí nasce no interior um ardor inflamado e impaciente, pois aquele que dá atenção a este conselho é tomado por uma tempestade de amor e não pode lhe bastar, a não ser Deus apenas.

Assim, ela se abandona com todas as coisas, para encontrar Aquele em quem vive e em quem todas as coisas são conduzidas à unidade. Ela deverá então buscar Deus com intenção simples, se dominar através da razão, abandonar totalmente o querer próprio e esperar sem preocupação esta unidade tão desejada, até o dia em que Deus quiser concedê-la[119].

O espírito de conselho exerce assim nesta pessoa uma dupla ação, pois é grande e segue a ordem e o conselho divinos aquele que, se abandonando com todas as

[117] Lucas 10: 42.
[118] Cf. acima cap. 22 e 23.
[119] Cf. acima cap. 25-27.

coisas, diz com um amor insaciável, inflamado e ardente: *Venha o vosso Reino*[120].

Mas é maior ainda e observa melhor o conselho de Deus aquele que, vencedor de sua própria vontade e cheio de abnegação, diz a Deus, com total submissão e reverência: "*Seja feita a vossa vontade*[121] em todas as coisas e não a minha".

Quando Cristo, nosso querido Senhor, estava bem próximo de sua Paixão, ele dirigiu ao seu Pai estas mesmas palavras, em uma humilde abnegação de si. Ora, jamais ele disse algo que fosse mais doce e nem mais glorioso, que fosse mais útil para nós, mais agradável ao seu Pai, nem mais ignominioso para o demônio, pois foi ao renunciar assim à sua própria vontade humana que ele nos salvou a todos.

A vontade de Deus se torna assim para a pessoa humilde e amorosa a alegria suprema e o que mais lhe agradou espiritualmente, mesmo que, por impossibilidade, ela descesse ao inferno[122].

---

[120] Mateus 6: 10.
[121] Mateus 6: 10.
[122] Cf. Santa Tereza d'Ávila. *Vida*, cap. 18: *Este é o momento de se abandonar totalmente nos braços de Deus. Ele quer levar a alma para o céu? Muito bem. Ao inferno? Ela irá sem repugnância, na companhia do seu Soberano Bem*.

Assim, a natureza se faz humilde o mais que ela pode, enquanto Deus sobe ao mais alto cume da alma e a pessoa fica então apta a receber todos os dons de Deus, porque ela renunciou a ela mesma, abandonou sua própria vontade e deu tudo pelo Todo.

É por isto que ela só quer o que Deus quiser lhe dar, com a vontade de Deus fazendo toda sua alegria e quem se abandona assim, por amor, ao estar o mais livre que é possível ser, vive isento de preocupações, pois Deus não pode perder o que lhe pertence.

Observe agora que Deus, mesmo que conheça os corações, visita, no entanto e prova tal pessoa, para ver se ela pode se renunciar livremente e merecer assim ser iluminada por ele e viver de uma maneira honrosa para Deus e útil para ela mesma[123]. É por isto que Deus a leva, às vezes, da direita para a esquerda, do céu para o inferno, da abundância das delícias às maiores misérias, de sorte que parece que ela foi abandonada e desprezada por Deus e por todas as criaturas.

Mas, se esta pessoa já renunciou a ela mesma e à sua própria vontade, então ela desfruta do amor e da alegria, de maneira a nada buscar para ela, a não ser sempre

[123] Cf. acima o livro II, cap. 28-32.

a caríssima vontade de Deus. Mesmo no meio das dores e dos descasos, ela praticará facilmente o mesmo abandono, a ponto de não buscar nada de pessoal, mas sempre a honra de Deus.

Quem se volta para as grandes ações não menos se submete de bom grado aos grandes sofrimentos, mas sofrer e suportar com resignação é algo de mais nobre, de mais digno de Deus de mais doce à nossa alma do que realizar grandes coisas com o mesmo espírito de abandono, pois isto é mais contrário à nossa natureza.

Assim, o espírito é levado para mais alto e a natureza é mais rebaixada nos pesados sofrimentos do que nas ações de brilho, com amor igual.

Quando se permanece neste abandono, sem nenhuma busca, como alguém que não quer e nem sabe outra coisa, o espírito de conselho opera duplamente, pois se satisfaz a vontade e o conselho de Deus, ao agir e ao suportar, pelo abandono de si mesmo e pela humilde submissão e assim, a natureza recebe seu ornamento mais elevado. Está-se então apto a receber, no espírito, a iluminação divina.

CAPÍTULO 46

O primeiro efeito do dom da inteligência.

Eis então que Deus confere então o sexto dom, que é o espírito de inteligência.

Anteriormente, comparamos este dom a uma fonte que se divide em três riachos, pois ele estabelece nosso espírito na verdade, revela a verdade e faz nascer um amor amplo que se dá a todos.

Este dom se parece ainda com a luz do sol, que, com seu brilho, enche o ar com uma claridade simples. Ele ilumina as formas das coisas e mostra a distinção entre as cores e assim revela sua própria força e, por fim, seu calor é comum ao mundo inteiro, onde ele derrama seus efeitos benéficos e a fecundidade.

É da mesma maneira que a primeira irradiação do dom da inteligência cria no espírito a simplicidade e esta simplicidade é totalmente banhada com uma claridade memorável, assim como a atmosfera é pela luz do sol, pois a graça de Deus, que é o fundamento de todos os dons, habita essencialmente nosso intelecto possível, como uma luz simples e, sob a ação desta luz simples, nosso espírito é fixado, iluminado de uma maneira simples e totalmente enchido de graças e dons divinos e assim ad-

quire, com Deus, a semelhança, através da graça e o amor divinos.

No entanto, pelo fato mesmo de ele se assemelhar a Deus, buscá-lo com intenção simples e amá-lo acima de todos os dons, nem a semelhança e nem a claridade criada podem lhe bastar. Ele sente, de fato, uma tendência fundamental, natural e sobrenatural, para uma essência imensa, de onde ele próprio vem.

Por outro lado, a unidade da essência divina tem por propriedade atrair eternamente a ela mesma tudo o que se assemelha a ela. É por isto que o espírito se inflama com o desejo de desfrutar e se imerge em Deus como em seu repouso eterno, pois a graça divina é, para Deus, o que o raio é para o sol. Ela é o intermediário e o caminho que nos leva a Deus. Assim, ela brilha em nós de uma maneira simples, nos dando a cor divina, ou seja, a semelhança com Deus.

Ora, aquele que possui assim a semelhança flui de si mesmo, a todo momento, para passar para Deus, tornar-se um com ele e permanecer assim, porque a caridade nos dá esta unidade e nos faz residir e habitar no um.

No entanto, conservamos eternamente a semelhança na luz da graça ou da glória, enquanto mantemos nos-

sa atividade de caridade e de virtudes e mantemos a unidade com Deus acima das nossas ações, na nudez do nosso espírito, em plena luz divina, enquanto possuímos Deus no repouso, acima de todas as virtudes.

Para que haja semelhança, de fato, é preciso que a caridade opere eternamente, mas na unidade com Deus, através do amor ao prazer, não há repouso jamais. Isto é chamado de comércio de amor, pois, em um mesmo instante, em um mesmo tempo, o amor opera e repousa em seu Bem-amado.

As duas coisas se fortificam mutuamente, pois, quanto mais alto sobe o amor, mas há repouso e quanto mais o repouso é profundo, mais o amor é íntimo. Um vive no outro. Quem ama não tem repouso e quem não desfruta do repouso não tem amor.

No entanto, às vezes parece, à pessoa justa, que ela não ama Deus realmente e que ela não encontra nele seu repouso. Mas esta mesma sensação vem do amor, pois é porque ela quer amar além do seu próprio poder que esta pessoa acredita permanecer aquém dele.

Na mesma operação, ela desfruta ao mesmo tempo do amor e do repouso, pois ninguém pode compreender o

que é amar em ação e ter repouso no prazer se não estiver abandonado e vazio de si e iluminado por Deus.

No entanto, todos os que amam Deus são um com ele e estão em repouso e se assemelham a ele na atividade do amor. Deus, de fato, em sua sublime natureza de onde tiramos a semelhança, possui ao mesmo tempo o prazer no eterno repouso, segundo a unidade essencial e a atividade na operação eterna, segundo a Trindade. Um é o complemento do outro e o repouso está ligado à unidade como a atividade à Trindade e isto é assim eternamente.

É por isto que, se a pessoa quer desfrutar de Deus, ela deve amar e se ela ama, ela desfrutará de seu sabor. Mas, se ela encontra satisfação nas coisas estranhas, ela não pode desfrutar do que é Deus.

Assim, devemos nos possuir, sermos simples em virtudes e em semelhança e possuir Deus acima de nós mesmos, através do amor, no repouso e na unidade. É desta maneira que, inicialmente, a pessoa que se dá universalmente a todos se torna estável.

CAPÍTULO 67

O segundo efeito do dom da inteligência[124].

Quando a claridade do sol banha a atmosfera, a beleza e a opulência do mundo inteiro se tornam visíveis, os olhos da pessoa se iluminam e lhe dão o prazer das mil cores diversas.

Da mesma forma, quando a simplicidade reina em nós mesmos e o espírito de inteligência ilumina e banha nosso intelecto possível, nos tornamos capazes de conhecer os sublimes atributos de Deus, fonte de todas as ações que emanam dele.

Se, de fato, todos podem compreender estas ações e, por seu meio, conhecer o próprio Deus, ninguém, no entanto, pode ter a inteligência amorosa do atributo de onde vem a ação divina, nem apreendê-la propriamente segundo sua natureza fundamental, se não for por meio do dom da inteligência.

Este dom, de fato, nos ensina a contemplar e a conhecer nossa própria nobreza, ao mesmo tempo em que nos dá o discernimento das virtudes e dos exercícios di-

[124] Cf. acima, no livro II, os cap. 37 e 38.

versos, para nos fazer viver sem medo de errar, em conformidade com a Verdade Eterna.

Iluminada assim, a pessoa pode levar uma vida espiritual e usar sua razão iluminada, para observar e compreender todas as coisas como convém, no céu e na terra.

É por isto que ela vive no céu, contemplando e escrutando com todos os santos, a alta nobreza do seu Amante Divino, sua sublimidade inapreensível, sua profundidade, seu comprimento e sua largura inacessíveis, sua imensidão e sua verdade infinitas, sua bondade e sua misericórdia inexprimíveis e cada um dos amáveis atributos que são em Deus nosso bem-amado e que ultrapassam todo número e toda medida em sua sublime natureza, pois ele mesmo é tudo isto.

Daí, a pessoa iluminada volta seus olhares para si mesma, para todas as pessoas e para todos os seres e vê como Deus, em sua bondade totalmente gratuita, criou uns e os enriqueceu com dons da natureza, de mil maneiras, querendo ainda, acima da natureza, dar a ele mesmo a eles, como uma riqueza, desde que eles o queiram buscar e desejar.

Cada olhar racional voltado assim para a infinita variedade da riqueza divina enche nosso espírito de alegria,

se é que, pelo amor divino, passamos de nós mesmos para Deus, vivemos e caminhamos segundo o espírito e desfrutamos das coisas da eternidade.

É o dom da inteligência que nos faz ver a unidade que temos e possuímos em Deus, por meio do amor prazeroso que nos transporta e da semelhança que temos com ele, por meio da caridade e das virtudes.

O mesmo dom espalha luz e claridade em nós, o que nos permite levar uma vida espiritual com discernimento, contemplar e conhecer Deus sob a forma de representações espirituais, de nos conhecer, enfim, bem como todas as coisas, segundo o modo e a medida da luz, segundo a vontade de Deus e a nobreza do nosso intelecto.

É assim como, em segundo lugar, a pessoa universalmente devotada se torna iluminada.

CAPÍTULO 68

O terceiro efeito do dom da inteligência[125].

Na medida em que a claridade do sol brilha na atmosfera, o calor cresce e espalha a fertilidade por toda

[125] Cf. acima, livro II, cap. 39-44.

parte. Da mesma forma, quando nossa razão e nossa inteligência se tornam tão iluminadas que elas adquirem um conhecimento distinto da verdade divina, do seu lado, a vontade, que é a força amorosa, se aquece até fluir abundantemente e a espalhar universalmente sua fidelidade e seu amor.

O dom da inteligência, de fato, estabelece em nós um amor amplo e universal, como fruto do conhecimento da verdade que nos dá sua claridade, pois aqueles que possuem a simplicidade no mais alto nível são, ao mesmo tempo, os mais apaziguados neles mesmos e os mais profundamente imersos em Deus.

Iluminados na inteligência e ricos em boas ações mais do que todos os outros, eles se dão também mais amplamente em um amor que se espalha sobre todos. Tendo mais semelhança com Deus, eles são, por isto mesmo, livres de obstáculos, pois Deus é simples em sua essência, claro em sua inteligência e amor e se dá amplamente a todos em suas ações.

Ora, na medida em que nos assemelhamos a Deus sob este tríplice ponto de vista, somos também mais unidos a ele. É por isto que devemos permanecer fundamen-

talmente simples, olhar todas as coisas à luz da inteligência e nelas derramar comumente os fluxos do nosso amor.

Da mesma forma, o sol que brilha no firmamento permanece tão bem nele mesmo quanto ele é simples e imutável e, no entanto, sua claridade e seu calor são comuns a todo o mundo. Compreendamos então como devemos caminhar à luz da razão iluminada, com um amor comum a todos.

O Pai é o princípio de toda a divindade, segundo a essência e segundo as Pessoas. É por isto que devemos nos prostrar em espírito, com uma humildade cheia de respeito perante a sublimidade do Pai, adquirindo assim esta humildade que é o fundamento de todas as virtudes. Depois, adorando intimamente seu poder e lhe prestando uma soberana homenagem, seremos elevados em espírito, pois foi através deste poder que Deus fez sair todas as coisas do nada e as mantém no ser.

A fidelidade e o amor de nosso Deus estimularão, de nossa parte, o louvor, o reconhecimento e a submissão sem fim, pois ele nos livrou dos laços do demônio e da morte eterna e nos tornou livres. Além disto, animados por uma grande piedade, representaremos, à sabedoria divina, a cegueira e a ignorância em que jazem as pessoas

que desejam que todos recebam a luz e o conhecimento da verdade, de maneira a que Deus seja conhecido e honrado por todos.

Imploraremos ainda a misericórdia divina para os pecadores, para que eles se convertam e progridam em virtude e dediquem assim, a Deus, um verdadeiro amor. Iremos lançar mão dos ricos dons divinos, para espalhá-los amplamente sobre todos aqueles que precisam deles, para que, beneficiados assim, eles se voltem para Deus e o possuam todos.

Passando depois para as obras realizadas por Cristo em sua humanidade para o serviço de todos, nós as ofereceremos ao Pai celeste como um tributo de honra e de reverência, seguros assim de sermos ouvidos em todas as nossas preces. O zelo íntimo dos anjos, dos santos e de todos os justos se juntará a elas como homenagem a Deus, em Cristo Jesus, para unir nossos louvores aos deles.

Tudo o que se faz, enfim, na Santa Igreja, o sacrifício augusto oferecido por todos os sacerdotes, tudo o que podemos nós mesmos praticar em nome de Cristo, será para nós apresentado ao Pai celeste, a fim de poder encontrá-lo, se tornar semelhante a ele em amor universal

e, acima de qualquer semelhança, atingir a simplicidade e ser unido a ele na unidade essencial.

Devemos sempre, de fato permanecermos com Deus na unidade e sempre nos dispersar, com ele e com todos os santos, em um amor universalmente devotado. Depois, precisamos sempre retornar para Deus com sentimentos de reconhecimento e de louvor, para nos imergirmos, através do amor de fruição, no repouso essencial.

Esta é a vida mais rica que eu conheço e assim possuímos o dom da inteligência[126].

CAPÍTULO 69

O dom da sabedoria[127].

Quando se opera o retorno que acaba de ser mencionado, a unidade que se desfruta com Deus se parece com uma treva que desafia toda determinação ou conhecimento[128].

---

[126] Ruysbroeck reserva o tratamento mais longo __ três capítulos __ de seu amplo horizonte espiritual para o "dom da inteligência". Este dom do Espírito Santo é, portanto, capaz de impactar mais do que qualquer outro no nosso amadurecimento interno e místico na semelhança com Cristo.
[127] Cf. acima livro II, cap. 49-55.
[128] Cf. *Os sete degraus da escada do amor espiritual*, cap. 14.

Ora, nosso espírito, através do amor e da intenção simples, faz este retorno oferecendo a Deus, de uma maneira ativa, todas as virtudes e abandonando a si mesmo ao desfrute de Deus, acima de todas as virtudes. É neste retorno amoroso que acontece o nascimento do sétimo dom: o espírito de sabedoria saborosa, que penetra com dardos luminosos e o prazer espiritual a simplicidade do nosso espírito, a alma e o próprio corpo.

Ele consiste em um impulso espiritual ou toque divino que se faz sentir na unidade do nosso espírito e é o ponto de partida e o fundamento de todas as graças, de todos os dons e de todas as virtudes e enquanto Deus exerce este toque, cada um pode desfrutar do sabor de suas práticas e de sua vida, segundo a força do toque divino e da medida do seu amor.

Este impulso divino é o intermediário mais íntimo entre Deus e nós, entre o repouso e o trabalho, entre o modo e o não modo, entre o tempo e a eternidade.

Ora, Deus opera em nós este impulso espiritual, em primeiríssimo lugar, antes de derramar algum dom e, no entanto, não é em todo lugar que ele é conhecido e saboreado por nós, pois, quando buscamos Deus amorosamente através de todos os nossos exercícios, até o fundo

mais íntimo de nós mesmos, percebemos a irrupção de todas as graças e de todos os dons divinos.

Quanto ao toque divino propriamente, nós o sentimos na unidade das nossas forças superiores, acima da razão, mas não sem que a razão intervenha[129], pois percebemos que somos tocados.

Mas, a partir do momento em que queremos saber o que é isto e de onde vem isto, a razão só pode falhar, bem como toda consideração criada.

De fato, mesmo que o ar estivesse todo iluminado pela claridade do sol e os olhos estivessem claros e saudáveis, se quiséssemos seguir os raios que trazem a luz até o próprio disco solar, os olhos recusariam a ajuda deles, obrigados que estão a receber passivamente o brilho dos raios.

Assim, a irradiação da luz incompreensível que brilha na unidade das nossas forças superiores é tão grande que toda operação da criatura que se faz distintamente deve desaparecer. É preciso aqui que nossa faculdade de ação se apague diante da operação íntima de Deus e esta é a fonte de todos os dons, pois se fôssemos capazes de

[129] Cf. Ricardo de São Vítor. *De gratia contemplationis*, livro I, cap. VI (Migne P. L., t. 196, col. 70).

apreender Deus inteiramente, ele se daria a nós sem intermediário, o que não pode acontecer, pois somos muito estreitos e muito pequenos para abrangê-lo.

É por isto que ele derrama em nós seus dons na medida de nossa capacidade e de acordo com a perfeição das nossas práticas, pois a unidade fecunda de Deus paira acima da união das nossas forças e reclama de nós, incessantemente, a semelhança, através do amor e das virtudes.

CAPÍTULO 70

Como o dom da sabedoria faz atingir o mais alto grau da vida mais íntima[130].

A iluminação divina sem medida, que é de um brilho incompreensível, que é causa de todos os dons e de todas as virtudes e que é ela mesma uma inapreensível luz, investe e penetra a tendência fruitiva do nosso espírito com uma claridade que desafia toda determinação e compreensão[131].

[130] Os capítulos 70-73 terminam a descrição da vida interior, mostrando qual é o ponto culminante deste segundo estágio da vida espiritual.
[131] A luz divina não é outra aqui do que aquela que foi mencionada nos capítulos 51 e 69, quando se falou do toque divino.

Com esta luz, o espírito imerge no repouso do prazer e este repouso não poderia ser nem medido e nem sondado. Ele só pode ser conhecido por ele mesmo, pois, se pudéssemos conhecê-lo e apreendê-lo, retornaríamos ao modo e à medida. A partir do momento em que ele não pudesse mais nos satisfazer, ele se tornaria uma preocupação perpétua.

Aí está porque a tendência simples e amorosa do nosso espírito que mergulha no repouso faz nascer em nós um amor de fruição que é insondável e o abismo de Deus chama o abismo, ou seja, todos aqueles que são unidos ao Espírito de Deus através do amor de fruição.

Este chamado é como a inundação de uma claridade essencial[132] e esta claridade essencial, que nos envolve com um amor imenso, nos faz nos perdermos e nos escoarmos para a treva inexplorada da divindade e, unidos assim, sem intermediário, ao Espírito divino, formando um só com ele, podemos reencontrar Deus com a ajuda do próprio Deus e possuir com ele e nele a beatitude eterna.

Assim, recebemos a toda hora novos toques divinos, para que, a toda hora, aconteça uma renovação maior e

[132] Jordaens traduz como "uma certa claridade habitual".

uma semelhança mais perfeita em virtudes. Tocado assim novamente, o espírito é tomado pela fome e pela sede. Ele quer, na tempestade do amor, esgotar o prazer espiritual e atravessar todo esse abismo, para ser saciado.

Daí nasce uma avidez por desejos insaciáveis, acrescida de uma perpétua impotência, pois, se todos os espíritos amorosos desejam Deus e tendem para ele, cada um segundo seu modo de perfeição e a força do toque divino, no entanto, Deus permanece eternamente inapreensível à atividade dos nossos desejos e esta é a causa, para nós, de uma fome eterna e de um eterno retorno afetivo, em união com todos os santos.

Mas quando se faz o encontro com Deus, a claridade e o ardor são tão grandes e tão desmesurados que todos os espíritos devem parar de agir, se fundindo e se perdendo, sob o sentimento do amor, em sua própria unidade. É preciso então sofrer a ação íntima de Deus, como puras criaturas e aqui, nosso espírito, a graça divina e todas as nossas virtudes se confundem em um só amor afetivo, sem operação, pois o espírito, tendo esgotado toda ação, se tornou, ele mesmo, amor.

Então, o espírito é simples, disposto a receber todos os dons e hábil a todas as virtudes e nessa própria fonte

do amor borbulha o veio jorrante, a irradiação ou a operação íntima de Deus que nos move a toda hora, nos incita, nos chama ao interior e nos dispersa em novas ações virtuosas.

Assim, eu lhes mostrei o fundamento e o modo de todas as virtudes.

CAPÍTULO 71

O primeiro modo da vida mais íntima.

A vida mais íntima é praticada segundo três modos. Às vezes, de fato, a pessoa interiorizada, pela inclinação fruitiva, entra em si mesma de uma maneira simples, acima de toda atividade e de todas as virtudes, para se dedicar a um olhar simples no amor de prazer[133] e lá, ela encontra Deus sem intermediário e, da unidade de Deus, brilha nela uma luz simples e esta luz se mostra ser treva, nudez e nada.

Nessa treva, a pessoa é envolvida e afunda em um estado sem modos, onde ela está perdida. Na nudez, toda consideração e distinção das coisas lhe escapam e ela é

[133] Cf. *Os sete degraus da escada do amor espiritual*, cap. 14, o segundo modo de introdução ao prazer em Deus.

informada e penetrada por uma claridade simples. No nada, ela vê falhar todas as suas ações, pois ela é derrotada pela atividade do amor imenso de Deus e, pela inclinação fruitiva do seu espírito, ela triunfa de Deus e se torna um espírito com ele[134].

Nesse estado de união no Espírito de Deus, essa pessoa sente nascer nela um prazer de fruição e ela toma posse da essência divina e, enquanto ela faz a volta e mergulha nela mesma, em sua existência essencial, ela é cumulada por delícias infinitas e tesouros da riqueza divina.

Essa riqueza, por sua vez, espalha, na unidade das forças superiores, o envolvimento e a plenitude de um amor sentido, enquanto que deste amor flui, ao coração e às forças inferiores, um prazer penetrante e delicioso[135].

Sob a ação deste fluxo poderoso, a pessoa se torna imóvel no interior, impotente nela mesma e em todas as suas ações. Ela não sabe e não sente, no fundo mais íntimo dela mesma, em sua alma e em seu corpo, nada mais

---

[134] No encontro de Deus sem intermediário, a pessoa é iluminada pela luz divina, que Ruysbroeck chama aqui de "uma luz simples". Mas esta luz, não repousando sobre nada criado, só aparece como uma treva, uma nudez, um nada, pois Deus está acima de toda compreensão. Nesse grau, a pessoa compreende então que Deus não é nada do que se pode conhecer, mas ultrapassa infinitamente todo conhecimento. Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 29 e 31 e *Os sete degraus da escada do amor espiritual*, cap. 18.

[135] Encontramos aqui a tríplice unidade dos capítulos 05, 06 e 07 deste Livro II.

do que uma claridade singular, acrescida de uma sensação de bem-estar e um prazer penetrante.

Este é o modo que é todo de ociosidade, pois ele torna a pessoa ociosa com relação a todas as coisas e a ergue acima das obras e acima de todas as virtudes. Ele a une a Deus e dá, aos exercícios mais íntimos que se possa praticar, um caráter firme e estável.

Além disto, assim que alguma ocupação ou exercício de virtude é capaz de introduzir, na pessoa interiorizada, um intermediário ou uma imagem, lá onde o retorno deve ser todo puro, como ela deseja, isto se torna logo um obstáculo ao modo de que tratamos, pois este modo é uma passagem de todas as coisas a uma pura ociosidade.

É assim então que se realiza o primeiro modo dos exercícios mais íntimos.

CAPÍTULO 72

O segundo modo dos exercícios mais íntimos.

A pessoa interiorizada pode operar ainda seu retorno para Deus de uma maneira afetiva e ativa, com o propósito de lhe prestar honra e veneração e de se oferecer e

consumir nele, com tudo o que é capaz, por amor a Deus e aqui o encontro com Deus se dá através de um intermediário.

Ora, este intermediário é o dom de sabedoria saborosa que é a base e a origem de todas as virtudes e que atiça e põe em movimento a pessoa interiorizada, segundo a medida do seu amor, para atraí-la para o bem.

Às vezes, enfim, este dom a toca e a abrasa de amor de uma maneira tão intensa que todos os outros dons de Deus e todas as suas liberalidades lhe parecem pouca coisa e não podem satisfazê-la, mas fazem crescer, invés disto, seu ardor impaciente, se Deus não se dá.

Há, de fato, uma percepção ou um sentimento íntimo no fundo dela mesma, lá onde todas as virtudes surgem e onde elas se iniciam, onde ela oferece a Deus todas as virtudes de uma maneira afetiva e lá onde reina o amor.

Segue-se uma fome e uma sede tão grandes que esta pessoa se abandona a qualquer hora e deixa toda ação, se consumindo e se aniquilando em amor, pois ela tem fome e sede de desfrutar de Deus e a cada brilho do olhar divino, ela se sente tomada por Deus e tocada novamente pelo amor. Ela vive e, no entanto, ela morre e, ao morrer,

ela revive. É assim que a fome e a sede afetivas de amor se renovam nela a qualquer hora.

Este é o segundo modo dos exercícios mais íntimos e ele é afetivo e o amor nele se mantém em semelhança e ele deseja e quer se unir a Deus. Este modo nos é, além disto, útil e mais precioso do que o primeiro, do que ele mesmo é a causa, pois ninguém pode chegar ao repouso que ultrapassa a ação se não amou antes com um amor ávido e ativo.

É por isto que a graça e nosso amor ativo devem, ao mesmo tempo, preceder e seguir, ou seja, o exercício dele deve ser praticado antes e após, pois sem os atos de amor não podemos nem merecer e nem obter Deus e nem, depois, conservar o que o amor ativo nos fez adquirir.

Ninguém então deve permanecer ocioso quando tem o domínio de si mesmo e pode praticar o amor. Assim, quando a pessoa interiorizada se detém, por pouco que seja, em qualquer dom de Deus ou em qualquer criatura, ela encontra um obstáculo a este exercício da vida mais íntima, que consiste em uma fome que nada pode satisfazer, a não ser Deus somente.

Capítulo 73

O terceiro modo dos exercícios mais íntimos.

Dos dois modos precedentes nasce o terceiro, que pode ser chamado de uma vida interior conforme a justiça.

Compreendamos bem, de fato, que Deus vem incessantemente a nós, com um intermediário ou sem um intermediário e ele exige que nós desfrutemos e operemos, sem que um impeça o outro, mas, invés disto, que incessantemente um fortifique o outro.

É por isto que a pessoa interiorizada leva uma vida de duas maneiras, ou seja, no repouso e na ação. Ela está, aliás, inteiramente e sem divisão, em um ou na outra, pois, ela está totalmente em Deus, onde encontra o repouso do prazer e ela está totalmente nela mesma, dedicada à ação amorosa e, a qualquer hora, Deus a convida e a exorta a retomar um ou outro, o repouso ou a ação.

A toda hora também a justiça que reina em seu espírito quer pagar o que Deus reclama dela e é por isto que, a cada olhar de Deus, o espírito se recolhe interiormente, de uma maneira ativa ou de uma maneira fruitiva, se renovando assim em todas as virtudes e penetrando mais a fundo no repouso do prazer, pois Deus, em uma mesma

liberalidade, se comunica com todos os seus dons e o espírito, do seu lado, a cada retorno para Deus, se dá com todas as suas obras.

Pela simples iluminação ativa, de fato e sob a ação de sua tendência fruitiva e de sua imersão de amor, o espírito é unido a Deus e é transportado incessantemente no repouso. Por outro lado, sob a influência do dom de inteligência e do dom de sabedoria saborosa, a pessoa é tocada e estimulada à ação, é iluminada a qualquer instante e inflamada de amor e lhe é mostrado e apresentado no espírito tudo o que se pode desejar.

Assim, vendo o alimento dos anjos e a bebida celeste, ela é tomada pela fome e pela sede. Ela suporta grande esforço de amor, porque entrevê seu repouso. Peregrina, ela percebe sua Pátria e, lutando com amor pela vitória, ela vê brilhar a coroa.

Consolação, paz, alegria, beleza, riquezas, tudo o que faz nascer a alegria, tudo isto aparece em Deus sem medida e, ao intelecto iluminado, sob imagens espirituais. E sob a influência deste espetáculo e deste toque divino, o amor permanece ativo, pois esta pessoa dotada de justiça estabeleceu em seu espírito uma vida verdadeira, dada ao repouso e à ação e esta vida durará eternamente,

mas será transformada, depois da vida presente, em um estado mais elevado.

É assim que a pessoa é justa, indo a Deus com um amor íntimo, com uma perpétua atividade e entrando em Deus com sua inclinação de fruição, em um eterno repouso[136]. Lá, ela permanece em Deus e, no entanto, ela sai, se dá com um amor comum a todas as criaturas e se dedica às obras de virtude e de justiça.

Este é o grau mais alto da vida interior e todos aqueles que não praticam ao mesmo tempo o repouso e a ação ainda não adquiriram a justiça de que falamos.

Quando a pessoa é realmente justa, ela não pode ser entravada na prática do seu retorno interior para Deus, pois ela executa tudo ao mesmo tempo, desfrutando dele e agindo. Mas, tal como um espelho de duas faces, que reflete imagens de ambos os lados, em sua parte superior ela recebe Deus com todos os seus dons, enquanto que, em sua parte inferior, seus sentidos são afetados por imagens corpóreas.

Daqui por diante, ela pode se voltar interiormente quando ela quiser e praticar a justiça[137] sem obstáculo,

---

[136] Cf. *Os sete degraus da escada do amor espiritual*, cap. 14.
[137] Sobre a justiça, cf. livro I, cap. 11 e 24.

mas, durante esta vida, a pessoa é móvel e é por isto que ela se desvia frequentemente e exerce sua sensibilidade fora do que é necessário e desejado pela razão iluminada, caindo assim em faltas veniais. Mas essas faltas, graças ao retorno amoroso da pessoa justa para Deus, são como uma gota de água em uma fornalha ardente[138].

Com isto, eu termino o que diz respeito à vida interior.

CAPÍTULO 74

Os falsos místicos e, primeiramente, aqueles que vivem em oposição com o primeiro modo[139].

Há pessoas que parecem boas, mas que, no entanto, levam uma vida totalmente contrária aos três modos que acabamos de tratar, bem como a todas as virtudes.

Que cada um então se examine e prove a si mesmo, pois todo aquele que não é atraído e nem iluminado por Deus não pode sentir o toque de amor e não tem nem a-

[138] Este é o *fervor charitatis*, de que fala São Tomás de Aquino. Cf. *Suma teológica*, IIIa, q. 79, a. 4, ad 1 ; q. 87, a. 3, ad 3.
[139] Nestes quatro últimos capítulos, o autor refuta os falsos místicos do seu tempo e mostra como eles estão em oposição com os três modos de vida interior que foram descritos.

plicação ativa e nem afetiva, nem simples inclinação amorosa para o repouso de prazer. Assim, ela não pode se unir a Deus, pois todos aqueles que vivem sem amor sobrenatural se voltam para si mesmos e buscam o repouso em coisas estranhas.

Toda criatura, de fato, se entrega naturalmente ao repouso e é por isto que os bons e os maus o buscam, mas de maneiras bem diferentes. Saibam então que, assim que a pessoa se livra e se abstrai de imagens na parte sensorial, se torna ociosa e sem ação segundo as forças superiores, ela entra naturalmente em repouso.

Ora, todos são capazes de descobrir e de possuir este repouso neles mesmos, simplesmente pela natureza e fora da graça de Deus, a partir do momento em que eles podem se abstrair de imagens e de toda ação[140]. Mas não é assim que a pessoa amorosa pode se repousar, pois a caridade e o impulso íntimo da graça de Deus não permanecem ociosos e é por isto que a pessoa interiorizada não pode durar por muito tempo nela mesma no repouso natural.

Mas vejam de que maneira entendem praticá-lo. Sentam-se tranquilamente, livres de qualquer exercício

[140] Cf. *O espelho da salvação eterna*, cap. 17 e 18 e *As sete clausuras*, cap. 14.

interior ou exterior, em plena ociosidade, para encontrar o repouso e poder conservá-lo sem entrave.

Acreditem que o repouso tomado desta maneira não é permitido, pois ele causa na pessoa uma cegueira completa e uma ignorância de todo saber, ao mesmo tempo que um colapso em si mesma que exclui toda ação. Isto não passa de uma ociosidade estéril em que cai a pessoa e na qual ela se esquece dela mesma, se esquece de Deus e de todas as coisas, assim que é preciso fazer uma atividade qualquer.

Isto é muito contrário ao repouso sobrenatural que se possui em Deus e que consiste em se fundir de amor e em fixar, de uma maneira simples, a incompreensível claridade.

Este repouso em Deus deve ser buscado de uma maneira ativa, com uma íntima afeição e é a inclinação fruitiva que o faz ser descoberto e possuído eternamente na imersão amorosa. Mesmo possuído, ele é, no entanto, sempre buscado e ele ultrapassa o repouso natural, na medida em que Deus o faz prevalecer sobre todas as criaturas.

Assim, estão no erro todas as pessoas que, buscando a elas mesmas, se sepultam no repouso natural e não

buscam Deus através da afeição e nem o encontram através do amor de fruição, pois o que elas adquirem assim não passa do fruto de uma ociosidade completa delas mesmas, para a qual elas são inclinadas por natureza e hábito adquirido.

Não é assim que se pode encontrar Deus, mas só se obtém uma fútil ociosidade que os pagãos, os judeus e até mesmo as pessoas mais perversas podem se propiciar se eles conseguem suprimir de suas vidas todo remorso pelos seus pecados e se subtraírem de toda imagem e de toda atividade.

Em uma ociosidade assim, o repouso é agradável e completo. Em si, ele não constitui um pecado, pois ele é natural e acontece em toda pessoa que consegue ficar na ociosidade. Mas, quando se quer dedicar a ele e possuí-lo fora de toda ação virtuosa, se cai em um orgulho espiritual e em uma complacência consigo mesmo que dificilmente pode ser curada. Às vezes se acredita então possuí-lo, quando, na realidade, jamais se aproximou dele.

Quando a pessoa repousa assim, em uma falsa ociosidade e pensa que toda aplicação amorosa lhe é um obstáculo, ela toma seu repouso nela mesma e se coloca em

contradição com o primeiro modo de união a Deus e isto é uma fonte de todos os erros espirituais.

Aqui está então um exemplo para observar. Os anjos que se voltaram para Deus, com tudo o que eles tinham recebido dele, pela busca do amor e da fruição, encontraram a beatitude e o repouso eternos, mas aqueles que se voltaram para eles mesmos e buscaram neles o repouso, se comprazendo na própria luz natural deles, só tiveram uma satisfação ilícita e de curta duração. Imediatamente cegos e afastados da luz eterna, eles caíram nas trevas e em um tormento sem fim[141].

Vocês veem então o que é primeiramente oposto aos modos sobrenaturais: um repouso adquirido em uma fútil ociosidade.

CAPÍTULO 75

Como os falsos místicos conduzem suas ações em oposição com o segundo modo.

Quando a pessoa quer encontrar algum repouso na ociosidade, sem aplicação íntima e nem afetiva a Deus,

[141] Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 01.

ela é capaz de todos os erros, pois ela se desvia de Deus para se voltar para ela mesma, através do amor natural e não busca e só deseja consolação, doçura e satisfação.

Semelhante a um comerciante, ela pratica todas as suas ações por interesse pessoal, buscando e perseguindo seu repouso e seu benefício mais do que a honra de Deus. Tendo assim em sua vida um amor puramente natural, ela se mantém incessantemente em seu próprio espírito, sem o esquecimento de si mesma.

Há aqueles que levam uma vida rude e praticam numerosas penitências para terem a reputação e a fama de grande santidade e merecerem assim uma boa recompensa, pois todo amor natural busca seu próprio bem e tomaria de bom grado a honra na terra e uma grande recompensa na eternidade.

Outros possuem grandes desejos, pedindo e desejando muitas coisas extraordinárias da parte de Deus e isto geralmente é para eles uma causa de erro, pois acontece às vezes de eles obterem, por intermédio do demônio, as coisas que eles desejam e eles pensam que isto é o fruto da santidade deles e que mereceram tudo isto, quando na verdade eles são orgulhosos e estranhos ao toque e à iluminação divinos.

Assim, eles permanecem voltados para eles mesmos, tremendamente felizes com a menor consolação, pois ignoram o que lhes falta. Um apetite descontrolado os atrai inteiramente para um deleite interior e uma satisfação espiritual puramente naturais.

Isto é o que se chama de luxúria espiritual, pois é uma propensão desordenada ao amor natural, que faz com que se volte para si mesmo e que se busque seu bem-estar em todas as coisas.

Cheios também de orgulho espiritual e de vontade própria, essas pessoas se voltam às vezes com uma paixão tal e um ardor tal para o que elas desejam e o que elas reclamam com amargura da parte de Deus que elas se desviam frequentemente e algumas até caem em posse do demônio.

Toda essa gente leva uma vida inteiramente oposta à caridade e ao retorno amoroso pelo qual se oferece a si mesmo, com tudo o que se pode dar, para a honra e o amor a Deus, um retorno que só pode se deter e se satisfazer em um bem incompreensível que é Deus apenas, pois a caridade é um laço de amor que nos arrasta para Deus e pelo qual, ao abandonarmos a nós mesmos, somos unidos a Deus e Deus a nós.

O amor natural, pelo contrário, se volta para si mesmo e para seu próprio bem e permanece sempre só. No entanto, ele se parece, pelos seus atos exteriores, com a caridade, como dois fios de cabelo em uma mesma cabeça, mas as intenções são diferentes.

A pessoa justa, de fato, busca, persegue e deseja incessantemente, com um coração zeloso, a honra de Deus, enquanto que aquele que age por amor natural só vê a ele mesmo e sua própria vantagem.

Quando então o amor natural predomina com relação à caridade, ele faz surgirem quatro pecados, que são o orgulho, a cupidez, a gula e a luxúria do espírito.

Foi assim que caiu Adão no Paraíso e com ele a natureza humana inteira, pois ele se amou com um amor natural de uma maneira descontrolada e se desviou então de Deus, cujos mandamentos ele desprezou por orgulho. Ele desejou com cupidez a ciência e a sabedoria, buscou com a gula a satisfação do gosto e do prazer, após o que, ele sentiu os impulsos da luxúria.

Maria, pelo contrário, foi um Paraíso vivo. Ela encontrou a graça perdida por Adão e muito mais ainda, pois ela é a mãe do amor. Com toda caridade, ela se voltou para Deus de uma maneira ativa e com toda humilda-

de ela acolheu Cristo. Depois, generosamente, ela o ofereceu ao Pai, com todos os seus sofrimentos, não se detendo jamais, através da gula, em desfrutar de consolação ou dom qualquer e toda sua vida passou na pureza. Quem deseja segui-la triunfa de tudo o que se opõe à virtude e entra no Reino onde ela reina com seu Filho, por toda a eternidade.

CAPÍTULO 76

Como os falsos místicos estão em oposição com o terceiro modo e com toda a virtude.

Quando então a pessoa possui o repouso natural em uma vã ociosidade, buscando a ela mesma em todas as suas ações e permanecendo obstinadamente presa ao seu próprio espírito, ela não pode se unir a Deus, pois ela vive fora da caridade e da semelhança divina. Daí vem uma terceira oposição que é extremamente nociva e que consiste em uma vida contrária a toda justiça, cheia de erros espirituais e de todas as perversidades.

Observem isto com todo cuidado para compreenderem bem.

Aqueles de quem falo imaginam contemplar Deus e sonham em ser os mais santos do mundo. No entanto, a vida deles está totalmente em oposição e em dessemelhança com Deus, todos os santos e as pessoas de bem.

Notem bem o sinal pelo qual vocês poderão reconhecê-los tanto em suas palavras quanto em suas ações. Por causa do repouso natural que eles desfrutam neles mesmos na ociosidade, eles se consideram livres e unidos a Deus, sem intermediário, elevados acima de toda prática da Santa Igreja, dos mandamentos de Deus, da Lei e de todas as ações virtuosas, sejam elas quais forem, pois a ociosidade deles lhes parece de tão grande importância que não se deve colocar nenhum obstáculo a ela, através de alguma ação, por melhor que ela seja, já que ela está acima de qualquer virtude.

Assim, eles se entregam a uma pura passividade, sem nenhuma operação no alto e nem em baixo, tal como o tear que, por ele apenas, permanece inativo e espera que seu mestre queira trabalhar nele, para que, ao fazerem qualquer coisa, impeçam Deus de operar.

A ociosidade deles se estende a toda virtude, a tal ponto que eles não querem agradecer e nem louvar Deus. Eles não se dedicam nem a conhecer, amar, querer, rezar

ou desejar, convencidos de que já estão em posse de tudo o que poderiam pedir ou desejar.

Assim, eles se acreditam pobres em espírito, porque não possuem vontade de nenhum tipo, tendo abandonado tudo e não colocando em suas vidas nenhuma escolha que lhes seja própria.

Livres de tudo, tendo superado todas as coisas, eles possuem, ao que lhes parece, aquilo para o qual todo exercício da Santa Igreja é instituído e estabelecido. Desta maneira, como eles dizem, ninguém, nem mesmo Deus, é capaz de lhes dar ou tirar nada, pois, na opinião deles, eles estão além de todos os exercícios e de todas as virtudes e chegaram a uma pura ociosidade, onde estão livres de qualquer virtude.

Eles afirmam, aliás, que é mais difícil se libertar das virtudes, através do espírito da ociosidade do que adquirir essas mesmas virtudes. Assim, ávidos de liberdade, não querem obedecer a ninguém, nem ao Papa, nem ao Bispo, nem ao Pároco e então, mesmo que eles não tenham exteriormente a aparência, eles não possuem nenhuma submissão interior para o que quer que seja, nem na vontade deles, nem nas ações deles, pois eles estão

plenamente livres de tudo o que é do domínio da Santa Igreja.

Daí, eles chegam a dizer que, enquanto a pessoa tende à virtude e deseja cumprir a caríssima vontade de Deus, ela ainda é imperfeita, preocupada que está em adquirir virtudes e ignorando tudo sobre esta pobreza de espírito e esta ociosidade que eles preconizam.

Para eles, eles se acreditam erguidos acima de todos os coros dos santos e dos anjos e acima de toda recompensa que possa ser merecida de alguma maneira que seja.

Eles pensam então jamais poderem crescer em virtudes e nem merecerem mais ou cometerem pecados, pois eles não possuem mais vontade, já que abandonaram a Deus seus espíritos dados ao repouso e à ociosidade, sendo uns com Deus e reduzidos ao nada quanto a eles mesmos.

A consequência disto é que eles podem consentir com todo desejo da natureza inferior, pois eles retornaram à inocência e as leis não são mais para eles. Então, se a natureza é inclinada para o que lhe dá satisfação e se para lhe resistir, a ociosidade de espírito deve ser distraída ou impedida de alguma forma, eles obedecem aos ins-

tintos da natureza, para que a ociosidade de espírito deles permaneça sem obstáculo.

Assim, eles não têm nenhuma estima pelos jejuns, nem pelas festas, nem por qualquer preceito que seja e eles só os observam pela estima das pessoas, pois em todas as coisas, eles levam a vida deles sem consciência.

Eu espero que tais pessoas não sejam em grande número, mas, quando são encontradas, elas são as piores pessoas e as mais perigosas. Às vezes mesmo, elas são possuídas pelo demônio e possuem então tanta astúcia que é difícil superá-las pelo raciocínio.

Mas a Escritura Santa, os ensinamentos de Cristo e nossa fé nos mostram bem que eles estão no erro.

CAPÍTULO 77

Outra categoria de pessoas perversas.

Há ainda outras pessoas perversas que diferem das precedentes em certos pontos. Como as outras, estas pretendem a ociosidade com relação a toda ação, para serem apenas instrumentos com os quais Deus faz o que ele bem quer.

Com isto, eles se dizem em pura passividade, sem operação e acreditam que as obras que Deus realiza assim, através deles, são as mais nobres e as mais meritórias do que todas aquelas que pode fazer outra pessoa por ela mesma com a graça de Deus. Eles são portadores da ação divina, não fazem nada por eles mesmos, ao mesmo tempo em que é Deus que opera quando eles agem.

Eles são também incapazes de pecar, já que é Deus quem age, enquanto que eles estão em ociosidade total e só realizam o que Deus quer e nada mais.

Sem atividade nenhuma, eles estão em um pleno abandono interior deles mesmos e querem viver alheios a qualquer escolha.

Eles afetam maneiras humildes e resignadas e podem muito bem suportar e sofrer com igualdade de alma tudo o que lhes acontece, pois acreditam estar nas mãos de Deus, como instrumentos com os quais Ele executa sua vontade.

Seus modos e seus atos se parecem geralmente com os das pessoas boas e só lhes são opostos em certas circunstâncias. Essas pessoas consideram, de fato, como vindo do Espírito Santo tudo aquilo para o qual elas são atraídas, seja de acordo ou oposto à lei e nisto, como em

coisas semelhantes, elas se enganam, pois o Espírito de Deus não pode querer, aconselhar ou operar, em qualquer pessoa, coisas que estejam em contradição com o ensinamento de Cristo ou da Santa Igreja.

É difícil reconhecer tais pessoas, se não se for divinamente esclarecido e se não se possui o discernimento dos espíritos e a verdade divina. Extremamente sutis, elas são capazes de disfarçar, sob uma aparência ou uma desculpa, o que nelas está em contradição com Deus.

Mas eles são, ao mesmo tempo, tão teimosos e tão cheios de espírito próprio que morreriam antes de abandonar algo que sonharam, pois se consideram como os mais santos e os mais altamente esclarecidos que existem no mundo.

O que os distingue da categoria precedente é que pensam ainda crescer e adquirir méritos, enquanto que os outros afirmam serem incapazes de novos méritos, porque chegaram à posse da unidade e da ociosidade que exclui todo crescimento e suprime todos os exercícios.

Eles se igualam em perversidade e são as piores pessoas e assim, é preciso fugir deles, como aos demônios do inferno.

Se vocês compreenderam a doutrina que acabo de expor tão longamente, lhes será fácil ver que eles se enganam, pois vivem em oposição com Deus, com a justiça e com todos os santos. Eles são todos arautos do anticristo que preparam o caminho para toda a incredulidade.

Eles pretendem, de fato, serem livres, fora dos mandamentos divinos e das virtudes e se manterem em uma união ociosa com Deus, sem amor e nem caridade. Eles querem contemplar Deus, excluindo dele o olhar amoroso e serem as mais santas das pessoas, sem as obras da santidade.

Eles dizem encontrar repouso n'Aquele que eles não amam, serem elevados até Aquele que não querem e nem desejam e, por medo de perturbar Deus em sua operação, eles suprimem toda virtude e toda aplicação.

Mesmo confessando que Deus é o criador e o senhor de todas as ações deles, eles se abstém de louvá-lo ou de agradecê-lo.

Se eles acreditam que Ele seja infinitamente poderoso e rico, eles pensam, no entanto, que ele não pode lhes dar nada e nem lhes tomar, enquanto eles próprios são incapazes de crescer ou de merecer.

Outros sustentam, pelo contrário, terem direito a uma recompensa maior do que qualquer outro, porque Deus realiza as ações deles, enquanto que eles suportam a ação dele de uma maneira passiva, sendo eles mesmos operados e é nisto que, no dizer deles, está o mais alto mérito.

Isto é um erro claro e uma impossibilidade, pois o que Deus opera nele mesmo é eterno e imutável. Ele é o próprio termo de sua operação, com exclusão de qualquer outra e nesta operação não há crescimento ou mérito para nenhuma criatura. Somente Deus é que não pode crescer e nem diminuir.

Mas, pela virtude de Deus, as criaturas têm suas próprias obras na natureza, na graça e também na glória e quando essas obras terminam aqui em baixo na graça, elas duram eternamente na glória[142].

Além disto, se, por impossibilidade, a criatura espiritual fosse, quanto à sua ação, reduzida ao nada, se tornando tão vazia de atividade quanto quando não existia, ou seja, tão una com Deus quanto quando só existia em seu pensamento, ela não mereceria mais do que ela não merecia então. Ela não seria mais santa e nem mais feliz

[142] Cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*, IIa IIae, q. 23, a. 2.

do que uma pedra ou um pedaço de madeira, pois, sem operação própria, sem amor e nem conhecimento de Deus, não podemos ter beatitude. Deus seria bem-aventurado como ele é por toda eternidade e isto não nos daria nada mais.

É então um completo erro esta ociosidade e aqueles que falam dela buscam apresentar uma aparência de bem ao que não passa de malícia e perversidade, afirmando que isto é mais nobre e mais elevado do que toda virtude.

Eles usam a pior das aparências sutis que os fazem passar pelo que há de melhor. Em oposição com Deus e todos os santos, eles se parecem mais com espíritos condenados ao inferno, que são sem amor e sem conhecimento, que são vazios de qualquer sentimento de ação de graças e de louvores, bem como de qualquer aplicação amorosa, o que é a causa da condenação eterna deles.

Às pessoas de quem falamos falta verem suas vidas engolidas pela eternidade e o justo julgamento se manifestar sobre as obras delas.

Cristo Filho de Deus, pelo contrário, que em sua humanidade é, para todos os bons, uma Cabeça e uma norma de vida, sempre foi, é e será eternamente cheio de amor, de desejo, de reconhecimento e de louvor para com

seu Pai celeste, em união com todos os seus membros, ou seja, com todos os santos. Sua alma era, portanto, boa, permanece para sempre unida à essência divina e soberanamente feliz, sem que o vazio mencionado aqui lhe possa de alguma maneira ser atribuído, pois essa alma gloriosa e todos aqueles que desfrutam da beatitude possuem uma eterna aplicação de amor, como aqueles que, famintos e sedentos de Deus, já desfrutaram dele, sem jamais poderem ser saciados.

No entanto, a alma de Cristo e todos os santos desfrutam de Deus além de todo desejo, onde não há mais do que um. Isto é a beatitude eterna de Deus e de todos os seus eleitos[143].

Desta forma então, desfrutar e agir é a beatitude de Cristo e de todos os santos e é também a vida de todos os justos, cada um segundo a medida do seu amor. Tal retidão não desaparecerá jamais.

Assim, devemos, a exemplo dos santos, ornamentar nossa vida, no exterior e no interior, com virtudes e bons costumes. Depois, devemos nos oferecer com todas as nossas obras, perante os olhos de Deus, com amor e humilde, para encontrá-lo por meio de todos os seus dons.

[143] Cf. *Os sete degraus da escada do amor espiritual*, cap. 14.

É então que recebemos o toque de um amor sentido, que nos enche de uma devoção comum para com todos. Desta maneira se produzem em nós o fluxo e o refluxo de uma justa caridade, enquanto adquirimos e guardamos firmemente, no interior, uma paz simples e a semelhança divina.

Por meio desta semelhança, acrescida do amor de fruição e da claridade divina, podemos nos imergir na unidade e encontrar Deus, graças ao próprio Deus, sem intermediário, no repouso do prazer e nele estaremos nós, permanecendo sempre no interior, mas fluindo sempre para o exterior, para reentrarmos novamente sem cessar.

Isto é possuir uma verdadeira vida interior com toda perfeição.

Que Deus nos ajude a conseguir isto! Amém.

LIVRO III

A vida contemplativa.

CAPÍTULO 01

Como se chega uma vida de contemplação divina.

Quando o amante íntimo possui Deus no repouso do prazer, mantendo em si mesmo um amor ativo sempre desperto e uma vida inteira dedicada às virtudes segundo a justiça, graças a estes três elementos e à revelação secreta de Deus, ele chega, como verdadeira pessoa interiorizada, a uma vida de contemplação divina.

Sim, este amante divino, totalmente interior e justo, Deus, por sua livre escolha, quer elevar até uma contemplação supraessencial, em plena luz divina e segundo o modo divino[144].

Ora, esta contemplação nos estabelece em uma pureza e uma limpidez que nos elevam acima de todo intelecto, pois ela dá à alma uma sublime nobreza, ela a coroa

[144] A tradução de Jordaens acrescenta aqui: *citra, tamen, statum beatitudinis consummatae* (aquém, contudo, do estado de beatitude consumada).

de uma maneira celeste e, além disto, ela mesma é a recompensa eterna de todas as virtudes e de toda a vida.

Ninguém poderia chegar a ela através da profundidade da ciência ou perspicácia qualquer, nem por algum exercício, mas somente aquele que Deus quer unir ao seu espírito e iluminar ele mesmo é capaz desta contemplação divina e nenhum outro.

A natureza oculta de Deus contempla e ama eternamente de uma maneira ativa, segundo as Pessoas e, segundo a unidade da essência, ela desfruta incessantemente do abraço das Pessoas. Ora, nesse abraço, na unidade essencial de Deus, todos os espíritos interiores são um com Deus pela efusão do amor[145] e esse mesmo um que a essência divina de Deus em si, segundo o modo da beatitude eterna e, nessa sublime unidade da natureza divina, o Pai celeste é fonte e princípio de toda ação realizada no céu e na terra e, nesse segredo profundo onde se imerge o espírito, ele diz: *Vejam que vem o Noivo! Saiam ao seu encontro!*

Precisamos explicar agora estas palavras e entendê-las no contexto de uma contemplação supraessencial na qual imergem toda santidade e toda vida perfeita sobre a

[145] Cf. *O sete degraus da escada do amor espiritual*, cap. 14.

terra. A esta contemplação divina há poucas pessoas que podem chegar, tanto por causa de sua própria inabilidade quanto em razão do mistério da luz onde ela acontece.

Assim, ninguém é capaz de compreender propriamente e até o fundo o sentido das minhas palavras, através de um ensinamento qualquer ou através da perspicácia do seu intelecto, pois tudo o que se pode dizer, ensinar ou compreender, segundo o modo das criaturas, é estranho à verdade que eu tenho em vista e fica bem abaixo dela.

Mas aquele que está unido a Deus e é iluminado por esta verdade pode compreendê-la por ela mesma, pois apreender e compreender Deus, acima de todas as comparações, tal como ele é nele mesmo, é ser Deus com Deus[146], sem intermediário nem diferença qualquer capaz de colocar entre ele e nós um obstáculo ou um meio.

É por isto que eu desejo que todo aquele que não compreenda e nem sinta, na unidade fruitiva do seu espírito o que eu digo, não se escandalize e deixe ser o que é,

[146] Com esta expressão muito forte e, no entanto, muito exata, Ruysbroeck quer dizer, sem nenhuma dúvida, que o conhecimento de Deus, tal como ele é nele mesmo, só pode ser dado ao ser humano na luz divina. Então se conhece Deus como Deus conhece ele mesmo e isto é, de certa maneira, ser Deus com Deus. No entanto, o autor jamais propõe esta visão direta de Deus como se produzem *per modum formæ immanentis* (pelo modo da forma imanente), o que é reservado somente à visão beatífica.

pois o que eu quero falar é verdadeiro e Cristo, a Verdade Eterna, a expressou com seu ensinamento em muitas passagens, desde que saibamos descobri-las e trazê-las à luz.

Aquele então que quer compreender estas coisas deve estar morto para si mesmo e viver em Deus. Depois, voltar a face para a luz eterna que brilha no fundo do seu espírito, lá onde a verdade oculta se revela sem intermediário.

O Pai celeste, de fato, quer que sejamos videntes, pois ele é um Pai de luzes e é por isto que ele pronuncia eternamente, no segredo do nosso espírito, sem intermediário e sem parar jamais, uma palavra única e profunda como o abismo e nada mais e nesta palavra ele fala dele mesmo e fala de todas as coisas e esta palavra não diz nada além do que: *Vejam!* E é assim que é expresso e que nasce o Filho da luz eterna, em quem se conhece e se vê toda a beatitude.

CAPÍTULO 02

Três condições requeridas para a contemplação de Deus na luz divina[147].

Para que o espírito possa contemplar Deus por Deus mesmo, sem intermediário, nessa luz divina, devem ser reunidas três condições.

A primeira é que se esteja bem ordenado externamente em todas as virtudes e que, no interior, se esteja sem entraves e tão livre de todas as ações exteriores como se não agisse realmente, pois se está interiormente preocupado com alguma ação de virtude, a imagem dela se imprime no espírito e enquanto ela durar, não se pode contemplar.

A segunda condição é que se adira a Deus interiormente com uma intenção e um amor que se unem como um fogo ardente e abrasador que não se pode se extinguir jamais. Assim que se sente isto em si mesmo se é capaz de contemplar.

Em terceiro lugar, é preciso estar perdido em si mesmo em uma ausência de modos e em uma treva onde todos os espíritos contemplativos são engolidos agrada-

[147] Cf. acima Livro I, cap. 01 e Livro II, cap. 01 e 04, onde são enumeradas as condições para ver, ou na vida ativa ou na vida interior.

velmente, incapazes de jamais encontrarem eles mesmos segundo o modo da criatura.

É no abismo desta treva que o espírito morre para ele mesmo e que começam a revelação de Deus e a vida eterna, pois é lá que brilha e que é gerada uma luz incompreensível, o próprio Filho de Deus, em quem se contempla a vida sem fim[148].

Nesta luz nos tornamos videntes e esta luz é dada ao espírito em sua existência simples, lá onde ele recebe a claridade que Deus mesmo, acima de todos os dons e de toda obra de criatura, no vazio totalmente livre do espírito, onde, por meio do amor de fruição, ele mesmo se perdeu e recebe, sem intermediário, a claridade divina e logo é totalmente transformado nessa mesma claridade que ele recebe[149].

Vejam que essa claridade misteriosa na qual se contempla tudo o que se deseja, em relação com o vazio do espírito, essa claridade é tão grande que o contemplador amoroso não percebe e nem sente em seu próprio fundo

---

[148] Cf. São João da Cruz. *A subida do Monte Carmelo*, Livro I, cap. 01 e Livro II, cap. 02.

[149] Aqui e em outras passagens o autor ensina que o espírito é transformado em Deus. A expressão, por mais forte que pareça, não deve nos surpreender, pois ela é comum nos autores místicos. O próprio São Tomás de Aquino não teme utilizá-la (cf. *In Joan*. Cap. VI, lect). Além disto, no tratado seguinte, Ruysbroeck terá o cuidado de afastar dela toda interpretação panteísta.

onde ele repousa nada mais do que uma luz incompreensível e, segundo a nudez simples que envolve todas as coisas, ele se vê e se sente transformado na própria luz que o faz ver e nada mais[150].

É assim que se se torna vidente na luz divina. Bem-aventurados os olhos que veem assim, pois eles possuem a vida eterna.

CAPÍTULO 03

Como a vinda eterna de Deus se renova na parte mais nobre do espírito.

Quando nos tornamos videntes, podemos contemplar com alegria a eterna vinda de nosso Noivo e este é o segundo ponto sobre o qual queremos falar.

O que é então esta segunda vinda do nosso Noivo e que chamamos de eterna?

É como uma nova geração do Verbo[151], uma iluminação que se faz sempre novamente, pois o fundo de onde brilha esta claridade e que é a própria claridade é vivo e

[150] Cf. São João da Cruz. *A subida do Monte Carmelo*, Livro II, cap. II.
[151] A vinda eterna de que fala Ruysbroeck designa então uma nova revelação feita à alma sobre a geração eterna do Verbo de Deus. Revelação à qual se aplica bem a expressão de nova iluminação que caracteriza este estado.

fecundo. Assim, a revelação da luz eterna se renova incessantemente no segredo do espírito.

Vejam que toda obra de criatura e todo exercício de virtude devem aqui ceder espaço, pois aqui somente Deus faz a função de Deus no cume mais elevado e mais nobre do espírito[152] e, daqui por diante, trata-se apenas de contemplar e de fixar eternamente a luz por ela mesma e nela mesma.

A vinda do Noivo é, aliás, tão abrupta que ele sempre vem e permanece com uma riqueza infinita e incessantemente ele vem novamente pessoalmente com uma claridade totalmente nova, como se antes ele não tivesse vindo, pois vir para ele se faz fora do tempo, em um eterno agora e esta vinda é sempre recebida com delícias e uma alegria novas.

Vejam que essas delícias e essa alegria, que este Noivo traz em sua vinda, são insondáveis e imensas, pois é ele mesmo. Assim, os olhos com os quais o espírito contempla e fixa seu Noivo são tão imensamente abertos que jamais eles se fecham, pois, para o espírito que recebe a revelação secreta de Deus, contemplar e fixar duram e-

[152] A ideia é que, neste grau elevado de contemplação, a alma, ultrapassando toda obra de criatura e todo exercício de virtude, se torna unicamente atenta à operação eterna de Deus nela mesma e a contempla como se acontecessem no teatro do espírito que está unido a ela.

ternamente e ele se abre tão amplamente para apreender o Noivo quando ele se apresenta, que ele é transformado na própria imensidão que ele apreende. Isto é abranger e ver Deus por ele mesmo e é nisto que consiste toda a beatitude.

Este é o segundo ponto, onde se vê como incessantemente recebemos em nosso espírito a eterna vinda de nosso Noivo.

CAPÍTULO 04

Como nosso espírito é convidado a sair para contemplar e para desfrutar.

O Espírito de Deus diz então no íntimo do nosso espírito, que se imerge nele: “Saia, para uma contemplação e um gozo eternos, segundo o modo divino”.

Toda a riqueza que estão em Deus por natureza, nós a possuímos nele por amor e Deus a possui em nós por meio do amor imenso que é o Espírito Santo, pois neste amor se desfruta de tudo o que se pode desejar.

É por isto que, sob sua ação, somos mortos para nós mesmos e saímos, pela imersão do amor, em uma ausência de modos e uma treva. Lá, o espírito, todo abrasado

pela Trindade Santa, permanece para sempre na unidade supraessencial, no repouso e no prazer.

Ora, nessa mesma unidade, enquanto fecunda, o Pai está no Filho e o Filho no Pai e todas as criaturas estão neles e isto está acima da distinção pessoal, pois só se considera aqui paternidade e filiação, na fecundidade viva da natureza, pela distinção da razão.

CAPÍTULO 05

Uma saída eterna que possuímos na geração do Filho.

Esta é a fonte e a origem de uma eterna saída e de uma eterna operação sem começo, pois se trata, de fato, de uma origem que não tem começo.

É por isto mesmo que o Pai onipotente, no abismo de sua fecundidade, compreende totalmente ele mesmo, o Filho, o Verbo Eterno do Pai é gerado como segunda Pessoa da divindade e, por esta geração eterna, todas as criaturas nasceram eternamente antes de terem sido criadas no tempo.

Assim, Deus as viu e conheceu nele mesmo, distintamente, segundo as ideias que estão nele e como outras

além dele. Não outras, no entanto, de todas as maneiras, pois tudo o que está em Deus é Deus.

Essa origem e essa vida eterna que possuímos em Deus e que somos fora de nós mesmos é o princípio de nosso ser criado no tempo e nosso ser criado está ligado ao ser eterno, fazendo um só com ele, segundo a existência essencial[153].

Ora, esse ser ou essa vida que possuímos eternamente e que somos na Sabedoria Eterna de Deus é idêntico a Deus, pois ele permanece eternamente sem distinção na essência divina e, por outro lado, ele flui eternamente na geração do Filho e ele é outro e distinto, segundo a ideia eterna e, por causa destas duas características, nosso ser eterno é tão semelhante a Deus que Deus se reconhece e se reflete incessantemente nessa semelhança, segundo a essência e segundo as Pessoas, pois, mesmo que haja aqui distinção e alteridade[154] de razão, o que é semelhante a Deus é feito um, no entanto, com a própria imagem da Trindade Santa, a Sabedoria divina, em quem

[153] Reencontramos aqui a ideia familiar ao nosso autor, segundo a qual há para nós uma vida eterna no pensamento divino, uma vida que foi depois traduzida no tempo, no dia em que fomos criados. A primeira é chamada de "ser eterno" e a segunda é o "ser criado". Cf. *O espelho da salvação eterna*, cap. 08 e acima, o Livro II, cap. 02 e cap. 57.

[154] Este termo é o único termo que dá conta literalmente da palavra *anderheit*, que Surius traduziu, aliás, por *alteritas*.

Deus mesmo se contempla com todas as coisas, em um eterno agora, sem antes e nem depois[155].

É somente com uma visão simples que Deus enxerga a si mesmo e enxerga todas as coisas e esta Sabedoria divina é imagem e semelhança de Deus e ela é para nós o divino exemplo, pois aqui Deus reflete a ele mesmo com todas as coisas.

Nessa imagem divina, todas as criaturas têm uma vida eterna, fora delas mesmas, como em seu exemplo eterno e foi segundo essa imagem eterna e essa semelhança que a Trindade Santa nos criou.

É por isto que Deus quer que saiamos de nós mesmos à luz divina e que nos esforcemos por alcançar sobrenaturalmente essa imagem que é nossa própria vida, a fim de possuí-la com ele, de uma maneira ativa e fruitiva, na beatitude eterna.

Podemos saber bem, de fato, que o seio do Pai é nosso próprio fundo e nossa origem e que nossa vida e nosso ser nele tem seu princípio. Desse fundo que nos é próprio, ou seja, do seio do Pai e de tudo o que vive nele, brilha um claridade eterna, que é a geração do Filho e

[155] Esta é a tradução palavra por palavra do texto original: *in enen ewighen Nu, sonder vore en na*.

nessa claridade, que é o Filho, Deus vê a ele mesmo à descoberto, com tudo o que vive nele, pois tudo o que ele é e tudo o que ele possui, ele dá ao Filho, com a única exceção da propriedade da paternidade, que permanece própria dele.

É por isto que tudo o que vive no Pai, no segredo da unidade, vive no Filho às claras na efusão para fora e o fundo simples de nossa imagem eterna permanece sempre na treva e sem modos, enquanto que a claridade imensa, que brilha do seio dessa treva, manifesta e revela, segundo os modos, o segredo de Deus e todos aqueles que, acima do seu ser criado, são elevados até uma vida contemplativa, são um com essa claridade divina.

Eles são a própria claridade e eles veem, sentem e descobrem, sob essa luz divina, que, segundo seu ser ideal ou incriado, eles são, eles mesmos, esse abismo de simplicidade, de onde a claridade resplandece sem medida em modos divinos e, segundo a simplicidade da essência, permanece no interior bem simples, eternamente, sem modos.

É por isto que as pessoas intimamente contemplativas devem sair, segundo o modo da contemplação, ultrapassando a razão e o que ela distingue, bem como seu ser

criado, com um olhar sempre voltado para o interior. Sob a ação da luz que nasce neles, eles são transformados e se tornam um com essa própria luz que lhes permite ver e que contemplam. Assim, os contemplativos atingem seu exemplo eterno, à imagem do qual eles foram criados e contemplam Deus e todas as coisas sem distinção, com uma visão simples, na claridade divina.

Esta é a contemplação mais nobre e a mais frutífera que possa ser atingida nesta vida, pois nessa contemplação, a pessoa permanece eminentemente senhora de si e livre e a cada retorno amoroso, ela pode crescer em altura de vida, além de toda compreensão, enquanto se volta livremente e em total controle para a íntima devoção e a virtude.

Quanto ao olhar simples para a luz divina, ele está acima de toda devoção íntima, de toda virtude e de todo mérito, pois é a coroa e a recompensa pelas quais aspiramos, que temos e possuímos, de certa maneira, desde agora, já que a vida contemplativa é uma vida celeste.

No entanto, se formos libertados do exílio presente, estaremos aptos, segundo nosso ser criado, a receber a claridade e assim poderemos ser mais penetrados e mais nobremente, em todas as maneiras, pela glória de Deus.

Este é o modo que ultrapassa todos os outros e segundo o qual se sai em uma contemplação divina e em um olhar que não cessa, enquanto que se é transformado na claridade divina e totalmente penetrado por ela.

Essa saída do contemplativo acontece também segundo o amor, pois, pelo amor de fruição, ele ultrapassa seu ser criado, descobre e desfruta da riqueza e das delícias que Deus mesmo é e que ele faz fluir sem interrupção no segredo do espírito, onde o contemplativo traz a semelhança da sublimidade divina.

CAPÍTULO 06

Um encontro divino que acontece no segredo do nosso espírito.

Quando o contemplativo íntimo, de certa maneira, atinge sua imagem eterna e, nessa pureza, foi colocado pelo Filho na posse do seio do Pai, ele é iluminado pela luz divina. Ele recebe a toda hora uma nova geração divina e ele sai, segundo o modo da luz, em uma contemplação divina. É aqui a origem do quarto e último elemento: o encontro amoroso que constitui principalmente nossa beatitude mais elevada.

Vocês devem saber que o Pai celeste, como um fundo vivo unido a tudo o que vive nele, se reflete ativamente em seu Filho, como em sua própria Sabedoria Eterna e essa mesma Sabedoria, com tudo o que vive nela, faz ativamente um retorno para o Pai, ou seja, para o próprio fundo de onde ela emana e desse encontro do Pai e do Filho procede a terceira Pessoa, que é o Espírito Santo, seu amor mútuo, que forma um só com eles na identidade de natureza.

Esse divino Espírito envolve e penetra ativa e prazerosamente o Pai e o Filho, com tudo o que vive neles, por uma grande riqueza e alegria, que todas as criaturas devem se calar eternamente sobre isto, pois a maravilha incompreensível que jaz nesse amor ultrapassa eternamente o entendimento de toda criatura.

Mas, quando se pode, sem espanto, perceber e desfrutar dessa maravilha, vê-se que o espírito está acima dele mesmo e um com o Espírito de Deus e na unidade do fundo vivo, onde ele se possui segundo o modo do seu ser ideal e incriado. Ele desfruta e vê como Deus, sem medida, a riqueza que é o próprio Deus.

Ora, esse encontro delicioso, segundo modo divino, se renova sem cessar em nós, de uma maneira ativa, pois

o Pai se dá no Filho e o Filho no Pai, em uma complacência eterna e um abraço amoroso e isto se renova a toda hora no laço do amor.

De fato, da mesma forma como, sem cessar, o Pai contempla novamente todas as coisas na geração do seu Filho, assim também, todas as coisas são novamente amadas pelo Pai e pelo Filho na emanação do Espírito Santo[156] e isto é o encontro ativo do Pai e do Filho, no qual somos abraçados amorosamente pelo Espírito Santo no eterno amor.

Este encontro ativo e este abraço amoroso estão no fundo da natureza divina fruitiva e sem modo, pois o abismo insondável de Deus é tão tenebroso e tão desprovido de modos que ele engole nele todos os modos divinos, as operações e a propriedade das Pessoas no rico abraço da unidade essencial e constitui o prazer divino no abismo Daquele que não se pode nomear.

Isto é uma morte fruitiva e uma imersão que faz desaparecer na nudez essencial, onde todos os nomes divinos, todos os modos, todas as razões vivas que se refletem

[156] Cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*, Ia, q. 38, a. 2, ad 3: *Como o Pai diz, pelo Verbo que ele gerou a si mesmo e a toda criatura, na medida em que o Verbo gerado representa suficientemente o Pai e toda criatura; assim também ele ama a si mesmo e a toda criatura pelo Espírito Santo, na medida em que o Espírito Santo procede como amor da bondade primeira pela qual o Pai ama a si mesmo e a toda criatura*.

no espelho da verdade eterna são mergulhados no simples abismo inominado, sem modos e nem razões.

Nesse abismo sem fundo da simplicidade todas as coisas são engolidas na beatitude fruitiva, mas o fundo mesmo permanece totalmente incompreendido, a não ser a unidade essencial[157].

As Pessoas e tudo o que vive em Deus devem ceder diante desta unidade, pois não há aqui outra coisa além de um repouso eterno em um abraço de prazer onde se perde amorosamente e isto acontece na essência sem modos que todos os espíritos de devoção íntima elegeram acima de todas as coisas. Isto é o silêncio tenebroso onde se perdem todos os espíritos amorosos.

Se, através da prática das virtudes, pudermos nos tornar prontos assim, seremos libertados do nosso corpo, para vagarmos sobre as ondas selvagens desse mar e nenhuma criatura poderia jamais impedir isto.

Que o amor divino, que não rejeita nenhum mendigo, nos faça possuir o prazer da unidade essencial e contemplar claramente a Unidade na Trindade.

Amém.

[157] Cf. *Os sete degraus da escada do amor espiritual*, cap. 14.

Índice

A ORNAMENTAÇÃO DAS NÚPCIAS ESPIRITUAIS _____ 3

LIVRO I _____ 3
A VIDA ATIVA _____ 3
PRÓLOGO _____ 3
Vejam que vem o Noivo. Saiam ao seu encontro. _____ 3
CAPÍTULO 01 _____ 7
Três coisas necessárias para que se possa ver na vida ativa. _____ 7
CAPÍTULO 02 _____ 15
Como podemos saber as três maneiras segundo as quais Cristo vem. _____ 15
CAPÍTULO 03 _____ 18
Os dois tipos de humildade em Cristo. _____ 18
CAPÍTULO 04 _____ 20
A caridade em Cristo. _____ 20
CAPÍTULO 05 _____ 21
A paciência em Cristo. _____ 21
CAPÍTULO 06 _____ 25
A segunda vinda de Cristo. _____ 25
CAPÍTULO 07 _____ 28
Como se progride a cada dia através dos sacramentos. _____ 28
CAPÍTULO 08 _____ 29
A terceira vinda de Cristo. _____ 29
CAPÍTULO 09 _____ 30
Como Cristo se comportará no julgamento final. _____ 30
CAPÍTULO 10 _____ 31
As cinco categorias de pessoas que devem comparecer no julgamento. _____ 31
CAPÍTULO 11 _____ 35
Uma saída espiritual pela prática de todas as virtudes. _____ 35
CAPÍTULO 12 _____ 37

A humildade. 37
CAPÍTULO 13 39
A obediência. 39
CAPÍTULO 14 41
O abandono da vontade própria. 41
CAPÍTULO 15 42
A paciência. 42
CAPÍTULO 16 43
A mansidão. 43
CAPÍTULO 17 44
A bondade. 44
CAPÍTULO 18 45
A compaixão. 45
CAPÍTULO 19 48
A liberalidade. 48
CAPÍTULO 20 51
O zelo. 51
CAPÍTULO 21 52
A sobriedade. 52
CAPÍTULO 22 56
A pureza. 56
CAPÍTULO 23 59
O papel da justiça. 59
CAPÍTULO 24 61
O reino da alma. 61
CAPÍTULO 25 64
Um encontro espiritual entre Deus e nós. 64
CAPÍTULO 26 70
O desejo de conhecer o Noivo nele mesmo. 70
LIVRO II 74
A VIDA INTERIOR. 74
PRÓLOGO. 74
CAPÍTULO 01 75
Como se vê de uma maneira sobrenatural. 75
CAPÍTULO 02 77

A tríplice unidade que está em nós. 77
CAPÍTULO 03 82
O influxo da graça de Deus em nosso espírito. 82
CAPÍTULO 04 84
Três coisas são necessárias para ver sobrenaturalmente. 84
CAPÍTULO 05 86
A primeira vinda do Senhor à pessoa interiorizada. 86
CAPÍTULO 06 88
A segunda vinda do Senhor à pessoa interiorizada. 88
CAPÍTULO 07 89
A terceira vinda do Senhor. 89
CAPÍTULO 08 90
O primeiro modo na primeira vinda. 90
CAPÍTULO 09 93
A unidade do coração. 93
CAPÍTULO 10 94
O recolhimento. 94
CAPÍTULO 11 94
O amor sentido. 94
CAPÍTULO 12 95
A devoção. 95
CAPÍTULO 13 96
A ação de graças. 96
CAPÍTULO 14 98
Uma dupla dor que nasce da gratidão íntima. 98
CAPÍTULO 15 99
Uma comparação que explica o exercício do primeiro modo. 99
CAPÍTULO 16 100
Outra comparação sobre o mesmo exercício. 100
CAPÍTULO 17 101
O segundo modo na primeira vinda de Cristo. 101
CAPÍTULO 18 103
A alegria interior. 103
CAPÍTULO 19 104
O inebriamento espiritual. 104

CAPÍTULO 20 _____ 106
O que pode prejudicar a pessoa neste estado. _____ 106
CAPÍTULO 21 _____ 107
Uma comparação que fará compreender como é preciso se comportar neste estado. _____ 107
CAPÍTULO 22 _____ 109
O terceiro modo da vinda espiritual de Cristo. _____ 109
CAPÍTULO 23 _____ 111
A languidez e a impaciência de amor. _____ 111
CAPÍTULO 24 _____ 115
Os arrebatamentos e as revelações de Deus. _____ 115
CAPÍTULO 25 _____ 118
O que pode prejudicar aqueles que se dedicam ao terceiro modo. _____ 118
CAPÍTULO 26 _____ 120
Outro perigo. _____ 120
CAPÍTULO 27 _____ 121
Uma comparação com as formigas. _____ 121
CAPÍTULO 28 _____ 123
O quarto modo da vinda de Cristo. _____ 123
CAPÍTULO 29 _____ 126
Como deve agir a pessoa em seu abandono. _____ 126
CAPÍTULO 30 _____ 130
Os males que podem contrair aqueles que se dedicam a este quarto modo. _____ 130
CAPÍTULO 31 _____ 132
O segundo mal. _____ 132
CAPÍTULO 32 _____ 134
O terceiro mal, que consiste em quatro tipos de febres nocivas às pessoas. _____ 134
CAPÍTULO 33 _____ 139
Como os quatro modos descritos estão eminentemente em Cristo. _____ 139
CAPÍTULO 34 _____ 143
Como se deve viver para receber a iluminação interior. _____ 143

CAPÍTULO 35 _____ 145
A segunda vinda de Cristo. _____ 145
CAPÍTULO 36 _____ 146
Como o primeiro riacho desta fonte ornamenta a memória. ___ 146
CAPÍTULO 37 _____ 147
Como o segundo riacho de graça ilumina o intelecto. _____ 147
CAPÍTULO 38 _____ 152
Como Deus se dá universalmente a todos. _____ 152
CAPÍTULO 39 _____ 154
Como o terceiro riacho de graça confirma a vontade com toda perfeição. _____ 154
CAPÍTULO 40 _____ 156
Como é preciso sair para responder a estes dons._____ 156
CAPÍTULO 41 _____ 157
A primeira saída._____ 157
CAPÍTULO 42 _____ 159
A segunda saída._____ 159
CAPÍTULO 43 _____ 160
A terceira saída. _____ 160
CAPÍTULO 44 _____ 161
A quarta saída. _____ 161
CAPÍTULO 45 _____ 163
Como se reconhece aqueles que estão em oposição com a segunda vinda de Cristo._____ 163
CAPÍTULO 46 _____ 165
O amor universal de Cristo por todos. _____ 165
CAPÍTULO 47 _____ 167
Censura dirigida a todos aqueles que, vivendo dos bens eclesiásticos, não controlam seus comportamentos. _____ 167
CAPÍTULO 48 _____ 170
Como Cristo se deu a todos no sacramento do altar. _____ 170
CAPÍTULO 49 _____ 175
A unidade da natureza divina na Trindade das Pessoas. _____ 175
CAPÍTULO 50 _____ 176

Uma comparação que faz compreender como Deus habita a alma e a impulsiona natural e sobrenaturalmente._____ 176
CAPÍTULO 51 _____ 178
A terceira vinda de Cristo. _____ 178
CAPÍTULO 52 _____ 181
Uma saída íntima do espírito que acontece sob a influência do toque divino._____ 181
CAPÍTULO 53 _____ 184
Uma fome sem trégua que nosso espírito sente por Deus._____ 184
CAPÍTULO 54 _____ 186
Uma luta amorosa entre o espírito de Deus e nosso espírito.___ 186
CAPÍTULO 55 _____ 188
As obras fecundas do espírito. _____ 188
CAPÍTULO 56 _____ 190
O encontro espiritual._____ 190
CAPÍTULO 57 _____ 192
Um encontro com Deus na ordem simplesmente natural. _____ 192
CAPÍTULO 58 _____ 196
O encontro com Deus na ordem sobrenatural. _____ 196
CAPÍTULO 59 _____ 198
Como se possui Deus, na unidade e no repouso, acima de toda semelhança da graça. _____ 198
CAPÍTULO 60 _____ 200
A necessidade da graça de Deus. _____ 200
CAPÍTULO 61 _____ 202
A visita que fazem Deus e nosso espírito à unidade e à semelhança. _____ 202
CAPÍTULO 62 _____ 204
Como devemos encontrar Deus em todas as nossas ações. ____ 204
CAPÍTULO 63 _____ 207
Como, tanto na vida ativa quanto na vida espiritual, as virtudes são ordenadas por meio dos sete dons do Espírito Santo e começando pelo temor, a piedade e a ciência. _____ 207
CAPÍTULO 64 _____ 209
O dom da força. _____ 209

CAPÍTULO 65 _____ 211
O dom do conselho. _____ 211
CAPÍTULO 46 _____ 216
O primeiro efeito do dom da inteligência. _____ 216
CAPÍTULO 67 _____ 220
O segundo efeito do dom da inteligência. _____ 220
CAPÍTULO 68 _____ 222
O terceiro efeito do dom da inteligência. _____ 222
CAPÍTULO 69 _____ 226
O dom da sabedoria. _____ 226
CAPÍTULO 70 _____ 229
Como o dom da sabedoria faz atingir o mais alto grau da vida mais íntima._____ 229
CAPÍTULO 71 _____ 232
O primeiro modo da vida mais íntima._____ 232
CAPÍTULO 72 _____ 234
O segundo modo dos exercícios mais íntimos. _____ 234
Capítulo 73 _____ 237
O terceiro modo dos exercícios mais íntimos. _____ 237
CAPÍTULO 74 _____ 240
Os falsos místicos e, primeiramente, aqueles que vivem em oposição com o primeiro modo. _____ 240
CAPÍTULO 75 _____ 244
Como os falsos místicos conduzem suas ações em oposição com o segundo modo._____ 244
CAPÍTULO 76 _____ 248
Como os falsos místicos estão em oposição com o terceiro modo e com toda a virtude. _____ 248
CAPÍTULO 77 _____ 252
Outra categoria de pessoas perversas. _____ 252
LIVRO III _____ 260
A VIDA CONTEMPLATIVA. _____ 260
CAPÍTULO 01 _____ 260
Como se chega uma vida de contemplação divina. _____ 260
CAPÍTULO 02 _____ 264

Três condições requeridas para a contemplação de Deus na luz divina. _____ 264
CAPÍTULO 03 _____ 266
Como a vinda eterna de Deus se renova na parte mais nobre do espírito._____ 266
CAPÍTULO 04 _____ 268
Como nosso espírito é convidado a sair para contemplar e para desfrutar. _____ 268
CAPÍTULO 05 _____ 269
Uma saída eterna que possuímos na geração do Filho._____ 269
CAPÍTULO 06 _____ 274
Um encontro divino que acontece no segredo do nosso espírito. 274
ÍNDICE_____ 278